



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

FERNANDO HENRIQUE PEREIRA DA SILVA

**TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA DOS ESCÓLIOS DA PARÁBASE
DE CAVALEIROS**

FORTALEZA

2019

FERNANDO HENRIQUE PEREIRA DA SILVA

**TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA DOS ESCÓLIOS DA PARÁBASE
DE CAVALEIROS**

Pesquisa de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará tendo em vista a Defesa da dissertação para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu

Co-orientador: Prof. Dr. Lauro Inácio de Moura Filho

FORTALEZA

2019

FERNANDO HENRIQUE PEREIRA DA SILVA

Pesquisa de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará tendo em vista a Defesa da dissertação para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu

Co-orientador: Prof. Dr. Lauro Inácio de Moura Filho

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria César Pompeu (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Lauro Inácio de Moura Filho (Co-orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

Prof. Dr. Orlando Luiz de Araújo
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Roque Nascimento Albuquerque
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal traduzir os escólios da primeira parte da parábase principal da peça *Cavaleiros* (versos 498-550) do comediógrafo Aristófanes. Desta feita, como orientação teórica, faz-se uso da Linguística Sistêmico-Funcional para realização da tradução comentada-annotada a partir da análise dos usos do aspecto verbal (BOAS ET AL. 2019; RIJKSBARON, 2002; PORTER, 1993, 2004; COSTA, 1997). Metodologicamente, são feitos os seguintes passos. Em primeiro lugar serão apresentados os objetivos gerais e específicos do projeto. Em seguida serão desenvolvidas as reflexões teóricas sobre a tradução como (1) comentada-annotada; (2) escolha; (3) retextualização; (4) tarefa exegética; (5) epistemologia; (6) intertextualidade e (7) tarefa linguística. Depois será realizada a tradução comentada-annotada dos escólios considerando Dickey (2007), Nünlist (2009) e Moura Filho (2018) bem como as reflexões do capítulo anterior. Os resultados da pesquisa são sumarizados assim: (1) a tradução comentada-annotada contribuiu a uma melhor explicação do contexto sócio-histórico dos trechos da parábase a partir da LSF; (2) bem como a um melhor entendimento de como funciona o aspecto na língua grega e na portuguesa brasileira; (3) o estudo dos escólios tem muito a ser explorado considerando um viés que promova um diálogo entre os Estudos da Tradução com a Linguística, tendo em vista que ambas lidam com textos e (4) as reflexões de Britto a respeito da possibilidade puderam ser averiguadas na tradução da parábase do texto grego ao de língua portuguesa brasileira.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Linguística Sistêmico-Funcional. Parábase de *Cavaleiros*. Escólios de Aristófanes.

ABSTRACT

This dissertation has as main objective to translate the scholia of the first part of the main parabasis of the play *Knights* (verses 498-550) by comedian Aristophanes. As such, it follows as theoretical orientation Systemic-Functional Linguistics for the realization of the commented-annotated translation from the analysis of the uses of the verbal aspect (BOAS ET AL. 2019; RIJKSBARON, 2002; PORTER, 1993, 2004; COSTA, 1997). Methodologically, the following steps are taken. First, the general and specific objectives of the project will be presented. Next, the theoretical reflections on translation will be developed as (1) annotated-commentary; (2) choice; (3) retextualization; (4) exegetical task; (5) epistemology; (6) intertextuality and (7) linguistic task. The commented-annotated translation of the scholia will then be performed considering Dickey (2007), Nünlist (2009) and Moura Filho (2018) as well as the reflections of the previous chapter. The search results are summarized as follows: (1) the commented-annotated translation contributed to a better explanation of the socio-historical context of the excerpts from the parabasis from the LSF; (2) as well as to a better understanding of how the aspect works in Greek and in Brazilian Portuguese; (3) the study of the scholia has much to be explored considering a bias that promotes a dialogue between Translation Studies with Linguistics, considering that both deal with texts (4) Britto's reflections on the possibility of translation could be ascertained in the translation of the parabasis of the Greek text into the Brazilian Portuguese one.

Keywords: Translation Studies. Systemic Functional Linguistics. Parabasis of *Knights*. Scholia on Aristophanes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer chegar até aqui nesta defesa de Mestrado;

Aos meus pais, por perseverarem em cuidar de mim;

À professora Dra. Ana Maria César Pompeu, por demonstrar profundo domínio na
língua grega;

Ao professor Dr. Lauro Inácio de Moura Filho, por contribuir bastante para a
compreensão dos escólios;

Ao professor Dr. Roque Albuquerque, por me instruir na língua grega;

Aos professores doutores Orlando Luiz de Araújo e Tito Lívio Cruz Romão, por
estarem entre os membros da banca, pelo tempo dedicado à leitura e pelas
grandiosíssimas contribuições para esta dissertação.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE TRADUÇÃO	15
2.1 Tradução comentada e anotada	15
2.2 Tradução como escolha	16
2.3 Tradução como retextualização	17
2.4 Tradução como tarefa exegética.....	19
2.5 Tradução como epistemologia	21
2.6 Tradução como intertextualidade	23
2.7 Tradução como tarefa linguística.....	25
3. TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA DOS ESCÓLIOS DA PARÁBASE DE ARISTÓFANES	33
3.1 Características gerais dos escólios.....	33
3.2 Características dos escólios de <i>Cavaleiros</i>	35
3.3 Tradução comentada e anotada	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APÊNDICE A – TEXTO DA PARÁBASE EM GREGO E TRADUZIDO.....	67
APÊNDICA B – TRADUÇÃO COMENTADA: A VOZ DO POETA NA PARÁBASE.....	72

1. INTRODUÇÃO

Inserido na linha de pesquisa Tradução: *práxis, historiografia e a circulação da comunicação*, esta dissertação tenciona, primariamente, traduzir os escólios da parábase de *Cavaleiros*, peça do comediógrafo Aristófanes, datada de 424 a. C.

No que respeita à metodologia, depois das observações gerais sobre a peça *Cavaleiros* e sua parábase principal, tem-se o segundo capítulo destinado a apresentar as reflexões teóricas sobre tradução mediante o funcionalismo de Halliday¹. Em seguida serão feitas considerações gerais sobre os escólios de *Cavaleiros* passando, em seguida, à tradução comentada-anotada. Por fim, seguem as considerações finais.

O objetivo geral é refletir sobre a tradução a partir das seguintes considerações mediante uma visão Sistêmico-Funcional da linguagem em articulação com os Estudos da Tradução: (1) distinção entre tradução comentada e anotada; (2) tradução como escolha; (3) tradução como retextualização; (4) tradução como tarefa exegética; (5) tradução como intertextualidade; (6) tradução como epistemologia e (7) tradução como tarefa linguística.

O referencial teórico é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Para esta proposta a categorização do significado em três vieses. Metafunção ideacional, que é a representação do conteúdo das informações; metafunção interpessoal, cuja finalidade se volta para o interlocutor, e metafunção textual, cuja finalidade é a organização das metafunções mencionadas.

Além disso pelo viés da LSF se quer dizer também a adoção desse modelo linguístico como instrumento de interpretação e análise do texto. Na tradição da LSF pode-se abordar o texto como interpretação ou como meio de reflexão sobre a gramática². Nesta pesquisa adota-se primariamente o modelo de uso da LSF, embora algumas considerações serão feitas sobre gramática³.

¹ Nos Estudos de Tradução há várias abordagens de linha funcionalista. Todavia, optei por uma abordagem linguística, posto que um dos objetivos desta dissertação é providenciar análise do texto grego, o que, ao meu ver, uma perspectiva linguística é mais adequada, visto que toda tradução é de textos.

² Essa dicotomia é extraída do minicurso *O modelo de descrição gramatical da linguística sistêmico-funcional*, ministrado por Carlos Gouveia durante o IV Simpósio Internacional de Linguística Funcional, realizado no dia 31 de maio a 02 de junho de 2017 em Natal, Rio Grande do Norte.

³ Para um tratamento aprofundado da gramática de Aristófanes por meio da LSF ver ALBUQUERQUE, Roque. *No mundo das Nuvens: uma tradução de Νέφελαι (Nuvens) com referência a acionalidade, referência temporal e aspecto verbal grego*. Minnesota: Hamline University, 2018 (no prelo).

Quanto aos objetivos específicos, há dois. O primeiro é providenciar uma tradução minha comentada dos escólios da primeira parte da parábase de *Cavaleiros* (versos 498-550). A tradução comentada é entendida como a análise das escolhas feitas relativas à tradução considerando as diferenças entre os textos de partida e chegada. Neste caso, a pesquisa se detém ao aspecto verbal bem como a outros elementos linguísticos da língua grega como as partículas textuais. Metodologicamente far-se-á um breve recorte sobre o aspecto verbal tanto no grego clássico quanto no koiné (este um grego mais tardio que se aproxima do grego dos escólios) bem como o aspecto no português brasileiro (PB).

O segundo objetivo específico é providenciar uma tradução anotada⁴ a respeito do conteúdo dos escólios da parábase de *Cavaleiros* (versos 498-550) esclarecendo as explicações do escoliasta em relação à própria parábase. No que respeita a essa finalidade, levar-se-á em conta a pesquisa de Moura Filho (2018) realizada nos escólios de *Acarñenses*. Esta Tese traz várias contribuições para a presente pesquisa, dentre elas: (1) esclarecimento de terminologia técnica usada nos escólios; (2) uso de vocábulo específico deste gênero e (3) entendimento sobre a métrica antiga.

Aristófanes é considerado um dos maiores poetas da Grécia Antiga. Das suas peças, são do nosso conhecimento: *Acarñenses*, *Cavaleiros*, *Nuvens*, *Vespas*, *Paz*, *Aves*, *Lisístrata*, *Tesmoforiantes*, *Rãs*, *Assembleia de Mulheres* e *Pluto*.

A Comédia Antiga⁵ é constituída dos seguintes elementos. O prólogo, uma cena de exposição inicial. Em seguida, há o párodo, que é a entrada do coro. Outro elemento é o ágon, que consistia em um debate entre os oponentes de modo a apresentar o problema central. Além destes, há também a parábase, objeto de nossa pesquisa. Ela se localiza geralmente no meio da peça, como espécie de interlúdio do coral, por meio da qual o poeta se voltava para os espectadores mediante o coro, que era formado de vinte e quatro coreutas (POMPEU, 2019). A parábase tem uma estrutura composta de seis partes: (1) *Kommátion*, trecho curto de transição; (2) *parábasis* propriamente dita composta de tetrâmetros anapésticos; (3) *oidé*, invocação a um deus ou uma canção; (4) *epírrema*, composta de tetrâmetros trocaicos; (5) *antoide* e (6) *antepírrema* (POMPEU, 2019).

⁴ A distinção entre tradução comentada e anotada é um tanto arbitrária. Nos Estudos da Tradução ambos são termos intercambiáveis. Nesta pesquisa se faz a distinção por motivos didáticos. Assim a tradução comentada lida com questões relativas à tradução e seus problemas, ao passo que a tradução anotada diz respeito a notas explicativas sobre o conteúdo informacional dos escólios da parábase analisados.

⁵ Para mais detalhes a respeito da Comédia Antiga, ver Pompeu (2019).

De acordo com Duarte (2000), a parábase da comédia *Cavaleiros*, sendo essencialmente política na sua trama, é de caráter literário, e, por esse motivo, ocupa lugar especial na obra de Aristófanes. Ao seu ver, o propósito da peça é servir de fonte quer a historiadores, que a consideram um tratado sobre a demagogia depois da morte de Péricles, quer aos helenistas, que a percebem como um registro rico na trajetória da comédia antiga.

Por esse motivo, uma leitura desatenta poderia levar a crer que a parábase ou pelo menos os anapestos não estariam relacionados com o restante da peça de modo a constituir, talvez, não um corpo estranho, mas um intervalo lúdico em que as impressões sobre a arte do comediógrafo são transmitidas pelo corifeu (DUARTE, 2000).

A relação entre o papel do poeta e do político assim pode ser observada nas palavras de Pompeu (2017, p.14): “Mas a comédia, com toda a sua bagagem de chouriços, vista como um produto de baixa qualidade, está a serviço do povo e tem o objetivo de libertá-lo dos enganadores, sejam embaixadores estrangeiros, como em *Acarñenses*, ou os demagogos de Atenas”.

Como diz Aristóteles (2017) em *Poética*, ao falar da poesia, afirma que ela se dividiu conforme suas caracterizações: enquanto a tragédia mimetizava as belas ações e os homens que assim agem, a comédia mimetiza as ações infames, a comédia mimetiza homens inferiores. Por esse motivo, *allantopoles*, vendedor de salsichas, salsicheiro, é o herói cômico da peça, que é retratado como alguém ordinário por sua função.

Pompeu (2017) traduziu a palavra grega acima por Vendetripa, a fim de trazer uma imagem mais concreta para o público, já que Vendetripa “nos lembra mais dos feirantes e sua expressividade mais popular”. É o popular, o ordinário, o inferior, que é usado para se opor a Cléon, o demagogo representado por Plafogônio, o que borbulha, que faz barulhos.

Como Aristóteles (2017) ainda salienta, a tarefa do poeta não é a de dizer o que aconteceu; antes, o que é possível e poderia ter ocorrido conforme a probabilidade. É o que se pode notar com os nomes dados aos personagens como se nota abaixo com os versos 507-511 (POMPEU, 2017):

Se um entre os antigos diretores de comédias a nós
forçasse a recitar versos e avançar aos espectadores
não teria conseguido facilmente, mas agora digno é o poeta
porque os mesmos que nós ele odeia e ousa dizer o justo,
e numa valentia avança contra o Tifão e o ciclone.

Cléon aqui é recategorizado como Tifão/ciclone, o que, conforme Pompeu (2017), se liga às características do Barraqueiro, Plafogônio (de *paphlázō*, ferver, borbulhar), que é causador de confusão.

Essas observações de Pompeu podem ser ratificadas pelas palavras de Frye (2017, p.81): “Já na literatura é diferente, não porque o poeta não diga o que quer dizer, mas porque seu empenho está em juntar as palavras. O importante não é o que o poeta possa ter querido dizer, mas o que as próprias palavras dizem ao se encaixarem umas nas outras”.

É o que acontece nos versos acima da parábase. Cléon é retomado pelo processo linguístico chamado de referenciação (CAVALCANTE E LIMA 2013; CAVALCANTE E BRITO, 2014; CAVALCANTE ET AL, 2016), que consiste em retomar determinado objeto do discurso recategorizando de certa maneira, o que, por seu turno, pode gerar vários efeitos de sentido.

Como bem aponta Duarte (2000), a imagem proposta pelo poeta a fim de recategorizar seu inimigo sugere várias leituras, sendo, de imediato, comparado com as forças incontroláveis e devastadoras da natureza. Ainda como destaca Duarte (2000), o nome próprio, Tifão, faz referência ao monstruoso filho da Terra e do Tártaro na *Teogonia* que se volta contra Zeus. Por seu turno, segundo destaca Pompeu (2017), o poeta não seria a representação de Zeus, mas de Hércules, aquele que extermina monstros.

Como visto nos versos 507-511, segundo Duarte (2000), nem a política nem Cléon foram esquecidos como se o poeta de *Acarñenses* tivesse retornado em *Cavaleiros*. Já como diz Pompeu (2017) sobre esses versos, o coro de *Cavaleiros* faz elogios ao poeta que enfrenta Tifão e o ciclone.

Portanto, em Aristófanes, em especial pela parábase, parece-nos que a literatura (e a arte, em geral) e a política, na vida ateniense estão muito atreladas. Nesse sentido, parafraseando Frye (2017), pode-se dizer que a comédia não reflete a vida (inclusive a vida política), mas também não escapa ou se retira dela: engole-a a partir do próprio modo de ser da comédia.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE TRADUÇÃO

2.1 Tradução comentada e anotada

Neste capítulo tenciona-se apresentar as reflexões teóricas a respeito da tradução no seu escopo geral, da tradução comentada no caso específico, bem como do aspecto verbal. Posto que a tradução que se faz é de textos, é necessário abstrair um elemento textual para sua análise, que neste caso é o aspecto verbal.

Dada essa ênfase na tradução voltada não à língua, mas ao texto, é preciso definir este. Halliday e Hasan (1989) entendem o texto como produto e processo. Como processo, quer dizer que o texto é um contínuo de escolhas semânticas, um movimento mediado por uma rede de significado potencial. Como produto, é algo que pode ser reproduzido, estudado com certas construções que podem ser representadas em termos sistêmicos.

A tradução pode ser entendida de ambas as formas. Como processo, o tradutor faz escolhas considerando o texto de partida para produzir um texto de chegada, a tradução. Como produto, o texto fonte pode ser analisado no que diz respeito a como o significado foi construído pelas escolhas do autor original.

Em vista dos alvos desta dissertação, segue uma definição de tradução comentada:

Uma tradução comentada (ou anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva onde você mesmo traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário sobre seu próprio processo de tradução. Este comentário incluirá alguma discussão sobre o trabalho de tradução, uma análise dos aspectos do texto original e uma justificação fundamentada dos tipos de soluções a que chegou para determinados tipos de problemas de tradução (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, p.7)⁶.

Nesta definição, a tradução comentada se volta para as problemáticas relacionadas ao processo de tradução em si, o que envolve considerar as diferenças entre os textos de partida e chegada assim como as diferenças culturais envolvidas. Ademais, no excerto acima não há uma distinção entre tradução comentada e anotada, sendo ambas

⁶ Minha tradução de: A translation with commentary (or annotated translation) is a form of introspective and retrospective research where you yourself translate a text and, at the same time, write a commentary on your own translation process. This commentary will include some discussion of the translation assignment, an analysis of aspects of the source text, and a reasoned justification of the kinds of solutions you arrived at for particular kinds of translation problems.

terminologias usadas para indicar qualquer análise entre texto fonte e alvo segundo afirmam Zavaglia et al (2015).

Entretanto, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, faz-se uma distinção entre tradução comentada e anotada⁷. À primeira atribui-se a conceituação já dada por Williams e Chesterman (2002). À segunda atribui-se o entendimento de tratar de notas a respeito do conteúdo do texto de partida: considerando a função pedagógica da tradução, a anotada seria uma tal que cumpre uma função exegética como diz Sardin (2007). Ou seja, é definida por sua tentativa de explicar o texto fonte para ajudar o leitor na compreensão. No nosso caso, tal conteúdo são os escólios de *Cavaleiros* propriamente ditos.

Esta pesquisa abordará a tradução tanto sob a perspectiva comentada quanto anotada dando mais destaque à segunda, tendo em vista a limitação do projeto de mestrado. Em relação à tradução comentada, lidar-se-á com questões relativas ao texto grego dos escólios e suas particularidades como terminologia técnica, partículas orientadoras do discurso e o aspecto verbal, por esse motivo que serão feitas considerações sobre aspecto verbal no grego e no português brasileiro. Ademais, anexada, haverá breve análise a partir da teoria da avaliação de vertente Sistêmico-Funcional em um trecho do texto da parábase de *Cavaleiros* das partículas orientadoras do texto.

A fim de fundamentar a tradução comentada-anotada, seguem-se outras reflexões teóricas considerando a tradução, esquematicamente, como: (1) epistemologia; (2) escolha; (3) retextualização; (4) tradução como tarefa exegética e (5) tradução como tarefa linguística.

2.2 Tradução como escolha

A tradução pode ser vista em termos de escolhas, as quais são em virtude de haver um sujeito que precisa tomar decisões. Escolhas que implicam significado na visão funcionalista da linguagem. Nas escolhas, toda tradução envolve uma perda, embora não necessariamente. A razão é em virtude das diferenças entre as línguas que tange à morfologia, à sintaxe e também na relação com a cultura (BRITO, 2012).

Britto (2012) salienta bem que um dos problemas de tradução é que língua e cultura são fenômenos muito próximos. Uma língua possui palavras que expressam

⁷ Essa divisão é um tanto arbitrária e tem propósitos aqui puramente metodológicos.

elementos da sua cultura em conceitos bem específicos, a razão disto é porque os conceitos que um signo expressa são particulares de uma cultura.

Em sentido restrito, o conceito de signo é entendido como sistema de significado, sistemas que podem ser considerados como que operando por meio de algumas formas externas de *output* chamadas de signo. A noção de sistema perpassa pela ideia de rede de relações. Logo, sistema é uma rede de relações de significado. Sociossemiótico quer dizer sistema (cultura) de significados (HALLIDAY; HASAN, 1989).

Do ponto de vista cognitivo, as escolhas estão relacionadas àquilo que chama a atenção do leitor. Uma vez que não é possível falar da realidade em sua totalidade, o indivíduo faz recortes, abstrações mediante suas escolhas. Tendo em vista que o texto na sua totalidade é bastante complexo, seu tratamento é sempre em recorte de sua realidade. Há muitos elementos que estão envolvidos na constituição textual: elementos linguísticos, cognitivos e sócio-culturais. Todos esses se apresentam simultaneamente em uma sístase de sentido. É considerando esse caráter abstrativo de qualquer análise humana que o aspecto é tomado como proeminente na tradução comentada. Ademais é de se ponderar que o aspecto verbal, sob o viés das metafunções da LSF, contribui para a apresentação das experiências a fim de influenciar um leitor potencial em certa organização textual. Desta feita, a tradução e estudo do texto por meio do aspecto verbal providencia um estudo de caso apropriado para a investigação do texto.

Todavia, em virtude de alguns escólios serem organizados apenas por partículas e frases nominais, a tradução comentada fará observações quanto a esses mecanismos linguísticos. Isso por si revela que, embora o aspecto seja importante, ele não é indispensável para a produção textual. Além disso, a presente tradução comentada se detém a realizar comentários a respeito do conteúdo em si dos escólios cumprindo a função ideacional na tentativa de esclarecer ao leitor nuances do texto realizando função interpessoal.

2.3 Tradução como retextualização

As escolhas feitas pelo tradutor estão associadas a outro princípio relativo ao texto: a retextualização. Na proposta aqui, entende-se a tradução como retextualização, considerando Travaglia (2012, p.81-82), para quem a tradução é

Um processo de retextualização dentro de um funcionamento discursivo (portanto levando em consideração não só o texto como objeto materializado, mas também a sua exterioridade entendida esta como a situação imediata de

produção, a situação como contexto sócio-histórico e ideológico mais amplo e o sujeito) será certamente mais abrangente em seus mecanismos do que teorias que a vejam como recodificação (que considera só a língua vista como código e não como instrumento de interação).

Há três aspectos do excerto sobre tradução como retextualização. O primeiro é que há um objeto de estudo, o texto a ser traduzido. O segundo são fatores externos ao texto, embora relacionados como contexto, que podem ser aqui vistos em termos de sociocognição da Linguística de texto. No nosso caso, os fatores externos podem ser vistos em termos sociossemióticos. Terceiro, há um sujeito, o tradutor com seu conhecimento enciclopédico. Em suma, a retextualização entende haver uma relação entre sujeito e objeto numa dada situação concreta da realidade.

A sistemicista Leckie-Tarry (1995) contribui para explicar melhor a visão sociossemiótica da LSF quando da consideração dos níveis de contexto. Para ela, há três níveis de contexto: o da cultura (instituições sociais), o da situação e o do texto. O primeiro trata de um sistema amplo e complexo de conhecimento que há entre os membros de uma cultura particular. As palavras de Moura Filho (2018, p. 19) ajudam a entender melhor o conceito de contexto de cultura:

...não só, mas especialmente por conta da helenização imposta por Alexandre, a literatura grega foi ultrapassando as fronteiras da Grécia. Chegou aos continentes asiático e africano. Seus leitores, alunos e mestres foram se multiplicando. Paralelamente, porém também foram aumentando as dificuldades de interpretação dos textos gregos por parte desses novos leitores.

Assim o contexto de cultura refere-se, mas não somente, ao corpo literário grego que foi se tornando conhecido por meio da helenização. Desta feita o escoliasta não atuava como um agente isolado. Antes, como um agente social na tentativa de proporcionar o conhecimento dos textos antigos.

Outra contribuição de Leckie-Tarry para a noção de contexto na LSF é se valer da noção de *frame*. Como afirma Leckie-Tarry (1995, p.23), a fim de que uma pessoa compreenda uma situação, é preciso “referir-se ao *frame* que ele/a construiu para interpretar situações já experimentadas e, ao mesmo tempo, a pessoa modifica constantemente estes frames com base na informação apresentada em novas situações”⁸.

O segundo tipo de contexto é o da situação entendido como o que está acontecendo, quem está envolvido e qual função está exercendo a linguagem. Pode-se

⁸ Minha tradução de: In order to make sense of any situation, a person refers to schemata which s/he built up to interpret situations already experience and at the same time constantly modifies these schematas in the light of information presented in new situations.

pensar, pois, no escoliasta como um participante da situação usando a linguagem para difundir conhecimento. A última noção de contexto é a do texto, compreendida também como cotexto.

A tradução como retextualização pela perspectiva Sistêmico-Funcional pode ser compreendida como a tentativa de organizar o conteúdo informacional (metafunção ideacional) e a finalidade comunicativa (metafunção interpessoal) por meio do texto (metafunção textual) de um texto de partida para um texto de chegada.

2.4 Tradução como tarefa exegetica

A retextualização tem uma finalidade particular do ponto de vista didático: a de elucidar o texto para o leitor, sendo, portanto, uma tarefa exegetica, cumprindo uma função interpessoal. Consoante Sardin (2017, p.123), por meio da nota exegetica, “o tradutor dá ao leitor as ferramentas contextuais necessárias para uma compreensão imediata do texto”⁹.

O leitor que se depara com os escólios enfrentará algumas dificuldades. Uma delas é pelo próprio texto grego. Em muitos escólios é possível perceber uma estrutura composta basicamente de frases nominais. Além disso, o uso de marcadores comuns na língua grega como δὲ ou este acompanhado de μὲν bem como ἀλλὰ. No texto dos escólios, é possível perceber que tais marcadores exercem a função textual a partir do momento que organizam o texto contribuindo para a coesão e coerência deste, de modo que eles servem de guia ao leitor na interpretação do texto. As partículas δὲ... μὲν podem ser traduzidas como “por um lado...por outro lado”, enquanto ἀλλὰ, com valor de retificação, pode ser traduzido como “antes”. A partícula δὲ sozinha é sinalizadora de novo desenvolvimento podendo ser traduzida como “já”, “agora”, “então”.

No que concerne às frases nominais, é possível traduzi-las como tais para o português brasileiro ou com verbos finitos. Em alguns casos, dá para manter a estrutura de frase nominal do texto de partida. Em outros não é possível por causa da dificuldade de compreensão que haveria na língua de chegada.

Uma outra dificuldade dos escólios trata de elementos de contexto de cultura. Os escoliastas, ao procurar explicar certos lemas ou passagens maiores, fazem explanações do contexto de cultura e de situação das obras com referência a pessoas, a

⁹ Minha tradução de: Avec la note exégétique, le traducteur donne au lecteur les outils contextuels nécessaires à une compréhension immédiate du texte.

lugares e a costumes antigos. Portanto, a tradução ainda vista sob a perspectiva exegética tem ainda como finalidade o seguinte:

A sua tarefa consiste então em elucidar uma noção cultural ou civilizacional; intervém quando se sente uma lacuna contextual, que marca uma diferença, e permite reduzi-la, de forma visível e objetiva, pela chamada no fundo da página ou pela referência no fim do volume. Sua referência é para o fora do texto (SARDIN, 2017, p.121)¹⁰.

Neste sentido a tarefa do tradutor é semelhante à do escoliasta, posto que este tinha como função explicar um trecho do texto em questão elucidando algum elemento cultural que, dessa forma, ajudaria o leitor da obra antiga a compreender a passagem. Outra similaridade é que na produção de ambos, as notas são feitas marginalmente ao texto. Todavia, adaptando a concepção de tradução anotada como exegética em Sardin (2017), a diferença é que as notas produzidas fazem parte do corpo do texto. Segue que o alvo desta tradução exegética é fazer uma explicação do texto do escoliasta.

A LSF pode ser usada de duas formas. Uma delas é como teoria para descrição de uma língua e sua gramática em uso. A outra é como ferramenta hermenêutica para a interpretação de textos. Dentro dos limites desta dissertação, a LSF será usada como ferramenta exegética para a compreensão dos escólios.

Dito de outra forma, no que concerne à metafunção ideacional, com o aspecto perfectivo, o escritor/falante, no caso o escoliasta, representa o conteúdo informacional de modo sumário, geral; com o aspecto imperfectivo, a informação é retratada como em progresso e, com o aspecto estativo, a informação se apresenta pelo estado de coisas do sujeito gramatical. No que diz respeito à metafunção interpessoal, o perfectivo direciona o leitor a certa objetividade; com o imperfectivo, o escoliasta usa para chamar a atenção do leitor pelo presente (-remotividade) ou para indicar certo distanciamento pelo imperfeito (+remotividade)¹¹; com o estativo, chama a atenção do leitor para pontos salientes. Por fim, no que diz respeito à metafunção textual, com o aspecto perfectivo, o texto é organizado com sumarizações tanto anafórica quanto cataforicamente. Com o imperfectivo, organiza o texto ao indicar +proximidade (presente) ou -proximidade (imperfeito). Dito de outra forma, fazendo avaliações ou mostrando as fontes dos escólios.

¹⁰ Minha tradução de: Sa tâche consiste alors à élucider une notion culturelle ou civilisationnelle; elle intervient lorsqu'une lacune contextuelle, marque d'une différence, se fait sentir, et permet de la réduire, de façon visible et objective, par l'appel en bas de page ou le renvoi en fin de volume.

¹¹ A nomenclatura +remotividade e -remotividade é usada para indicar as diferenças semânticas entre presente e imperfeito no aspecto imperfectivo. São termos de categorias espaciais para indicar a perspectiva indicada pelo uso aspectual.

Por fim, com o estativo, organiza coerência/coesão ao destacar ponto de proeminência. É necessário salientar que todos os aspectos juntos no texto orientam o leitor na coerência/coesão. A diferença se dá em termos de gradiência sendo estativo o mais marcado.

2.5 Tradução como epistemologia

Um outro problema salientado por Britto (2012), em relação aos Estudos de Tradução, diz respeito à possibilidade de tradução, particularmente no âmbito da tradução literária, embora tal problemática possa ser ampliada para a tradução no âmbito geral. Conforme sua reflexão, Britto (2012) aponta que o surgimento dos Estudos da Tradução ocorre em um período que houve um novo modo de pensar a epistemologia do texto. Segundo Britto (2012), teóricos como Arrojo (2003) defendem uma forma de textualização, o que significa dizer que o significado textual reside na imanência do texto sem transcender a este de modo a relacionar-se com a realidade¹².

O texto é uma realidade objetiva, é uma “coisa” externa à mente do sujeito, o que significa dizer, na sociosemiótica, que o texto significa algo em si e para além de si. Dito de outro modo, existe a verdade de objeto. Este comunica algo, mas o comunica a um sujeito carregado de experiências.

Dessarte, na tradução estão envolvidos um sujeito e um objeto. O sujeito é o tradutor (mas também o leitor potencial) que, com todo o seu conhecimento enciclopédico, se apresenta ante o texto como produto e processo. O texto, por seu turno, é o objeto observado, com suas propriedades, as quais não podem ser desconsideradas, muito embora nem todas possam ser recolocadas na produção de um novo texto na língua de chegada. Em suma, o texto não é neutro nem tampouco é algo ao qual o sujeito pode chegar e colocar suas impressões nele desconsiderando a objetividade do texto. Mas também não existe uma tradução puramente objetiva, ou seja, uma tradução que considere somente o texto como objeto. Só existe objeto porque existe sujeito e vice-versa. Assim no processo de tradução sujeito e objeto são levados em conjunto. Poder-se-ia, portanto, falar aqui de um realismo moderado no que concerne à tradução, realismo este que será explicado adiante.

Britto defende haver a possibilidade da tradução por três motivos. O primeiro é que, embora não tenhamos acesso a certezas absolutas, o que ocorre em qualquer

¹² Não é nosso alvo aqui entrar na polêmica que envolve ambos tradutores.

atividade humana, não significa que nada venha a ser traduzido. Talvez um dos problemas seja pensar que, assumindo que a tradução não seja uma ciência e esteja relegada tão somente à experiência do indivíduo, não seja possível ter certeza na tradução. Esta visão talvez decorra justamente daquilo que Rookmaaker (2018) chama de mentalidade teórica e experiência ingênua, ou nos termos de Reale (2007), conhecimento científico e conhecimento vulgar. Mentalidade teórica é o conhecimento abstrato (recorte da realidade) produzido pela ciência ao passo que a experiência ingênua (realidade concreta) é o conhecimento adquirido no cotidiano, o qual guia o indivíduo nas suas ações. Conforme Rookmaaker (2018, p.137), o problema é uma inversão na relação entre estes graus de conhecimento: “em vez de começar com a experiência teórica da realidade como um dado e então passar a contar-nos o que é a ciência, ou seja, a mentalidade teórica, começam com a atitude científica e tentam procurar uma explicação do não teórico cotidiano”. Reale (2007), por seu turno, ao falar da relação conhecimento científico e conhecimento vulgar, que é aquele que serve para nos orientar na vida cotidiana, é o conhecimento que pode ser autêntico; todavia, não é dotado de certeza. Este tipo pode ser certo como muitas vezes o é; todavia, não se tem “a certeza da certeza”, nos termos deste filósofo, tendo em vista que não está sob o escrutínio da análise racional, ordenada e metódica.

O conhecimento científico é aquele que verifica os seus resultados pela ordenação crítica do seu processo (REALE, 2007). Por seu turno, consoante Rookmaaker (2018), um dos problemas da ciência moderna é que para esta somente o conhecimento científico tem validade.

O segundo argumento de Brito é que todas as classificações são imprecisas. Nas suas palavras,

Sempre que traçamos uma linha divisória entre duas categorias há uma zona cinzenta entre elas, e haverá casos que não se enquadram perfeitamente nem numa nem na outra. Mas o fato de haver imprecisões numa classificação não implica na sua inutilidade; para dar conta do mundo de modo racional, precisamos classificar, generalizar, avaliar, muito embora saibamos das imprecisões e exceções contidas em nossas categorias (BRITTO, 2012, p.31-32)

Enquanto a linguagem da ciência busca objetividade e precisão, a do cotidiano é marcada por imprecisões, imprecisões essas que não anulam o conhecimento, posto que todos os indivíduos estão no mundo e o experienciam, de modo que é possível apontar para o mundo como ponto comum para o entendimento humano. Em virtude disso pode-se pensar que a função primária da linguagem não é descrever a realidade. Sua

função é proporcionar a comunicação entre os homens, comunicação que tem seu fundamento na ordem do cosmos. Assim não é a linguagem que precede o mundo. Este precede àquela.

Pretende-se agora aprofundar a reflexão teórica que servirá de base para fundamentar o uso da teoria do aspecto verbal considerando um tipo de realismo. O fundamento epistemológico para a tradução dos escólios é aquilo que é definido como realismo corporificado em Linguística cognitiva (LAKOFF, 1996; LAKOFF; JONSON, 2003): 1. A realidade é externa à mente humana. Ou seja, existe uma realidade que independe do ser humano, mas que este mesmo está inserido nela; 2. A realidade é complexa, por esta razão o conhecimento é sempre em parte, em perspectiva e recortado; 3. O ser humano é um ser conceitualizador e, por conseguinte, categorizador da realidade externa; 4. O ser humano é tanto sujeito quanto objeto na sua relação com a realidade. Ele busca se orientar na realidade como observador e ao mesmo tempo é um objeto da perspectiva de outros; 5. Os objetos, nas suas formas, nos transmitem informações, com as quais o sujeito interage a partir de seu próprio mundo conceitual. As informações transmitidas também são em perspectivas do objeto em virtude da sua limitação e não somente a do sujeito; 6. O texto como objeto possui uma forma, que se apresenta em termos de gêneros literários orientando assim o indivíduo na sua interpretação e tradução de sorte que estas tenham seus limites epistemológicos e com isso ser possível também avaliar a interpretação e tradução de um texto e 7. Tendo em vista a estrutura da realidade nos seus modos de ser e na experiência da realidade concreta (DOOYEWEED, 2015) e o fato de sermos seres conceitualizadores desta realidade externa, o conhecimento é sempre em perspectiva. A implicação para o pensar tradutório é que a tradução também é sempre em perspectiva, por isso que escolhas são feitas.

Nesta dissertação, a tradução se dá tanto no seu aspecto teórico quanto prático, sendo este último o fundamento para o primeiro. Em outras palavras, parte-se do ato experiência concreta de traduzir mediante uma dada perspectiva e procura-se refletir a seu respeito de modo crítico, que é a função da ciência. Dito de outra forma, qualquer reflexão teórica parte de um conhecimento prévio da experiência humana. Sendo a experiência concreta uma *sístase* de sentido, o texto como representação dessa experiência é composto de vários discursos, ou seja, de intertextualidade.

2.6 Tradução como intertextualidade

O termo intertextualidade, cunhado por Julia Kristeva, tem suas bases no dialogismo de Bakhtin. Conforme Barros (2005), no dialogismo, o texto: (1) significa algo; (2) não existe fora da sociedade; (3) é dialógico: diálogo entre interlocutores e com outros textos e (4) único, não reproduzível.

Por seu turno, Halliday e Hasan (1989) definem cinco períodos no ciclo do texto e contexto, sendo um deles o intertextual: 1. O texto como construção metafuncional: complexo de significados ideacional, interpessoal e textual; 2. O contexto de situação: a configuração de campo, tenor e modo que especificam o registro do texto; 3. O contexto de cultura: o plano de fundo institucional e ideológico; 4. O contexto intertextual: as relações com outros textos, e as suposições que se transmitem a partir deles e 5. O contexto intratextual: a coerência dentro do texto, o que inclui a coesão que engloba os relacionamentos semânticos internos.

A relação entre texto e contexto é dialética em que o primeiro cria o segundo à medida que o segundo cria o primeiro de sorte que o significado surge da fricção entre ambos: o que significa dizer que parte do ambiente de qualquer texto é um conjunto de textos prévios, textos que são tomados como pressuposições compartilhadas pelos participantes envolvidos, conforme declaram Halliday e Hasan (1989).

Vista sob essa perspectiva sociossemiótica, a relação entre texto-fonte e texto-alvo é que o texto original serve como contexto amplo de cultura e situação para o entendimento da razão de ser do texto traduzido. A tradução é constituída como uma intertextualidade por remeter ao texto de partida. Este serve como pressuposição compartilhada entre os participantes direta e indiretamente envolvidos na tradução: tradutor, leitores, editores, revisores etc.

A discussão aqui gira em torno da ideia de que nenhuma tradução é independente em relação ao seu texto fonte, posto que ela se dá em uma sístase de sentido. Dessarte, abstrair a tradução como produto de seu texto fonte é caráter da ciência como mentalidade teórica. Entretanto, a abstração de um elemento da realidade precisa levar em conta sua relação com a totalidade concreta da própria realidade, o que envolve o contexto de cultura mais amplo como é o caso do texto-fonte.

Entende-se também que a tradução é um processo intertextual de recontextualização, esta última compreendida da seguinte maneira:

Cada vez que fazemos usos de textos alheios em um novo contexto, há uma recontextualização e, portanto, a produção de um novo sentido. Embora em algumas ocasiões a recontextualização passe despercebida pelo fato de os

sentidos originais não estarem distantes do sentido do novo contexto, em outras ocasiões, a mudança é significativa, visto que 'o autor corrente assume um determinado ponto de vista, adota uma certa atitude e discute ou avalia as palavras originais' (KOCH; ELIAS, 2015, p.120).

A tradução, como produto-processo, pode ser considerada uma espécie de intertextualidade por causa do uso de um texto antigo em um novo contexto de situação (registro). Sendo uma intertextualidade, incorre que a tradução é também uma recontextualização. Nesse sentido, a tradução é dialógica: a interação do antigo com o novo, do texto de partida com o de chegada em um contexto de cultura e de situação.

Assumir uma noção de recontextualização para a tradução é considerar que o tradutor pode imprimir um ponto de vista, adotar uma atitude avaliativa, discutindo as palavras originais. O que significa dizer que o tradutor não é neutro. Ele faz escolhas, cujas implicações são a produção de significado. Ou mesmo o tradutor pode optar por não aparecer, não imprimir suas marcas.

A tradução como recontextualização leva em conta as escolhas feitas pelo tradutor. A partir destas, o tradutor pode aparecer ou não na obra traduzida. A recontextualização pode se dar nos vários níveis de significado. No nível textual, ocorre por meio da organização do texto. Como já dito, os escólios são bastante constituídos de frases nominais. O tradutor pode optar pelo uso de vírgulas, dois-pontos e outros sinais para orientar o leitor bem como pelo uso de verbos finitos. No nível interpessoal, tais escolhas podem contribuir para o leitor compreender melhor o texto ou ter mais dificuldades. No nível ideacional, o conteúdo pode ficar um tanto hermético ou não. A recontextualização mediante às escolhas leva em conta elementos linguísticos. Dessa maneira pode-se considerar a tradução como uma tarefa linguística.

2.7 Tradução como tarefa linguística

O texto, objeto de investigação tanto dos Estudos de tradução quanto da Linguística, da visão sistêmico-funcional, é uma configuração de sentido em termos ideacional, interpessoal e textual.

Embora a tradução tenha o estatuto de ciência autônoma, pode-se pensar nela como uma forma de atividade linguística no sentido de análise textual bem como de comparativa entre texto de chegada e de partida. Dito de outra forma, a tradução pode ser um meio pelo qual se analisa a textualidade, a tessitura de um texto. Assim por meio da tradução é possível estudar textos. Ademais é o texto o objeto que unifica os Estudos da

Tradução com a Linguística, posto que a tradução é de textos, e estes são o campo de estudo da ciência da Linguagem.

Partindo dessa ideia da tradução como tarefa linguística, pretende-se lidar com os escólios, particularmente com observação sobre os usos do aspecto verbal e de partículas textuais. Relacionados a esses elementos da língua, dois conceitos importantes da tessitura de um texto são coesão e coerência. Ambas são assim definidas na visão sistêmica:

A coesão refere-se aos dispositivos linguísticos pelos os quais o falante pode sinalizar a coerência experiencial e interpessoal do texto, sendo assim um fenômeno textual - podemos apontar características do texto que servem uma função coesiva. A coerência, por outro lado, está na mente do escritor e do leitor: é um fenômeno mental e não pode ser identificado ou quantificado da mesma forma que a coesão (THOMPSON, 2014, p. 215)¹³.

O aspecto verbal, assim como outros recursos da língua grega, serve como elemento de coesão que contribui para a coerência, isto é, para a produção e interpretação do sentido de sorte que esses conceitos andam juntos na tessitura textual. Nessa perspectiva sobre tradução, o tradutor é tanto um investigador de como o texto está organizado quanto também um produtor de um novo texto mediante coesão e coerência. A seguir uma breve consideração sobre o aspecto verbal tanto no grego quanto no português.

Rijksbaron (2002) propõe uma investigação das formas verbais do grego clássico a partir da gramática funcional de Simon Dik. De acordo com Rijksbaron (2002), os valores básicos distintivos dos verbos gregos assim se seguem: (1) o presente significa um estado de coisas como em andamento, logo, não completado (valor imperfectivo); (2) o aoristo compreende um estado de coisas completado (valor confectivo) e (3) perfeito significa tanto um estado de coisas completado quanto o resultado de um *estado* existente (valor confectivo-estativo).

Embora reconheça que na literatura sobre o sistema verbal grego este é entendido não como referência temporal, de acordo com Rijksbaron (2002), essa visão não se sustenta, posto que aoristo e imperfeito indicativos servem para estabelecer a ordem dos eventos. Para Rijksbaron (2002), as formas verbais finitas expressam tempo absoluto, ou seja, localizam o estado de coisas relativo ao momento da declaração no

¹³ Minha tradução de: Cohesion refers to the linguistic devices by which the speaker can signal the experiential and interpersonal coherence of the text, and is thus a textual phenomenon – we can point to features of the text that serve a cohesive function. Coherence, on the other hand, is in the mind of the writer and reader: it is a mental phenomenon and cannot be identified or quantified in the same way as cohesion.

presente, passado ou futuro: (1) presente indicativo primário (presente) localiza o estado de coisas no momento da declaração; (2) presente indicativo secundário (imperfeito) localiza o estado de coisas em um momento antes da declaração; (3) aoristo indicativo secundário (aoristo) localiza o estado de coisas em um momento antes da declaração; (4) perfeito indicativo primário (perfeito) localiza o estado no momento da declaração; (5) perfeito indicativo secundário (mais-que-perfeito) localiza o estado em um momento antes do momento da declaração.

Usados predominantemente em narrativas, imperfeito e aoristo localizam vários estados de coisas no tempo relacionando uns com os outros, ambos servem como os elementos estruturantes mais importantes em uma história consoante assinala Rijksbaron (2002), sendo a diferença que o imperfeito cria uma expectativa da parte do leitor/ouvinte; já o aoristo não provoca esse efeito porque o estado de coisas simplesmente ocorreu. O aoristo também serve para sumarizar consoante Rijksbaron (2002) como é exemplificado em Heródoto 1.114.1-2:

καὶ ὅτε ἦν δεκαέτης ὁ παῖς, πρῆγμα ἐς αὐτὸν τοιόνδε γενόμενον ἐξέφηνέ μιν. ἔπαιξε ἐν τῇ κώμῃ... μετ' ἄλλων ἡλίκων ἐν ὁδῷ. καὶ οἱ παῖδες παίζοντες εἴλοντο ἐωυτῶν βασιλέα εἶναι τοῦτον δὴ τὸν τοῦ βουκόλου ἐπίκλησιν παῖδα. ὁ δὲ αὐτῶν διέταξε τοὺς μὲν οἰκίας οἰκοδομέειν.

Quando a criança [que era Ciro] tinha dez anos, o seguinte acontecimento revelou sua identidade. Ele estava brincando na rua da vila...com alguns garotos. E durante a brincadeira as crianças escolheram-no como seu rei. Ele instruiu um grupo a edificar casas¹⁴.

O aoristo ἐξέφηνέ serve como função sumária, que é desenvolvida pelo relato que se segue fornecendo detalhes, embora a história comece propriamente com ἔπαιξε de conformidade com o que afirma Rijksbaron (2002). O imperfeito pode ser usado para indicar estados de coisas repetidos como em Lísias 1.9, segundo Rijksbaron (2002):

ἐπειδὴ δὲ τὸ παιδίον ἐγένετο ἡμῖν, ἡ μήτηρ αὐτὸ ἐθήλαζεν.

Quando nosso filho nasceu, sua mãe o alimentava ¹⁵.

Por seu turno, o presente histórico capacita o leitor a distinguir entre o que é o ponto central do escritor marcando estado de coisas que são decisivamente importantes

¹⁴ Minha tradução de: When the boy [who was to be Cyrus] was ten years old, the following occurrence revealed his identity. He was playing in the street of the village...with some other boys. And during the game the children picked this particular boy as their king. He instructed one group to build houses...

¹⁵ Minha tradução de: When our children had been born his mother suckled it.

na estória, conforme Rijksbaron (2002), como se nota em *Anábase* de Xenofonte 1. 1.1-4:

Δαρείου καὶ Παρυσάτιδος γίγνονται παῖδες δύο...Κῦρον δὲ μεταπέμπεται...ἀναβαίνει οὖν ὁ Κῦρος...Τισσαφέρνης διαβάλλει τὸν Κῦρον πρὸς τὸν ἀδελφὸν...ἡ δὲ μήτηρ... αὐτὸν ἀποπέμπει... ὁ βουλευέται ὅπως... Παρύσατις μὲν δὴ...ὑπῆρχε τῷ Κύρῳ.

Do casamento de Dario e Parisates nasceram dois filhos...Ciro, ele convocou. Ciro certamente se foi...Tissafernes falsamente acusou Ciro a sua mãe... Este último acreditou nisso e levou Ciro...Sua mãe, porém...o mandou embora...Ele está planejando como...Parisates evidentemente estava ao lado de Ciro¹⁶.

O perfeito é usado para indicar o estado do sujeito como afirma Rijksbaron (2002). Exemplifica-se com Tucídides 5.26.1:

γέγραφε δὲ καὶ ταῦτα ὁ αὐτὸς Θουκυδίδης Ἀθηναῖος.

É escritor disso o próprio Tucídides de Atenas.

Para Rijksbaron (2002), o estado do sujeito, Tucídides, como escritor é o agente em questão por meio do uso do perfeito γέγραφε. Ele mesmo enfatiza seu papel como autor: o Ateniense destaca sua responsabilidade quanto à sua atividade como historiador.

De conformidade com Boas *et al.* (2019, p.406), as seleções aspectuais estão fundamentadas não na natureza objetiva da ação, antes, “nas necessidades e escolhas (subjetivas) de um falante ao apresentar uma ação de uma determinada forma. O mais importante é se o falante está interessado em chamar a atenção para qualquer componente (ou, inversamente, para os limites) de uma ação”¹⁷.

Aspecto diz respeito, portanto, à subjetividade na linguagem em que um falante resolve apresentar sua perspectiva a fim de organizar seu texto de determinada forma para comunicar algo à sua audiência.

Consoante Boas *et al.* (2019), há três valores aspectuais gramaticais no grego clássico: presente, que apresente a ação como incompleta (imperfectivo), incluindo o imperfeito; aoristo, ação é vista como completa, como um todo ignorando quais partes

¹⁶ Minha tradução de: From the marriage of Darius and Parysatis were born two sons (-) Cyrus he summoned (-) Cyrus accordingly went up (-) Tissaphenes falsely accused Cyrus to his brother (-) The latter believed this and arrested Cyrus (-) His mother, however,... sent him back (-). He set about planning how... Parystis evidently was on Cyrus' side...

¹⁷ Minha tradução de: But on a speaker's (subjective) needs and choices in presenting an action in a certain way. What matters most is whether a speaker is interested in drawing attention to any component parts (or conversely, the boundaries) of an action.

componentes como começo, meio ou fim (perfectivo); por último, perfeito, a ação como um estado que resulta de outra, o que inclui também o mais-que-perfeito.

Na visão de Boas *et al.* (2019) ainda, há também o aspecto lexical, que se refere à estrutura temporal específica de uma ação que é inerente ao significado do verbo havendo verbos télicos – aqueles que são direcionados a um término (διαβαίνω, atravessar; πείθω, persuadir; δίδωμι, dar) – e verbos atélicos – os que não são direcionados inerentemente a um término (γελάω, rir; θαυμάζω, admirar-se; θέομαι, olhar).

No sistema verbal grego, o aspecto é um sistema com opções de escolhas. A escolha do aoristo se dá levando em consideração as demais opções como imperfeito, presente, perfeito e mais-que-perfeito. Cada escolha exerce um papel específico dentro do texto de modo a realizar a função textual. Por exemplo, o aoristo serve como plano de fundo para carregar a narrativa; o presente introduz participantes relevantes na história, ao passo que o perfeito indica pico de saliência discursiva (PORTER, 1993).

Porter (1993, p. 88) define aspecto verbal como: “Uma categoria semântica sintética (realizada nas formas dos verbos) usada de oposições significativas em uma rede de sistemas tensos para gramaticalizar a escolha subjetiva fundamentada do autor da concepção de um processo”¹⁸.

A definição acima expressa bem o fundamento sistêmico da linguagem ao considerar aspecto como categoria de uma rede de sistema no sentido de um conjunto de escolhas dentre as várias opções. Por exemplo, ao escolher o aoristo, a seleção é feita dentro do sistema de oposição em relação aos demais aspectos. Apesar de a escolha não ser necessariamente consciente, ela implica algum significado. O mesmo é dito também em relação a escolher um presente, em uma narrativa, onde se esperava um aoristo.

Além disso, a concepção compreende aspecto como subjetividade, ao passo que a objetividade se expressa com *Aktionsart*. É por considerar aspecto como prioritariamente subjetividade que Porter entende que as formas verbais não gramaticalizam tempo, o que pode ser notado no excerto a seguir:

(1) Referência temporal externa não é um fator aqui, ou seja, não há necessariamente algo intrinsecamente passado, por exemplo, sobre o aspecto perfectivo. Consequentemente, o termo ‘completo’ é usado do aspecto perfectivo em vez de ‘completado’, o que implica referência temporal passada (Comrie, Aspect, 18). (2) Embora cada aspecto esteja descrevendo o mesmo conjunto de circunstâncias, cada um contribui com uma perspectiva única

¹⁸ Minha tradução de: a synthetic semantic category (realized in the forms of verbs) used of meaningful oppositions in a network of tense systems to grammaticalize the author's reasoned subjective choice of conception of a process.

sobre o processo. (3) Nenhuma é uma descrição objetiva do processo, mas cada uma representa a concepção subjetiva do falante. Assim, 'progresso' em vez de 'durativo' e 'completo' em vez de 'pontual' são usados para mudar a ênfase para a perspectiva do observador e para longe de qualquer caracterização do próprio processo (PORTER, 1993, p.91)¹⁹.

O ponto importante da noção de aspecto em Porter é subjetividade. Ele não nega a objetividade, mas, a linguagem, como fenômeno subjetivo, expressa a maneira de um escritor/falante perceber a realidade externa. Por essa razão, o termo progresso é usado para enfatizar uma noção subjetiva de aspecto e, assim, por entender que tempo é objetivo, conclui-se que temporalidade não faz parte das formas verbais gregas.

Por seu turno, *Aktionsart* é uma categoria pragmática que descreve característica de ação atribuída ao referente verbal como o modo no qual acontece ou existe, que inclui classes como: contínuo, completado etc. (PORTER, 1993; DECKER, 2001).

No koiné, há três aspectos consoante Porter (1993): Perfectivo, visão sumária, geral do processo (forma aoristo); imperfectivo (imperfeito e presente), visão do evento como em progresso; estativo (perfeito e mais-que-perfeito), o estado ou condição do sujeito gramatical. A diferença entre imperfeito e presente é que este indica – remotividade, ao passo que aquele +remotividade. O mesmo se dá com perfeito e mais-que-perfeito, -remotividade e +remotividade, respectivamente. Textualmente, o imperfeito é usado para introduzir material suplementar.

Embora Porter (2004), posteriormente, considere que o estudo do aspecto na sua relação com discurso ainda tenha muito o que se pesquisar, ele esboça as funções discursivas de cada aspecto. Sua noção de proeminência discursiva é a base para os usos aspectuais no texto. Ele se fundamenta nos trabalhos de Hopper (1982).

O aoristo funciona como fundo, estruturando a narrativa, por exemplo. O presente e imperfeito indicam figura, isto é, são usados para salientar personagens ou passagens de relevância. O estativo (perfeito) é o primeiríssimo plano (*foreground*), usado para dar ainda mais proeminência em relação ao presente (PORTER, 1993).

¹⁹ Minha tradução de: (1) External temporal reference is not a factor here, i.e. there is not necessarily anything inherently past, for example, about the perfective aspect. Consequently the term 'complete' is used of the perfective aspect rather than 'completed', which implies past temporal reference (Comrie, Aspect, 18). (2) Although each aspect is describing the same set of circumstances, each contributes a unique perspective on the process. (3) None is an objective description of the process, but each represents the speaker's subjective conception. Thus 'progress' rather than 'durative', and 'complete' rather than 'punctiliar' are used to shift the emphasis to the perspective of the observer and away from any characterization of the process itself.

No que concerne ao português brasileiro (PB), Costa (1997) define aspecto como categoria linguística que identifica a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato, existindo dois. O perfectivo, fato que é referido como global, não-marcado no que tange às nuances da constituição temporal interna. O imperfectivo, fato que é referido com marca de sua constituição interna, sendo semanticamente restringido a lexemas que incluem o traço +durativo com cinco possibilidades: (1) imperfectivo em curso; (2) imperfectivo de fase inicial; (3) imperfectivo de fase intermediária; (4) imperfectivo de fase final e (5) imperfectivo resultativo.

Ainda segundo Costa (1997), algumas características são importantes à noção de aspecto: (1) a não-referência à localização no tempo; (2) a constituição temporal interna; (3) a vinculação da categoria a situações, processos e estados e (3) a “representação espacial”.

No PB, assinala Costa (1997), construções perifrásticas possíveis indicando imperfectividade: (1) presente do indicativo: “estou lendo”; (2) pretérito perfeito simples: “estive lendo”; (3) pretérito perfeito composto: “tenho estado lendo”; (4) futuro simples do indicativo: “estarei lendo/vou estar lendo”; (5) futuro simples composto: “terei estado lendo”; (6) futuro do pretérito simples: “estaria lendo”.

O breve apanhado bibliográfico recortado acima demonstra a complexidade do aspecto verbal, complexidade essa qualitativa e quantitativa. Em virtude disso e dos alvos deste mestrado, pretende-se traduzir os escólios pelo aspecto verbal considerando apenas as metafunções ainda que bem resumidas também essas. Outros elementos são deixados de fora por causa da própria natureza do mestrado²⁰ como a relação aspecto/léxis, aspecto/tempo e aspecto/acionalidade, por exemplo. Devido à sua alta complexidade, essas questões só podem ser tratadas em estudos de doutorado.

Propondo traduzir os escólios pelo aspecto verbal sob a visão sistêmica da linguagem, tomam-se as seguintes considerações. Como metafunção ideacional, o aspecto diz respeito à representação do conteúdo da informação; dizendo de outra forma, representa a experiência do escoliasta na explanação do trecho. Como metafunção interpessoal, o aspecto serve para orientar o leitor argumentativamente nas finalidades

²⁰ Para uma análise mais profunda do aspecto verbal no grego relacionado a essas questões em Aristófanés, ver especialmente ALBUQUERQUE, Roque. No mundo das Nuvens: uma tradução de Νέφελαι (Nuvens) com referência a acionalidade, referência temporal e aspecto verbal grego. Minnesota: Hamline University, 2018 (no prelo).

comunicativas do escoliasta em que este pode expressar maior ou menor grau de comprometimento com a informação na oração. Por fim como metafunção textual, tem como finalidade organizar as duas metafunções anteriores produzindo coesão e coerência textuais.

O aoristo serve para apresentar informações gerais, mais esquemáticas, ao passo que o presente introduz informações mais proeminentes, tendo como clímax o perfeito, que é usado para expressar maior comprometimento da parte do escoliasta. O imperfeito pode ser usado para expressar informações em que o escoliasta não expressa tanto comprometimento, tendo como base sua semântica +remotividade na relação com presente, que é -remotividade. Feitas essas observações sobre tradução e aspecto verbal, passa-se agora para a tradução comentada dos escólios a partir das considerações teóricas acima.

3. TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA DOS ESCÓLIOS DA PARÁBASE DE ARISTÓFANES

3.1 Características gerais dos escólios

Os escólios (σχόλια) são originalmente entendidos como nota. Foram os bizantinos que usaram a terminologia para designar comentários ou notas marginais em um texto. Esta ideia passou a ser seguida pelos eruditos do século XIX. Os escólios possuem cinco características básicas: 1. O lema, uma citação direta de uma passagem sob discussão; 2. A tradução de uma passagem ou parte dela; 3. Uma paráfrase; 4. Citações de passagens paralelas e 5. Um comentário explicativo com as próprias palavras (DICKY, 2007; NÜNLIST, 2009).

Parece haver uma carência na tradução de escólios no cenário nacional, o que se agrava quando considerada a relevância dos escólios como será visto mais adiante. Uma das dificuldades de lidar com a tradução dos escólios é talvez pelo pouco conhecimento a seu respeito, como é ratificado neste excerto:

É ainda mais o caso de os classicistas, estudantes de pós-graduação e professores, precisarem consultar trabalhos antigos de erudição que eles acham difíceis de usar por causa da falta de familiaridade com os recursos do gênero e com as peculiaridades do grego erudito (DICKY, 2007, p. 6)²¹.

Posto que a academia tem como uma de suas finalidades tornar o conhecimento acessível, é preciso situar a pesquisa do presente objeto de análise e tradução dentro da universidade e para além dela. Desta feita a tarefa do tradutor-pesquisador é de grande importância: comunicar o conhecimento antigo para a contemporaneidade.

Além disso, um dos problemas fundamentais com o qual o tradutor se depara é a particularidade tanto da língua de chegada quanto a da língua de partida. A tradução de um texto grego para o português é difícil, ao se considerar o aspecto verbal daquela língua, porque a língua portuguesa não tem aspecto estativo, por exemplo.

Os escólios compartilham com outras formas de material paraliterário, como glossários, léxico e tratados gramaticais, a característica de que eles não são um tipo estável de texto do ponto de vista da transmissão. Os escribas ou eruditos frequentemente não copiam fielmente os escólios que estavam em

²¹ Minha tradução de: It is more and more the case that Classicists, both graduate students and professors, need to consult ancient works of scholarship that they find difficult to use because of a lack of familiarity with the resources of the genre and with the peculiarities of scholarly Greek..

seus exemplares, mas para responder às diferentes necessidades de seus leitores ou por outras razões, eles conscientemente os modificam de muitas maneiras. Eles também limitariam ou expandiriam o *corpus* dos escólios de seus exemplares, omitindo algumas anotações de suas cópias ou criando algumas novas para tratar tópicos que eles mesmos considerariam importantes (XENIS, 2010, p. 15)²².

A transmissão textual não seguia um padrão nem os escribas eram neutros na transmissão do texto, de modo que fizeram certas modificações. Também por razões metodológicas, o processo de crítica textual precede ao da tradução. No entanto, tendo em vista a limitação referente ao tempo, não é possível fazer um trabalho de crítica textual. Desta feita, esta pesquisa vale-se da edição de Dübner (1082-1867), primariamente, considerada esta uma das melhores como assinala Dickey (2007).

Visto que lidar com uma língua não mais usada bem como a falta de contexto cultural da época do escritor tornam difícil saber o significado de certas palavras e costumes, tudo isso finda por constituir em desafios ainda maiores para o tradutor. Portanto, a tradução dos escólios traz grandes contribuições no que concerne aos estudos dos textos do comediógrafo Aristófanes dentro do âmbito da academia mas também na da prática da tradução, como pode ser constatado pelo texto que se segue:

Os escólios de Aristófanes estão entre os conjuntos mais importantes da Escócia, em parte porque fornecem antecedentes históricos, sem os quais muitas das piadas e alusões nas comédias seriam incompreensíveis. Eles são relativamente bem preservados, e a maioria deles pode ser encontrada em uma edição moderna sólida e confiável, tornando-os mais fáceis de usar do que muitos escólios (DICKEY, 2007, p.28)²³.

Aristófanes é um dos escritores clássicos mais complexos de ser entendido e traduzido tanto pelos seus usos do grego quanto por sua linguagem irônica e intertextual, recursos estes que eram muito bem percebidos pelos contemporâneos do comediógrafo; todavia, para o leitor atual se torna difícil, já que a língua é usada em contextos de situação e cultura. Sem a compreensão destes contextos ou plano de fundo histórico, não é possível notar as piadas e as ironias feitas. E assim a intenção do comediógrafo não é captada.

²² Minha tradução de: Scholia share with other forms of paraliterary material such as glossaries, lexica and grammatical treatises, the feature that they are not a stable type of text from the transmissional point of view. Scribes or scholars would frequently not copy faithfully the scholia which stood in their exemplars, but to respond to the differing needs of their readership or for other reasons, they would consciously modify them in many ways. They would also limit or expand the corpus of scholia of their exemplars, omitting some notes from their copies or creating some new ones to treat topics which they would think important themselves.

²³ Minha tradução de: The scholia to Aristophanes are among the most important sets of scholia, in part because they provide historical background without which many of the jokes and allusions in the comedies would be incomprehensible. They are relatively well preserved, and most of them can be found in a sound and reliable modern edition, making them easier to use than many scholia.

Uma implicação disso seria que a tradução não conseguiu alcançar seu alvo (HALLIDAY; HASAN, 1989; LECKIE-TARRY, 1995).

Resulta disso a importância da tradução dos escólios como recurso para o entendimento dos textos aristofânicos. Por conseguinte, a pesquisa se mostra de grande pertinência para os estudos clássicos. Além do seu valor inerente, o conhecimento da comédia por outras fontes, como os escólios, possibilita a abertura para o entendimento do mundo antigo, como pode ser observado a seguir:

À medida que a democracia se desenvolvia, oficiais letrados e membros do conselho de cidadãos eram requisitados para a criação de registros escritos. No entanto, as fontes fazem pouco dos usos práticos da educação. *Cavaleiros* de Aristófanes (424 a. C) fornecem evidências importantes sobre a relação entre alfabetização e democracia: o vendedor de salsichas, forçado a ser um político, não afirma nenhum conhecimento de música ou ginástica, e apenas pouco conhecimento de letras. Seu co-autor lhe assegura que um homem ignorante é necessário para governar o estado (NOVOKHATKO, 2015, p.7)²⁴.

Posto que toda obra literária está inserida na sua própria cultura, uma vez que não se dissocia linguagem de cultura, entender a Grécia antiga por Aristófanes é compreender alguns aspectos da vida daquela sociedade como educação e política.

Feitas tais considerações mais gerais sobre os escólios, prossegue-se com observações mais detalhadas a respeito dos manuscritos principais para a composição do texto das onze peças de Aristófanes bem como dos seus escólios. Os apontamentos que se seguem são extraídos basicamente de John Mervyn, um dos autores responsáveis pela edição dos escólios do comediógrafo grego, tendo como edição principal W. J. W. Koster e D. Holwerda. Antes, serão apresentadas características gerais dos escólios de Aristófanes.

3.2 Características dos escólios de *Cavaleiros*

Existem quatro grupos em que se encontram os escólios de Aristófanes: (1) antiga escolia; (2) escólios de Tzetzes; (3) escolia de Thomas Magister e por fim (4) escolia de Demetrius Triclinius. A antiga escolia é a mais focalizada por providenciar informações úteis sobre Aristófanes; por seu turno, as anotações mais recentes preservam

²⁴ Minha tradução de: As democracy developed, literate officials and members of the council of citizens were required for the creation of written records. However, the sources make little of the practical uses of education. Aristophanes' *Knights* (424 BC) provides important evidence on the relationship between literacy and democracy: the sausage-seller, forced to be a politician, claims no knowledge of music or gymnastics, and only little knowledge of letters. His collocutor reassures him that an ignorant man is needed to govern the state.

algum material antigo sendo, porém, mais relevantes porque mostram como era a perspectiva dos estudiosos bizantinos (DICKEY, 2007).

Erostótenes, por exemplo, é caracterizado como erudito que compilou obras em lexicografia, dentre elas, *Ἀρχιτεκτονικός* e *Σκευογραφικός*, ambas relacionadas à comédia. Além disso, escreveu o tratado *Sobre a comédia antiga* (*Περὶ τῆς ἀρχαίας κωμωδίας*) (MONTANA, 2015, p.112).

Segundo Dickey (2007), a fonte adicional de grande relevância dos escólios talvez sejam o comentário sobre a métrica sobre Aristófanes produzido por Heliodoro, o qual é muito importante para a compreensão da teoria métrica antiga. Sua obra foi preservada principalmente em *Paz* com seções substanciais em *Acarnenses* e *Cavaleiros*, além de alguns fragmentos em *Nuvens* e *Vespas*.

Várias fontes constituem os escólios de Aristófanes, o que começa já desde a erudição de Alexandria. Bem mais adiante na história, Aristófanes de Bizâncio foi quem produziu uma edição das comédias providenciando para cada uma introdução.

Os escólios de Aristófanes devem-se em grande parte aos *corpora* antigos, mas expandi-los através de comparações com muitos outros poetas gregos antigos e com a realidade linguística (e às vezes política) contemporânea de Tzetzes. Eles mostram um crítico textual conservador que raramente aceita novas leituras em seu texto (mesmo quando ele possui melhores manuscritos e prova ser capaz de avaliar seu valor), e se entrega a todo tipo de detalhes antiquários e observações linguísticas; aqui também, Tzetzes frequentemente exhibe uma atitude polêmica, particularmente - talvez devido ao próprio conteúdo das peças - em seus comentários a *Rãs* e a *Riqueza*, que podem em algumas ocasiões tornar-se um tanto verbosos. Por exemplo, ele não se abstém de declarar sua necessidade de preencher o texto com comentários adicionais a fim de preencher a página, ou o medo de atos hostis de seus rivais empenhados em roubá-lo de algumas obras e ideias. algo novo no que diz respeito à interpretação do próprio Aristófanes, obras de Tzetzes incorporam uma certa prestação da tendência de atticismo bizantino, e, ao mesmo tempo, eles dão um sentido de um engajamento pessoal profundo do comentador com seu autor dramático favorito (PONTANI, 2015, p.381,382)²⁵.

²⁵ Minha tradução de: The scholia to Aristophanes are largely indebted to ancient corpora, but expand them through comparisons with many other ancient Greek poets and with Tzetzes' contemporary linguistic (and sometimes political) reality. They show a conservative textual critic who rarely accepts new readings in his text (even when he owns better manuscripts and proves capable of assessing their value), and indulges in all sorts of antiquarian details and linguistic observations; here too, Tzetzes often displays a polemical attitude, particularly—due perhaps to the very content of the plays—in his commentaries to the *Frogs* and the *Wealth*, which may on occasion become somewhat verbose. For example, he does not refrain from declaring his need to pad the text with additional comments in order to fill the page, or the fear of hostile acts by his rivals bent on robbing him of some works and ideas. While hardly ever offering something new as regards the interpretation of Aristophanes himself, Tzetzes' works embody a certain rendering of the Byzantine Atticist trend, and at the same time they give a sense of a deep personal engagement of the commentator with his favourite dramatic author.

De fato, os manuscritos de Aristófanes são bem antigos, o que não necessariamente quer dizer que estejam isentos de erros por parte dos copistas. Apesar disso, é possível perceber também um trabalho de revisão e correção dos erros cometidos. Por essa razão, é preciso uma análise do ponto de vista quantitativo e qualitativo conforme se segue.

Jones (1952) faz análise de seis manuscritos que constituem o material de base tanto para o texto de Aristófanes quanto para seus escólios. Uma das diferenças entre o próprio texto aristofânico e seus escólios é que estes são de maior quantidade e seus escribas não foram tão cuidadosos de sorte que um exame quantitativo e qualitativo é necessário.

Os manuscritos são: códice Ravena (R), que contém todas as onze peças com argumentos, escólios e explanações, mas omissão dos argumentos em *Cavaleiros* e todos os escólios desta peça depois do verso 214. Códice Veneto Marciano (V), datado do décimo primeiro século, localizado na Biblioteca Nacional de São Marcos, Veneza. Contém sete peças *Pluto*, *Nuvens*, *Rãs*, *Cavaleiros*, *Aves*, *Paz* e *Vespas* com prolegômeno, argumentos, escólios e explanações. Códice *Parisinus graecus* (A) do século XIII na Biblioteca Nacional de Paris contendo sete peças: *Pluto*, *Nuvens*, *Rãs*, *Cavaleiros*, *Aves*, *Acarñenses* e *Assembleia das mulheres* (esta última dos versos 1-282) com prolegômenos e argumentos, porém sem escólios ou explicações, exceto em *Nuvens* e *Rãs*. Códice *Larentianus* (I) do século XIV, localizado na Biblioteca Medioceo-Laurenziana em Florença contendo seis peças: *Acarñenses*, *Assembleia das mulheres*, *Cavaleiros*, *Aves* (1-1419), *Vespas* (versos 421-1396), *Paz* (378-490, 548-837. 893-947, 1012-1126, 1190-1300). Códice *Laurentianus* (Θ) do século XIV, localizado na Biblioteca Medioceo-Laurenziana em Florença com quatro peças: *Pluto*, *Nuvens*, *Cavaleiros* e *Rãs*, todas com prolegômenos, argumentos, escolia e explanações; exceto em *Cavaleiros* não há explanações. Por fim, códice *Estêncio* (E) do século XIV na Biblioteca de Estence em Modena. Contém seis peças: *Pluto*, *Nuvens*, *Rãs*, *Cavaleiros* e *Aves* (1-220) e *Acarñenses*, com prolegômeno, argumentos, escólios e explanações (JONES, 1952).

O códice R é mais antigo que os demais supramencionados, além de ser o único que contém as onze peças. O manuscrito foi dividido por dois escribas. O primeiro copiou o texto e os escólios de quatro peças (*Pluto*, *Nuvens*, *Rãs* e *Aves*). Por seu turno, o segundo corrigiu o texto e copiou os escólios de *Cavaleiros* versos 1-214 e das demais peças. Enquanto o texto foi escrito em minúsculo; os escólios, em metade em uncial. Os escólios

de *Cavaleiros* nunca foram completados, e os argumentos desta peça nunca foram inseridos (JONES, 1952).

3.3 Tradução comentada e anotada

498 ἀλλ' ἴθι χαίρων: Κορωνίς. εἰσελθόντων γὰρ τῶν ὑποκριτῶν, εἶτα καταλειφθεὶς ὁ χορὸς λέγει περίοδον αναπαίστων η'. τὴν μὲν προπεμπτικὴν τοῦ ἐτέρου τῶν ὑποκριτῶν οὗσαν δεκάμετρον πεντάκωλον, ὑφ' ὃ διπλῆ κατὰ τὴν δευτερεύουσαν, κομμάτιον. ἄρχεται γὰρ τῆς καλουμένης τελείας παραβάσεως. ἐπτάμετρα δέ εἰσι. τὸ δέ κομμάτιον τετράμετρον. Ἄλλως. τοῦτο διὰ τὸ μετὰ τὴν διπλῆν τίθεσθαι ἔοικεν εἶναι ἔκθεσις τῆς διπλῆς. Διὸ καὶ τὸ παρατέλευτον ἔχει κῶλον, ὅπερ ἔθος ἐν τῇ ἐκθέσει τίθεσθαι. διὰ δὲ τὸ προτίθεσθαι τῆς παραβάσεως, κομμάτιον χοροῦ ὀνομάζεσθαι, ὡς εἴρηται. ἔθος γὰρ ἐστὶ προτίθεσθαι τῆς παραβάσεως. κομμάτιον ἐστὶν ἐκ κῶλων ἀναπαιστικῶν θ', πλὴν τοῦ παρατελεύτου, ὅπερ μονόμετρον, καὶ τοῦ ε' καὶ τελευταίου, ὅπερ ἐφθημιμερῆ, διμέτρων. ἐπὶ τῷ τέλει παράγραφος. παρὰ τὸ Σοφοκλείου ἐξ Οἰκλέους.

498 **Antes, vai feliz:** [Há uma]²⁶ corônís. Pois, tendo entrado os atores, então, tendo ficado para trás, o coro vem recitando um período de oito anapestos. Por sua vez, recitando um dos atores o seguinte, que é decâmetro de cinco cólons; sob o qual, há uma diplo conforme o segundo período, o *kommátion*. Porque dá início à chamada parábase completa. São heptamétricos. O *kommátion*, por sua vez, [é] tetrâmetro. Em outra fonte: Esta, pelo fato de estar com a diplo, aparenta ser uma exposição de linha dupla. Por isso também o penúltimo tem um [só] cólon que costuma ser colocado na exposição. Pelo fato de introduzir a parábase, é chamado de *kommátion* do coro, como foi dito [pelo escoliasta]. Porque o costume é ser posto antes da parábase. O *kommátion* é de nove cólons anapésticos; exceto: o penúltimo, que é monômetro; o quinto; e o último, que é eptemímere, um dímetro. No fim [do período], há um parágrafo. Há um paralelo com *Oikles* de Sófocles.

Comentário:

No nosso recorte, ἄλλως aparece pela primeira vez aqui. No dicionário de grego clássico de Montanari (2015), o advérbio pode ser traduzido como: (1) caso contrário (*otherwise*); (2) de outra forma (*in another way*); (3) diferentemente

²⁶ O conteúdo em colchetes não estão no texto grego. São acrescentados a fim de trazer melhor leitura e compreensão seguindo o princípio da retextualização descrita no capítulo sobre as considerações teóricas a respeito da tradução. Agradeço aqui ao prof. Lauro por esta sugestão de explicitar o verbo de ligação. Como o professor Lauro informou quando da sua orientação desta dissertação, os escoliastas costumavam ser bastante sintéticos na linguagem por causa da falta de espaço.

(*differently*) e (4) em um lugar diferente (*in a different place*). Porém, nenhuma dessas possibilidades de tradução é suficiente, embora a quarta se aproxime mais do uso do escoliasta.

Por seu turno, Moura Filho (2018, p.166) esclarece melhor dizendo que “o advérbio ἄλλως (‘em outra fonte’) tinha exatamente essa finalidade: mostrar, dentro de um mesmo escólio, o início do comentário proveniente de uma fonte distinta da que estava sendo usada até então...”. Desta feita a proposta de Moura Filho será seguida aqui.

Um sinal crítico é a corônis (κορωνίς). Conforme o escoliasta afirma, o sinal serve para marcar o aparecimento dos atores e a entrada do coro. Outro termo técnico é περίοδον (período), que, consoante Moura Filho (2018), no que concerne à métrica e à retórica, περίοδον pode ser traduzido como “sentença”, “período” ou “frase”. Por seu turno, o parágrafo (παράγραφος) é também outro termo técnico (–): um sinal cuja finalidade indica as diversas seções correspondentes ao coro ou à parábase (MOURA FILHO, 2018).

O κομμάτιον (*kommátion*) é outra terminologia técnica que designa um trecho curto de transição podendo ser um adeus aos atores que saem do palco bem como um convite aos espectadores para se atentarem à parábase (POMPEU, 2019).

No que concerne à tradução comentada dos verbos, os dois participios aoristos (εἰσελθόντων e καταλειφθεῖς) precedem o verbo principal no presente do indicativo (λέγει). No que concerne à metafunção textual, os participios são antepostos para lançar proeminência ao indicativo presente. Eles servem de informação de plano de fundo, o que significa dizer, funcionalmente, que orientam o leitor para a proeminência do que está por vir. Mais adiante é usado outro presente indicativo “ἄρχεται γὰρ τῆς καλουμένης τελείας παραβάσεως” (chega-se ao início da parábase propriamente dita), o que serve para orientar o leitor no alvo do escólio: explica em que consiste a parábase em termos métricos. O alvo de lançar proeminência diz respeito à função interpessoal, que tem a finalidade de interagir com o leitor, o que já foi feito também pelos usos dos participios. Na visão funcionalista, a linguagem tem fundamentalmente a função de interação entre os participantes (NEVES, 2006; DIK, 1997). Por sua vez, a metafunção ideacional corresponde à representação do conteúdo informacional sobre a técnica métrica usada para explicar a parábase.

Obviamente que todos esses significados em termos de metafunções acontecem simultaneamente no texto, numa sistase de sentido, por meio das escolhas linguísticas, que implicam significado.

500. **Ζεὺς ἀγοραῖος:** Ὡς Ζεὺς ξένιος ἢ μειλίχιος ἢ φίλιος, οὕτω καὶ ἀγοραῖος. οἰκείως δὲ νῦν διὰ τὸν ἀλλαντοπώλην ἀγοραῖον εἶπεν.

500. **Zeus de feira:** É parecido com Zeus hospitaleiro ou [Zeus] bondoso ou [Zeus] amigo abem como [Zeus] feirante. Portanto, falou apropriadamente por causa do salsicheiro feirante.

Comentário:

O escólio explica então a evocação a Zeus. Na voz do coro, o deus grego é recategorizado como feirante, para assim associar-se com o personagem principal, como numa tentativa de petição de ajuda a Zeus. O verso da parábase está dentro do contexto cultural de disputas entre os poetas (BILES, 2011). Neste sentido pode-se dizer que a invocação a Zeus seria também voltada a favor do poeta Aristófanes.

502. **κατάπαστος** δὲ, κατάμεστος, πλήρης, πεποικιλμένος.

502. **κατάπαστος:** cheio, pleno, no estado de totalmente adornado.

Comentário:

O escolista faz escolhas lexicais indicando gradação, tendo como clímax o aspecto estativo. Embora os termos sejam sinônimos, parece haver uma gradação crescente produzida pelo uso do particípio perfeito, por isso optou por traduzi-lo com acréscimo do advérbio “totalmente”.

503. **ὕμεις δ' ἡμῖν:** Ἐντεῦθεν παράβασις γίνεται, καὶ ἔστι τοῦτο τὸ καλούμενον κομμάτιον. μεθ' ὃ οἱ ἀνάπαιστοι, ἔπειτα τὸ μακρὸν, μετὰ ταῦτα δὲ στροφή, ἔπειτα τὸ ἐπίρρημα, ἐξῆς δὲ ἡ ἀντίστροφος καὶ ἐπὶ πᾶσι τὸ ἀντεπίρρημα. παντοίας δέ, παντοδαπῆς, ποικίλης, μεμουςωμένοι ἀκροαταὶ καὶ πάσης παιδεύσεως καὶ μέτρου ἀκροασάμενοι. — ὁ μέντοι ποιητὴς τοῦτο πρῶτον τὸ δρᾶμα δι' ἑαυτοῦ καθῆκε, τὰ δ' ἄλλα δι' ἑτέρων προσώπων.

503. **E vós a nós** A parábase começa daqui, e isso é chamado de *kommátion*; depois deste, os anapestos; então, o *mákrōn*; em seguida, a estrofe; e, então, a fala voltada ao público, *epírrema*. E, em seguida, a *antístrofe* e depois de todas o *antepírrema*. De toda sorte, de todas as formas e variadas maneiras, ouvintes encontram-se agitados,

toda educação e metro ouvindo – Certamente, o poeta compôs esta primeira peça por si mesmo, embora as outras através de outras máscaras.

Comentário:

São explicados os aspectos técnicos da parábase. O *mákrōn* é um sistema anapéstico que devia ser recitado pelo ator de um só fôlego, por isso também recebe a designação de *pnîgos* (sufocação) consoante afirma Pompeu (2019).

507 **εἰ μὲν τις ἀνήρ:** Ἀναπαιστική διπλή καὶ εἴσθεσις εἰς αὐτὴν τὴν παράβασιν. ἀναπαιστικοὶ στίχοι καταληκτικοὶ τετράμετροι μᾶ'. [ὦν τελευταῖος αἴρεσθ' αὐτῶ πολὺ τὸ ῥόθιον, παραπέμψατ' ἐφ' ἑνδεκα κόπαις. ἐν ἐκθέσει δὲ κῶλα ἀναπαιστικά τέτταρα, ὦν τὰ μὲν δύο δίμετρα ἀκατάληκτα, τὸ τρίτον μονόμετρον, ὃ καὶ παρατέλευτον ὀνομάζεται. τὸ δὲ τέταρτον δίμετρον καταληκτικόν. ὑφ' ὃ παράγραφος.] παράβασις. ὁ λόγος ἐκ τοῦ χοροῦ παρὰ τοῦ ποιητοῦ Ἀριστοφάνους τὸν λόγον ποιουμένου.

507 Se algum homem: [Há] linha dupla anapéstica e uma introdução à parábase propriamente dita. Os quarenta e um versos anapésticos são tetrâmetros catalécticos, dos quais o último é este:

“em sua honra, uma trovada de aplausos, acompanhai-o com os vossos onze remos” (Cav. 546)²⁷.

Já na exposição [há] quatro cólons anapésticos, dos quais, por um lado, os dois [primeiros] são dímetros acatalécticos; por outro lado, o terceiro é monômetro, que também é chamado de penúltimo (παρατέλευτον); o quarto, dímetro cataléctico, junto do qual há um parágrafo. Parábase: o discurso do coro em lugar do poeta Aristófanes, o produtor do discurso.

Comentários:

De acordo com Moura Filho (2018), no que tange à colometria, εἴσθεσις (introdução) é o nome que designa o conjunto de cólons recitado pelo coro em meia evolução: movimento, por exemplo, da direita para a esquerda. Já ἐκθέσει (exposição) é a recitação da outra meia evolução: movimento na direção contrária, da esquerda para a direita. Introdução e exposição constituem, portanto, o movimento completo do coro de um lado para o outro (MOURA FILHO, 2018).

²⁷ A expressão Cav. é utilizada como abreviação de *Cavaleiros*. Neste escólio, há uma citação ao verso 546 como exemplo do que está sendo colocado.

No que diz respeito ao comentário como texto, ele é produzido basicamente de sintagmas nominais. Não há verbos finitos; exceto participípios funcionando nominalmente. A definição mesma de parábase é feita somente por nomes e não verbos. Esse caráter sintético é possível ser encontrado em outros escólios de *Cavaleiros*²⁸.

Uma explicação funcional para isso é o próprio gênero escólio cuja finalidade é ser explicativo de modo sucinto, o que não significa dizer, necessariamente, que o escoliasta não venha a usar verbos finitos como ele o faz com os contrastes entre os aspectos verbais.

Do ponto de vista da tradução hermenêutica, os escólios se tornam difíceis de serem compreendidos justamente porque se requer que o leitor preencha as lacunas deixadas pelos sintagmas nominais. Estando um trecho com verbos finitos, o preenchimento dos implícitos diminui, o que facilita na interpretação.

Mas é possível notar no texto também, da perspectiva da metafunção textual, como o escoliasta organiza seu comentário para ajudar o leitor na interpretação (e tradução no nosso caso) por meio dos usos de partículas como μὲν... δέ (por um lado... por outro lado), por exemplo, bem como dos pronomes relativos e a partícula δέ em “ἐν ἐκθέσει δὲ” (Já na exposição), que se optou por traduzir por “já” a fim de marcar um novo desenvolvimento no fluxo de informação. O aspecto verbal também, quando escolhido, facilita na organização do texto. O que significa dizer, em outras palavras, a coalisão entre coesão e coerência na produção, interpretação e tradução do texto. Toda essa organização textual materializa a metafunção interpessoal (a orientação argumentativa do texto guiando o leitor no significado pretendido) e a ideacional (o conteúdo da informação).

Apesar de se procurar manter a estrutura do texto grego, na tradução houve acréscimo do verbo “ser” e do pronome catafórico “este” em “os quarenta e um versos anapésticos são tetrâmetros catalécticos, dos quais o último é este” a fim de facilitar a compreensão no português, embora tentando preservar o caráter sintético do texto. A função catafórica do pronome contribui para orientar na leitura do texto.

508 ἔπη λέγοντας: Ὅτι καὶ τὰ ἄλλα μέτρα ἔπη ἔλεγον.

²⁸ Ver nota de rodapé sobre o Escólios 498.

παραβῆναι: Τῇ παραβάσει χρήσασθαι. Λέγεται δὲ παράβασις ἥτοι ἐπειδὴ ἀπῆκται τῆς ἄλλης ὑποθέσεως, ἢ ἐπειδὴ παραβαίνει ὁ χορὸς τὸν τόπον. ἐστᾶσι μὲν γὰρ κατὰ στοῖχον οἱ πρὸς τὴν ὀρχήστραν ἀποβλέποντες· ὅταν δὲ παραβῶσιν, ἐφεξῆς ἐστῶτες καὶ πρὸς τοὺς θεατὰς βλέποντες τὸν λόγον ποιοῦνται.

508: **Recitar versos:** Porque também nomeavam as outras medidas métricas de ἔπη (palavra, discurso, verso).

παραβῆναι: [Significa] proferir parábase. Anuncia-se a parábase quer depois de deixar um tema, quer depois de o coro avançar de lugar. Porque os que são vistos na dança do coro tanto estão dispostos em fila quanto avançam [em fila], e ainda dispostos [nesta] ordem proferem o discurso olhando para os espectadores.

Comentário:

A parábase consiste no avançar do coro no palco para se dirigir aos espectadores, por isso que o verbo παραβῆναι pode ser entendido como avançar, ou até transgredir, e pronunciar uma parábase. O substantivo παράβασις (parábase) é uma nominalização oriunda do verbo παραβῆναι (avançar). Na LSF, a nominalização é o meio pelo qual os processos (verbos) são transformados em ‘coisas’, ou seja, substantivos. Esse fenômeno é chamado de metáfora gramatical (WEBSTER, 2009).

509 οὐκ ἂν φαύλωσ: Οὐκ ἂν εὐχερῶς, οὐδὲ ἄνευ καμάτου καὶ πόνου.

ἄξιός ἐσθ' ὁ ποιητής: Λέγει ὅτι σπουδῆς ἄξιός ἐστιν ὁ ποιητής καὶ τῆς παρὰ τῶν θεωμένων εὐνοίας, ὅτι τὴν πρὸς Κλέωνα ἔχθραν ἐπανείλετο, καὶ τοὺς αὐτοὺς ἐχθροὺς ἠγεῖται οὓς ἡμεῖς οἱ Ἀθηναῖοι.

509 **não [seria] facilmente:** Não [seria] tão fácil, nem sem esforço e labor.

Digno é o poeta: Diz-se que muito digno é o poeta tendo em vista ser diligente e benévolo para com os espectadores, porque é considerado inimigo de Cléon, bem como os inimigos deste comanda, os quais [somos] nós, os atenienses.

Comentário:

A construção sintática do segundo comentário é um tanto complexa por vir acompanhada de dois genitivos absolutos, os quais dizem respeito ao tratamento do poeta para com o povo. O escólio é composto de muitos verbos no aspecto imperfectivo (Λέγει, ἐπανείλετο e ἠγεῖται) que parecem lançar ênfase na atitude do poeta a favor do povo na sua oposição a Cléon. Os processos verbais são escolhidos para apresentar uma perspectiva positiva do poeta.

511. **καὶ γενναίως πρὸς τὸν Τυφῶ:** Ὁ Τυφῶς Γῆς μὲν ἐστὶν υἱός, ἴσχυσε δὲ τοσοῦτον, ὡς μὴ ἀνθρώποις μόνοις δοκεῖν φοβερὸς εἶναι, ἀλλὰ καὶ τοῖς θεοῖς. καὶ εἰς ἀλόγων ζώων ιδέας μετέβαλλον τὰς μορφάς διὰ τὸν ἐκείνου φόβον.

τὴν ἐριώλην: Τυφῶς ἀνέμου συστροφή ἢ πυρός. τὸν Κλέωνα δὲ λέγει. ἐριώλη δὲ ἀναθυμιάσεως συστροφή, πρὶν ἐμπυρωθῆναι τὸν ἀέρα. καὶ ἡ μεγάλη δὲ πνοὴ οὕτως. ἔμπαλιν δὲ εἰπὼν ἠΰξησαν ἂν μᾶλλον καὶ δεξιώτερον εἶπεν. ἡ γὰρ ἐριώλη πνοὴ σφοδρά· ἀλλ' ὁ γε Τυφῶς μείζον τι πνεῦμα καὶ κακοποιόν. ἔδει οὖν πρῶτον εἰπεῖν ἐριώλην, εἶτα Τυφῶ, καὶ εἶχεν ἂν μείζω τὴν ἔμφασιν.

511 **E com valentia contra o Tifão:** Por um lado, Tifão é filho da Terra; por outro, era muito forte ao que parecia ser temido não somente pelos homens; antes também pelos deuses. Também mudou as próprias formas para a de animais irracionais por causa daquele temor.

O ciclone: Tifão, agitação de vento ou fogo. Está falando de Cléon. Ciclone é agitação quente e seca antes de incendiar o ar. Assim também é o grande sopro de vento. De novo dizendo, cresceria ainda mais, também disse ser o mais digno poeta, porque o ciclone é um vento muito forte. Porém, ainda maior que tal vento e mais maléfico é Tifão. Por conseguinte, era necessário primeiro dizer ciclone; depois, Tifão, e, desta forma, manter-se-ia ainda mais a expressividade.

Comentários:

O escoliasta faz uso das partículas μὲν...δὲ que foram traduzidas, respectivamente, como “por um lado” e “por outro lado”. Juntas, servem para orientar argumentativamente o leitor na explicação da passagem sinalizando o grande temor causado por Tifão. Mais adiante, faz-se uso da partícula negativa μὴ seguida de ἀλλὰ. Este é usado para trazer a ideia de retificação, por isso que se optou por traduzir como “antes”. O uso de μόνοις funciona para ratificar o ponto da explicação: o temor a Tifão.

515 **διατρίβειν:** Τὸ ὑπερτίθεσθαι καὶ μέλλειν αὐτόν.

515 **demorar:** O fato de ele prorrogar, retardar.

Comentário:

A explicação feita pelo escólio diz respeito à demora em apresentar uma comédia ao público da parte do comediógrafo.

517 **πολλῶν γὰρ δὴ πειρασάντων:** Μετελθόντων, ἐπιτηδευσάντων. ἀπὸ τοῦ πειρᾶν ἐσχημάτισε. πειρᾶν δὲ τὸ προσβάλλειν γυναικὶ περὶ ἀφροδίτης. τροπῇ οὖν κέχρηται ὡς

ἐπὶ γυναινός, διὸ καὶ τὸ χαρίσασθαι ἐπήνεγκε. σημαίνει οὖν σπανίως ἐπιτυχεῖν τινὰς καὶ ὀλίγους κατορθῶσαι παντάπασιν.

517 Porque muitos já tentando: Buscaram, perseguiram. De tentar gesticulou; mas tentar lançar-se sobre uma mulher acerca de Afrodite (dos assuntos de Afrodite)²⁹. Faz uso de uma evolução como sobre uma mulher, por isso empregou o agraciado. Significa então que raramente alguns obtiveram e poucos acertaram completamente.

Comentário:

A explicação do escoliasta é que, usando a figura da mulher, o poeta representa a dificuldade em relação à comédia, posto que, embora muitos a desejem, poucos conseguem tê-la para si.

518 ἐπετείους: Ἀντί τοῦ, ἐκ πολλοῦ καταγινώσκων τὸν ὑμέτερον τρόπον. ἀπὸ τῶν οἰωνῶν δὲ μετήνεγκε τῶν μὴ μονίμων ὄντων, ἀλλὰ φερομένων τῇ πτήσει. τουτέστιν εὐμεταβλήτους, ὀλιγόρους, μὴ διαμένοντας ἐν τοῖς αὐτοῖς, ἀλλ' ἀψικόρους.

518 E vocês também há tempos vem percebendo que são instáveis³⁰: Igual a: “há muito observando vosso jeito”³¹. Dos pássaros não estáveis anunciou, mas os que são levados pelo voo. Em outras palavras, de mudança muito fácil, indiferentes, sem permanecer em si mesmos; antes, céleres.

Comentário:

O escólio explica o lema que diz respeito à mudança do povo em relação à comédia. Na verdade, o escoliasta está fazendo uma paráfrase da oração, por isso optou-se por coloca-la por inteira. Na paráfrase o poeta está fazendo uma crítica ao povo que não tem mais apreciado a comédia. O escoliasta usa o voo como comparação, pois este se movimenta muito, não fica parado. Assim também o povo ateniense estava mudando.

519 Καὶ τοὺς προτέρους τῶν ποιητῶν: Οἶον, τοῖς νέοις χαίροντας ἀεὶ τῶν ποιητῶν καὶ μὴ τοῖς ἀρχαίοις καὶ εἰς τὴν θυμέλην παριοῦσι πρῶτον.

προδιδόντας : Ἐπί γήραος οὐδῶ καταλείποντας.

Μάγνης δὲ ἀρχαίας κωμωδίας ποιητής.

519 Os poetas de outrora: Assim, com os novos poetas alegrando-se sempre e não com os antigos e também com os que chegam primeiro ao teatro.

²⁹ Visto que é uma expressão epegetica do escoliasta, optou-se por colocar entre parênteses a fim de não confundir com os colchetes que são acréscimos da tradução.

³⁰ Tradução minha do verso 518: ὑμᾶς τε πάλαι διαγινώσκων ἐπετείους τὴν φύσιν ὄντας

³¹ As aspas foram colocadas porque o trecho sinaliza ser uma paráfrase de toda a oração do verso 518.

Abandonando: no limiar da velhice abandonando.

Magnes, antigo poeta de comédia.

Comentário:

Na parábase, há referência a Magnes, que o escólio explica ser um poeta antigo. O escoliasta explica também que na parábase parece haver certa preferência pelos poetas mais jovens em detrimento dos mais velhos, que estavam sendo desprezados pelo povo.

521 **τῶν ἀντιπάλων**: Κατά τῶν ἀνταγωνιστῶν. φησὶ δὲ ὅτι εὐδοκιμῶν ὁ Μάγνης πολλὰς νίκας ἀπηνέγκατο κατὰ τῶν δι' ἐναντίας. ἰεὶς δὲ, ἀφιεὶς, παρεχόμενος

521 **dos rivais**: como os antagonistas. Ele diz que o estimado Magnes conquistou muitas vitórias sobre os opositores. Movendo, lançando, oferecendo.

Comentário:

De acordo com Giglio (2017), Magnes foi o principal dramaturgo cômico ateniense em meados do século V, antes da ascensão de Cratino. Obteve 11 vitórias.

522 **ψάλλων**: Τοὺς Βαρβιτιστὰς ἂν λέγοι. δρᾶμα δὲ ἐστὶ τοῦ Μάγνητος. ἡ δὲ βάρβιτος εἶδος ὄργανου μουσικοῦ. πτερυγίζων δὲ, ὅτι καὶ Ὅρνιθας ἐποίησε δρᾶμα. ἔγραψε δὲ καὶ Λυδοὺς καὶ Ψῆνας καὶ Βατράχους. ἔστι δὲ χρώματος εἶδος τὸ βατράχειον. ἀπὸ τούτου καὶ βατραχίς ἰμάτιον. ἐχρίοντο δὲ τῷ βατραχείῳ τὰ πρόσωπα, πρὶν ἐπινοηθῆναι τὰ προσωπεῖα. τὸ πτερυγίζειν δὲ εἶπε, ὡς πρὸς τοὺς ψῆνας ἀναφέρων.

522 **tocando**: Diga-se *Os tocadores de lira*. É uma peça de Magnetos. A lira, forma de instrumento musical. Agitando as asas, porque também compôs uma peça *Aves*. Escreveu também *Lídios, Pulgões*³² e *Rãs*. *Batrakheion*, ‘cor de rã’, é uma forma de cor. Disto resulta também a roupa bátraca. Utilizava-se das máscaras cor de rã, antes de serem imaginadas as máscaras. Disse o agitar as asas, para se referir aos *Pulgões*.

Comentário:

De acordo com Montanari (2015), βατράχους é uma palavra referente a sapo ou a sua cor sendo relacionada também com vestimenta. Pode, além disso, indicar verde claro. Desta feita parece constituir uma metonímia do sentido original como é o caso do sintagma nominal βατραχίς ἰμάτιον. Quanto à Ψῆνας, Fátima (2004) traduz como

³² Assim traduziu Fátima (2004). Embora citemos Fátima (2004) e Pompeu (2017), não nos aprofundaremos num diálogo com ambas as traduções, posto que nosso alvo não é um estudo comparativo entre traduções.

Pulgões. Por sua vez, em Montanari (2015) há duas outras possibilidades de significado: vespa ou mosquito.

524. ἀντί τοῦ οὐδέν ὠφέλησεν.

524 Em vez de ‘nada ajudou’.

526 ὃς πολλῶν ῥεύσας: Οἱ γὰρ λάβρως ποταμοὶ ῥέοντες καὶ αὐτῆς τῆς γῆς παρασύρουσι μέρος, δι’ ἧς ἂν ῥέωσι. Ἄλλως. τουτέστιν εὐδοκμήσας πολλάκις. καὶ Δημοσθένης ἐν Φιλιππικοῖς περὶ στεφάνου p. 272, 10 “ τότε τοίνυν Πύθωνος πολλοῦ ῥέοντος καθ’ ὑμῶν”. δοκεῖ δέ μοι Ἀριστοφάνης ἀφ’ ὧν αὐτός εἶπε Κρατῖνος περὶ αὐτοῦ μεγαληγορῶν, ἀπὸ τούτων καὶ οὗτος τὴν τροπὴν εἰληφέναι. ὁ γὰρ Κρατῖνος οὕτω πως ἑαυτὸν ἐπήνεσεν ἐν τῇ Πυτίνῃ

ἄναξ Ἄπολλον τῶν ἐπῶν τῶν ῥευμάτων·
 καναχοῦσι πηγαί· δωδεκάκρουνον στόμα·
 Ἴλισσός ἐν φάρυγγι. τί ἂν εἶποιμι’ ἔτι ;
 εἰ μὴ γὰρ ἐπιβύσει τις αὐτοῦ τὸ στόμα,
 ἅπαντα ταῦτα κατακλύσει ποιήμασιν.

ἦτοι οὖν τούτων χάριν καὶ Ἀριστοφάνης περὶ τοῦ Κρατῖνου ταῦτα λέγει, ἢ τὸ ῥεύσας εἶπε σκόπτων πρὸς τὸ ἐνουρεῖν τὸν Κρατῖνον.

526 **Que muito fazia fluir**: Pois os rios, fluindo de modo turbulento, também arrancam parte da própria terra, através dos quais venhm [os rios] a fluir. Em outra fonte: Isto significa dizer ser honrado muitas vezes. Também Demóstenes em *Filípicas*. Sobre a Coroa, p. 272, 10: “Então pois Pito fuindo muito contra vós”. Parece-me que Aristófanes das coisas que disse de o próprio Cratino estar vangloriando-se; das mesmas coisas também ele tomou para si a decisão. Pois assim Cratino, de alguma maneira, exaltou a si mesmo em a *Garrafa*.

Senhor Apolo dos versos fluídos
 Ressoam as fontes. Doze bocas.
 Ílisso em garganta. Quem ainda diria?
 Pois se alguém não calar a sua boca,
 Ele inundará tudo isso com poemas.

Ou, por conseguinte, graças a tais coisas também Aristófanes fala de Cratino tais coisas ou disse o ‘tendo fluído’ por Cratino não conter a urina.

Comentário:

De acordo com o escólio na primeira fonte, a explicação diz respeito à natureza das águas dos rios que saem destruindo tudo por sua força. Em uma segunda fonte, trata-se de explicar que a metáfora do fluir remete à honra dada a Cratino. É preciso considerar que este poeta antigo foi bastante vitorioso como já destacado por Bakola (2010). O escólio prossegue descrevendo que a passagem da parábase também pode se referir ou a Cratino se exaltar, ou a este ser envergonhado. O trecho estaria então continuando a tentar desqualificar Cratino como explicado pelo escólio.

527 διὰ τῶν ἀφελῶν πεδίων: Ἄντι τοῦ, διὰ τῆς φράσεως. ἔνιοι δὲ διὰ τῶν ἀφύων γράφουσιν. πρὸς πάντα δὲ αὐτὸς ἐσπούδασεν ἀντιθίνειν τὰ ὑπὸ τοῦ Κρατίνου εἰρημμένα· ἐπεὶ κάκεῖνος ποταμῷ παρέβαλεν ἑαυτὸν ἀθρόως ῥέοντι, ἠχεῖν τε φήσας τὰς πηγὰς. ὅπερ λάβρως ῥέοντος ὕδατος ἐστίν, ἔργον, ἦχον ἀποτελεῖν καὶ ψόφον καὶ τὰ λοιπὰ, ὡς εἵπομεν. διὰ τοῦτο καὶ Ἀριστοφάνης ὡς ἐπὶ ποταμοῦ ἐχρήσατο τῇ τροπῇ. Ἄλλως. τὸ ἐπὶ τῆς φράσεως ἄκομψον καὶ ἀπλοῦν τοῦ Κρατίνου ἀλληγορεῖσθαί φασι τὸ ἀφελές. κείμεναι δὲ νῦν ἀντὶ τὸ ὑγιὲς καὶ ὀλόκληρον. ἢ τὸ μέγα καὶ ἀνεπικώλυτον. στάσεις δὲ τὰ ἀναχώσματα τῶν ποταμῶν.

καὶ τῆς στάσεως παρασύρων: Ὡς διὰ τὸ γῆρας καὶ τὴν πολυποσίαν σκάζοντος καὶ τρέμοντος τοῦ Κρατίνου τὴν βᾶσιν. ἐφόρει δὲ, κατέβαλλε τοὺς ἀνταγωνιζομένους πρὸς αὐτὸν ὑψηλοὺς ὄντας. τοὺς ἐχθροὺς δὲ, τοὺς περὶ τὸν Καλλίαν αἰνίττεται

527 Pelas tesas planícies: É igual a pelo enunciado Alguns escrevem pelas anchovas. Ele deseja opor-se a tudo que Cratino havia dito, visto que aquele confiou a si mesmo ao rio em fluxo geral, para produzir barulho, dizendo que as fontes ressoam o que é obra de água corrente, ressoar e barulho e, para concluir, as demais coisas, como dissemos. Por isso também Aristófanis como com rio usou o tropo. Em outra fonte: No que respeita ao enunciado, sem elegância e simples de Cratino ao falar alegoricamente a acusação não refinada. Portanto, está reclinada invés de são e completo. Ou grande e sem obstrução. [Solo e dique dos rios]

E do solo arrastando: Por causa da velhice e da bebedeira, Cratino mana e treme o passo. Observa, derruba os adversários para com os que estão sendo arrogantes, aos inimigos, a respeito de Kalias é falado em parábolas.

Comentário:

De acordo com o escólio, Aristófanis usou os tropos da natureza como crítica ao discurso de Cratino. Assim o falar deste é associado pejorativamente com os elementos naturais para trazer ideia de algo desastroso e indelicado.

Cavaleiros, escrita em 424 a.C, nos versos 526-36, zomba de Cratino como um bebedor. É isso que o escólio está explicando. Como Biles (2011) informa, Cratino era um poeta cômico bastante preeminente da sua geração. Já nas Dionísias do ano seguinte (423 a. C), conforme diz Bakola (2010), Cratino produziu *Pytine*, onde fez troça de Aristófanes, retratando Cratino como um bêbado casado com a comédia e com problemas com esta devido ao seu hábito.

528 **προθελύμνους**: Προρρίζους. εἰώθασι γὰρ οἱ ποταμοὶ τὰ ἐπὶ ταῖς ὄχθαις ὄντα δένδρα, ἐπειδὴν καταναλώσωσι παρασύροντες καὶ παρατέμνοντες τὴν γῆν, τὰς ρίζας τέμνειν. ὡς τοῦ Κρατίνου παμψηφεὶ νικῶντος τοὺς ἀνταγωνιστάς.

528 **Puxados pela raiz**: Pelas raízes. Porque os rios estão acostumados sobre as escarpas sendo árvores. Depois que destruíssem completamente devastando e dividindo a terra até extrair as raízes. Assim é Cratino vencendo os inimigos com todos os votos.

Comentário:

Novamente fala-se da reputação de Cratino sendo metaforizada pelo poder natural do rio de destruir o que passa na sua frente.

529 **ῥῆσαι δ' οὐχ ἦν**: Πάλιν ὡς μέθυσον αὐτόν διαβάλλει τὸν Κρατῖνον. οὐκ ἦν γὰρ ἑτέραν, φησὶν, ἐν τοῖς συμποσίοις ᾠδὴν ποιήσασθαί τινα, προκαταλαμβάνοντος αὐτὰ τοῦ Κρατίνου.

Δωροῖ συκοπέδιλε: Κρατίνου μέλους ἀρχή. σκώπτων δέ τινα ἐκεῖνος δωροδόκον καὶ συκοφάντην τοῦτο εἶπεν.

529 **Cantar não era**: Novamente ele está acusando o próprio Cratino de estar embriagado. Porque não havia, dizem, nos simpósios alguma outra música a produzir para superar a de Cratino.

Dom de sandália delatar³³: a primeira música de Cratino. Aquele zombando de algum suborno e de um delator disse isso

Comentário:

Ainda no contexto de situação de disputa com referência ao poeta Cratino, o escólio explica que o trecho da parábase continua a tentar denegrir aquele poeta. Desta feita o escólio fornece informação mais ampla sobre o contexto de cultura da comédia antiga ao explicar que certos trechos fazem referência a indivíduos reais.

³³ Aqui seguimos a tradução de Pompeu (2017).

530 τέκτονες εὐπαλάμων: Τέκτονες πάντες οἱ τεχνῖται. καὶ τοῦτο δὲ ἐκ τῶν Εὐνειδῶν Κρατίνου. εὐπαλάμων δὲ, εὖ διακεχειρισμένων ἢ συντεταγμένων.

530 Artesãos de bem moldados: Todos os artesãos, os profissionais. E isto *Os Eunidas* de Cratino. Das elaborações bem fabricadas, bem distintas, bem ordenadas

531 παραληροῦντα: Διαποροῦντα καὶ ἀσχημονοῦντα. ταῦτα ἀκούσας ὁ Κρατῖνος; ἔγραψε τὴν Πυτίνην, δεικνὺς ὅτι οὐκ ἐλήρησεν ἐν οἷς κακῶς λέγει τὸν Ἀριστοφάνην ὡς τὰ Εὐπόλιδος λέγοντα.

531 Aloucado: Estando em confusão e comportamento inapropriado. Ouvindo isso, Cratino escreveu *Pytine*, mostrando que não disse tolices nem que ele fala mal de Aristófanes como falava de Êupolis.

Comentário:

Pytine (423 a.C) é provavelmente a mais celebrada de todas as comédias de Cratino. Foi composta no contexto do diálogo intertextual entre Cratino e Aristófanes, e é provavelmente o culminar deste diálogo e da auto-apresentação autoral de Cratino. Nesta peça, longe de ter os seus personagens ou o seu coro a fazer reivindicações autorais ou a apresentar o seu poeta na sua persona, Cratino transformou essa persona numa personagem que colocou em palco como protagonista (BAKOLA, 2010).

Pelo escólio se percebe o contexto de situação e cultura nos quais as peças ecoavam as disputas entre os poetas nos festivais.

532 ἐκπιπτουσῶν τῶν ἠλέκτρων: Ἰδίως τὰ ταῖς κλίναις ἐπιβαλλόμενα ἐλεφάντινα οὕτως ἐκάλουν ἤλεκτρα. μεταφορᾷ οὖν κέχρηται ἀπὸ τῶν κλινῶν. αἱ γὰρ ἀρχαῖαι κλῖναι τοὺς πόδας εἶχον ὠφθαλμισμένους ἄνθραξι καὶ ἠέλεκτροις, ὥσπερ νῦν ἀργύρω καττιτέρω. διόπερ βαρυτόνως ἀναγνωστέον ἀπὸ τοῦ αἰ ἠέλεκτροι τῶν ἠλέκτρων.

καὶ τοῦ τόνου οὐκ ἔτ' ἐνότος: Ἀκολούθως μετὰ τὴν κλίνην ἐμνημόνευσε τοῦ τόνου. τόνος γὰρ τὰ τῶν κραββάτων σχοινία. τροπικῶς δὲ δηλοῖ τὴν τῆς φωνῆς τάσιν.

532 De cavilhas soltas: De modo adequado, chamavam assim as cavilhas de marfim lançadas sobre camas. Assim se chamava por terem cor de âmbar. Portanto a metáfora é extraída das cavilhas, porque as antigas camas tinham os pés que se pareciam com brasa e cavilhas como, portanto, sola de sapato prateada. De sorte que é necessário pronunciar com acento grave, a partir de αἰ ἠέλεκτροι (no caso nominativo), τῶν ἠλέκτρων (no caso genitivo).

E não tendo mais distensão: Consequentemente, com a cama fez menção da corda. Relativamente à mudança, é percebida a modulação da voz.

Comentário:

O escólio explica que a referência às camas é, na verdade, uma metáfora que dizia respeito aos inimigos ou pode ser também um jogo de palavras para falar de planejar uma trama, porque as camas eram feitas de tramas de couro.

533. **τῶν θ' ἁρμονιῶν:** Ἄρμονίας λέγει τὰ συμπησσόμενα τῶν κραββάτων μέρη. ἐπέμεινε δὲ τῇ τροπῇ. καὶ γὰρ ἁρμονίαν λέγομεν τὴν τῶν ποιημάτων σύνθεσιν.

διαχασκουσῶν: Κεχηνυῶν, διεσκορπισμένων καὶ μὴ ἔχουσῶν εὐέπεταν.

533 **E as juntas:** Ele fala de harmonia bem ordenada da parte das paletas. Continuou com a evolução. Porque também falamos de harmonia das composições poéticas.

διαχασκουσῶν: Dos abestenienses, dos que estão esparramados sem ter eloquência no falar.

Comentário:

Parece então que o escólio está associando a condição física com a capacidade de composição poética. Assim a degradação física mencionada no comentário anterior como alusão à impotência sexual é usada também para mostrar a fraqueza poética da parte de Cratino.

O lema **διαχασκουσῶν** é explicado a partir de uma outra Κεχηνυῶν, que, consoante Montanari (2015) é uma palavra da comédia para se referir aos atenienses. A palavra tem sua origem no verbo χάσκω, que pode ser traduzido como abrir a boca. A tradução de Κεχηνυῶν por abestenienses é extraída de Pompeu (2017) segundo consta no verso 1265. Na sua tradução houve a junção da palavra cearense “abestado” com o sufixo “-ense”, designador de origem. A criação dessa palavra conseguiu captar os significados que a palavra grega expressa havendo assim um processo de recontextualização.

534 **ὥσπερ Κωνῆς:** Ὁ Κωνῆς ἀύλητῆς ἦν καὶ μέθυσος, ὃς εἰς συμπόσια παρήει συνεχῶς ἐστεμμένος. οὗτος Ὀλυμπιονίκης γενόμενος καὶ πολλάκις στεφανωθείς, πενιχρὸς ἦν μηδὲν ἔχων ἀλλ' ἢ τὸν κότινον ἐφ' οὗ Κρατῖνος εἶπεν

ἔσθιε καὶ σῆ γαστρὶ δίδου χάριν, ὄφρα σε λιμὸς

ἔχθαιρη, Κωνῆς δὲ πολυστέφανός σε φιλήσῃ.

λέγει δὲ αὐτὸν τοσοῦτα νικήσαντα μηδέποτε τετιμῆσθαι. ἢ δὲ παροιμία, στέφανον μὲν ἔχων, δίψη δ' ἀπολωλώς. Καὶ πάλιν

Δελφὸς ἀνὴρ, στέφανον μὲν ἔχων, δίψη δ' ἀπολωλώς.

πρὸς τὸν Κρατῖνον δὲ καὶ τοῦτο, ὅτι μέθύσός ἐστίν.

534 **Como Conas:** Conas era flautista e bebedor, o qual ao simpósio apresenta-se continuamente. Assim tornando-se campeão do olímpico e muitas vezes levando a coroa, ficava pobre estando sem nada. Antes, coroado com azeitonas selvagens segundo disse Cratino:

Come também teu próprio ventre, dá graças, no tempo da fome a ti

Seja odiado, Conas de muitas coroas adore-te.

Diz-lhe de grandes conquistas para nunca se honrado. O provérbio: por um lado tendo coroa; por outro, sendo destruído por falta de água. E novamente:

Homem de Delfos, por um lado, tendo coroa; por outro, sendo destruído por falta de água.

Isso também é a respeito de Cratino, por ser bebedor.

Comentário:

A referência a Conas tem como finalidade mostrar duas características de Cratino: uma, a de ser bastante vencedor; daí a menção a coroas; outra, a de ser bebedor. A expressão falta de água como metáfora para bebida alcoólica.

Consoante Giglio (2017), apelido depreciativo para Connos, filho de Metrobio, um músico, que achava que tinha sido vencedor nas Olímpicas, em concursos musicais, e tornou-se um professor de lira. Ele era tão irresponsável, que permaneceu pobre e não tinha nada para mostrar suas vitórias, apenas coroas secas de oliveira brava. Em 423, foi assunto de uma comédia de Ameipsias. Cratino, que também zombou de Connas, agora é comparado a ele.

535 ἐν τῷ πρυτανείῳ: Ἔχεται καὶ τοῦτο τῆς ἐννοίας τῆς προκειμένης. σιτεῖσθαι γὰρ ἔλεγον ἐν τῷ πρυτανείῳ, οὐχὶ πίνειν. παρὰ τῷ Διονύσῳ δὲ, ἀντι τοῦ, ἐν τῷ θεάτρῳ.

535 **No Pritaneu:** Tem o propósito de deixar expostas. Porque falavam em comer no Pritaneu, não beber. Ao lado de Dioniso é sinônimo de no teatro.

Comentário:

No Pritaneu esperava-se comer e não beber. Já no teatro de Dioniso enfatizava-se a bebida sendo ele o deus do teatro e do vinho. Ele é quem lidera os rituais

de libertação assim como os disfarces, a embriaguez, o êxtase e o entusiasmo (POMPEU, 2019).

Novamente o escoliasta usa um termo epegexético (ἀντι τοῦ) a fim de explicar a referência a Dioniso, porque este é considerado o deus do teatro grego consoante diz Pompeu (2019).

537 οἷας δέ Κράτης ὀργάς: Οὗτος κωμωδίας ἦν ποιητής, ὅς πρῶτος ὑπεκρίνατο τὰ Κρατίνου, καὶ αὐτὸς ποιητής ὕστερον ἐγένετο, καὶ ἐξωνεῖτο τοὺς θεατὰς καὶ τὴν τούτων εὐνοίαν. Ἄλλως. τραγικὸς ποιητής, ὀλιγόστιχα ποιήματα γράψας. **στυφελισμοὺς** δὲ, ὀργάς, λοιδορίας, ὕβρεις, μέμψεις.

537 Tais iras de Crates: Esse era poeta de comédia, que primeiro representou as práticas de Cratino. Também este veio a ser poeta posteriormente, e criticava o público e a benevolência dele. Em outra fonte: Poeta trágico que escreveu pequenos poemas. **στυφελισμοὺς:** ira, insulto, insolência, crítica.

Comentário:

Segundo destaca Giglio (2017), Crates foi um dramaturgo cômico entre 450 e 430 a.C., que começou como ator nas peças de Cratino. Veio a obter três vitórias nas Dionisíacas urbanas. Já na *Poética*, Aristóteles (1449b 6b) afirma que foi o primeiro autor cômico a abandonar a forma iâmbica e compor diálogos e enredos de temas mais universais. Pinheiro (2017), numa nota desta sua tradução de *Poética*, declara que, consoante Aristóteles, Crates foi possivelmente o primeiro ateniense a deixar o poema de invectiva contra um indivíduo particular (como costumava ocorrer nos poemas de Arquíloco) para compor enredos gerais.

O lema do escólio **στυφελισμοὺς**, que poderia ser traduzido como maus-tratos, é explicado a partir de outros termos que estão dentro do mesmo domínio semântico.

538 ἀπὸ σμικρᾶς δαπάνης: Σμικρὰ ἐποίει καὶ ἕτερπε τοὺς ἀκροατὰς, γράφων ἡδέα. ἀριστίζων δὲ, τρέφων, ἄριστον κατασκευάζων.

538 Com pouco consumo: Produzia pouco e satisfazia os ouvintes, escrevendo com deleite, oferecendo café da manhã, providenciando refeição matinal.

Comentário:

Os usos dos dois imperfeitos ἐποίει καὶ ἕτερπε: ambos imperfectivos são elaborados por participios expandindo as ideias dos verbos principais. Como metafunção

ideacional, serve para desenvolver o conteúdo, a informação. Como metafunção interpessoal, orienta o leitor na explicação. Como metafunção textual, organização da oração é importante para os alvos comunicativos. Caso os participios viessem antes das orações com imperfeito, os primeiros, na posição inicial, teriam a função de plano de fundo (*backgrounding*). Visto que os participios estão depois da oração principal, aqueles elaboram, desenvolvem os imperfeitos.

Na visão sistêmica, as metafunções são tratadas separadamente por motivo teórico-metodológicos. Todavia, na oração, elas, junto à função textual, ocorrem ao mesmo tempo. Pode-se explicar isso pela distinção entre mentalidade teórica e mentalidade ingênua do filósofo da ciência moderna Herman Dooyeweerd (2018). Para este, a mentalidade teórica consiste na abstração, na separação de um elemento da realidade concreta para análise. Por sua vez, a mentalidade ingênua diz respeito à realidade concreta em sua totalidade.

Dooyeweerd (1984) usa um termo importante para sua teoria da realidade: *sístase de sentido*. Significa que na realidade concreta os vários aspectos desta se apresentam simultaneamente. Usando essa reflexão filosófica para a compreensão das metafunções de Halliday, pode-se dizer que na oração as três metafunções acontecem simultaneamente em uma *sístase de sentido*. A abstração é feita porque nosso pensamento é sempre em perspectiva ou abstrativo separando um elemento da realidade.

Portanto, as metafunções são abstrações linguísticas com a finalidade de descrever melhor a experiência ingênua. Assim a reflexão linguística da língua, tomando aqui como exemplo a grega, toma como base textos reais de uso da língua.

539 **ἀπὸ κραμβοτάτου:** Ἦδυτάτου, ξηροτάτου. ἔπαιξε δὲ ἀπὸ τῆς τοῦ λαχάνου ἐπινοίας. αὐτοσχέδιος γὰρ ἦν περὶ τὰ δράματα. ἢ διὰ τὸ καπυρόν. Ἄλλως. ἀντὶ τοῦ χρηστοτάτου. ἔπαιξε δὲ τῷ κραμβοτάτῳ, ἀπὸ τοῦ λαχάνου κράμβης οὕτω καλουμένης. παρὰ δὲ τοῖς Ἀττικοῖς κοράμβλη διὰ τὸ τὰς κόρας βλέπειν. φασὶ γὰρ αὐτὴν ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν τοῦ Λυκούργου. ἠνίκα γὰρ ὁ Διώνυσος τοῦτον εὐλαβηθεὶς εἰς τὴν θάλασσαν ἔδου, ὑπὸ τῆς ἀμπέλου δεσμευθέντα δάκρυον ἐπαφεικέναι, κάκ τοῦ δακρύου τὴν κράμβην. καὶ διὰ τοῦτο ἀντιπαθῶς ἔχειν ἀλλήλων τὴν κράμβην καὶ τὴν ἄμπελον. πιστοῦνται δὲ τὸν μῦθον τοῦτον γεωργῶν παῖδες. εἰ γὰρ τις, φασί, τὴν ρίζαν αὐτῆς ἐξάψαι ἐν ἀμπέλῳ, οὐκ ἂν αὕτη καρπὸν ἐνεγκοι. ὅθεν καὶ πρώτη ἐν συμποσίῳ δίδοται, καὶ οἱ Αἰγύπτιοι πρὸ τῶν ἄλλων ἐδεσμάτων ἐφθὰς κράμβας ἤσθιον διὰ τὸ μῆ. Μεθύσκεσθαι οἴνῳ. βέλτιον δὲ κράμβη λέγοιτ' ἂν ἢ τῷ καρῷ ἀντιβαίνουσα. χαριέντως δὲ ὁ ποιητῆς

ἀντὶ τοῦ χρηστοτάτου, κραμβοτάτου ἔφησιν, ἵνα τὸ ἀπὸ μικρᾶς δαπάνης καὶ τὸ ἀριστίζω ἀκόλουθον τῷ ἐξῆς λέγειν δοκῇ. **μάπτων** δὲ, σκεπτόμενος, κατασκευάζων, ἐφευρίσκων. ἀντήρκει δὲ, ἀντεῖχε.

539 **De mais sutil**: mais doce, mais seco. Brincou-se com o mercado de hortaliças por causa do vinho. Porque acidentalmente era a respeito do drama, ou por causa do riso. Em outra fonte: É igual a “o melhor”. Diverte-se com o mais-cara-de-couve, assim designando a couve do mercado de vegetais. Em comparação ao dialeto ático, κοράμβλη, pelo fato de molestar as criadas. Porque dizem o mesmo dos olhos de Licurgo. Porque quando Dioniso reverenciando a este, desceu para o mar, por causa da vinha para lamentar contra a lágrima da couve. E por isso ter aversão um para ao outro: a couve e a vinha. As crianças creem neste mito de fazendeiros. Porque, se alguém, dizem, se prender na raiz da vinha, quem sabe não traria fruto. Quando no simpósio primeiro foi dado, também egípcios, diante de outras poucas de comidas sendo cozidas, não comeriam repolho. Embriagar-se com vinho é melhor que repolho, dir-se-ia aquilo que se opõe ao torpor. Mais gracioso é o poeta do que útil, mais que repolho, diz-se, para que, com pouco dinheiro também ofereça um almoço, continuaria, para depois pensar em dizer. **Μάπτων**: examinado, preparados, descobertos está associado a resistir.

Comentário:

Na explicação da vinha e couve, o escoliasta informa que era uma crença comum entre as crianças a de que o agarrar-se à vinha poderia vir a produzir frutos. As escolhas gramaticais do escoliasta (condicional, verbo φημί na terceira pessoa do plural e a partícula de contingência ἄν). Consoante Anne (2013), φημί é usado para sinalizar discurso indireto, como é o caso neste escólio. O que significa dizer com isso que o escoliasta não se compromete com a informação. Ele a transmite advindo de uma fonte com a qual não necessariamente ele se compromete.

Ademais, de acordo com o escoliasta, as referências a comidas servem para falar metaforicamente da resistência de Crates em relação à oposição que sofria. Na explicação do escoliasta, a figura do comediógrafo é associada ao vinho como algo bom, aprazível, deleitoso.

540 **τοτὲ μὲν πίπτων, τοτὲ δ' οὐχί**: Οἶον, ἀνὰ μέρος εὐδοκιμῶν, ἔσθ' ὅτε δὲ ἡττώμενος. τοῦτο δὲ εἶπεν, ὥς οὐκ ἀεὶ εὐδοκιμοῦντος.

540 **ora caindo, ora não**: Assim, por sua vez, honrado há quando experimentada a derrota. Disse isso por nem sempre ser bem estimado.

Comentário:

Neste escólio prossegue a explanação da oposição que sofria o poeta como forma de ilustração de como os atenienses já vinham perdendo interesse pela comédia. A passagem da parábase tem como contexto de situação a oposição que o poeta sofre em relação ao público, o que é exemplificado ainda com Crates.

542 **ἐρέτην χρῆναι:** Κωπηλάτην μὴ ἐπιχειρεῖν φησί κυβερνᾶν, εἰ μὴ ἐν πείρᾳ γένηται τοιαύτη. Ἄλλως. μὴ πρὶν ἐθέλειν κυβερνᾶν. οὐ γὰρ οἷόν τε κυβερνᾶν, μὴ πρότερον ἐν πολλῇ πείρᾳ γενόμενον ἀποδημίας καὶ τῶν ναυτικῶν, καὶ τοὺς ἀνέμους προῖδεῖν τίνες μέλλουσι πνεῖν καὶ προγνῶναι, εἶθ' οὕτως κυβερνᾶν. ἐντεῦθεν δέ τιτι τῶν τῆς παρ' ἡμῖν θρησκείας ἱεροφαντῶν Gregório Naz. Orat. 20, p. 335 δαιμονίως μετερρῦθμισται τὸ “ἐπαινῶ τῶν νηϊτήν νόμον, ὅς τὴν κώπην πρότερον ἐγχειρήσας τῷ νῦν κυβερνήτῃ καὶ πιστευσας τὰ ἔμπροσθεν, αὐθις ἐπὶ τῶν οἰάκων καθίζει μετὰ τὴν “πολλῶν τυφθεῖσαν θάλασσαν καὶ τὴν τῶν ἀνέμων διάσκεψιν”.

542 **remador ser preciso:** Dizem que um remador não recebia salário de piloto a não ser que fosse experimentado nisto. Já em outra fonte: Sem antes querer ser piloto. Porque não era piloto, sem antes tornar-se muito experimentado pela longa jornada marítima, prever os ventos e conhecer antes quais estão prestes a soprar. Então, assim tornar-se-ia piloto. [Desta feita alguns dos sacerdotes dentre nós adoradores. (Gregório Naz. Orat. 20, p. 335) de deuses estão decantando: “louvo a lei naval, que está se engajando no primeiro cabo de um remo; agora capitão do navio e também crendo nele, aqui dos que manejam o remo permanece com “muitos mares tempestuosos e também exame dos ventos”.

Comentário:

Na primeira fonte, explica-se a diferença entre o remador e o piloto a partir da remuneração e experiência deste último, algo que o primeiro só teria se viesse a ter experiência. Na segunda fonte, explica-se que para ser tornar piloto é preciso antes ser forjado pelo mar. A ideia de ser piloto experimentado serve de contraponto à falta de formação dos políticos que disputavam o poder de Atenas conforme Pompeu (2017) salienta.

545 **ὅτι σωφρονικῶς:** Μετὰ λογισμοῦ καὶ σκέψεως καὶ οὐκ ἀνοήτως, οὐδὲ ἐκ τοῦ προχείρου.

545 **Que de modo sábio:** Com raciocínio e percepção e não sem entendimento, nem sem elaboração.

546 **αἴρεσθ' αὐτῷ πολὺ τὸ ῥόθιον:** ῥόθιον τὸ κῦμα ἀπὸ τοῦ ταχέως θεῖν ἢ ῥεῖν. ἀπὸ τῶν ἐρεσσόντων μετήνεγκεν, ὅταν συνεχῶς ὑπὸ πολλῶν ἐρετῶν ἐπὶ πλέον προέρχεται ἢ ναῦς εἰς τὸ πρόσθεν. ἀξιοῖ οὖν τὸν νῦν ἔπαινον μέχρι πολλοῦ παραπέμψαι.

ἕνδεκα κόπαις: Κελεύσμα ναυτικὸν λέγεται ἐφ' ἕνδεκα κωπηλασίαις ἐκτεινομένη. ἐπέμεινε δὲ τῇ τροπῇ. Ἄλλως. ἐπαράτην παραδέχεσθαι ἐφ' ἕνδεκα κόπαις ἐξῆς τῶν ναυτικῶν. τουτέστιν ἀπὸ τοῦ κυβερνᾶν καὶ τοῦ ῥόθου τὸ ἐφ' ἕνδεκα κόπαις ἐπήγαγεν. ἢ ἐπειδὴ οἱ Ἀθηναῖοι τῶν ναυτικῶν ἐπιστήμονες ἦσαν.

546 **Levantai-lhe grande brado:** ῥόθιον significa movimento violento, agitação das ondas ao atingir rapidamente a enseada ou ao jorrar. Ao ir remando mais forte, é levado por meio da força quando pressionado por todos forçando contra a espuma marinha, assim a nau chega adiante. Agora, portanto, dignos são de acompanhar-lhe muito louvor.

Onze remos: Diz-se voz de comando dada aos remadores com onze remadores dispostos em fileiras. Fica em posição de fuga. Em outra fonte: ergue-se para receber os onze remos dos náuticos a frente. Em outras palavras, do piloto e do brado dos onze remos recebe-o. Ou porque os atenienses eram peritos navais.

Comentário:

De acordo com Biles (2011), embora a metáfora da espuma de água e da saudação com os onze remos nunca tenham sido explicadas de modo convincente, pelo contexto ambas servem como presságio da vitória com a peça *Cavaleiros* no festival.

O uso de εἰμί imperfeito em ἢ ἐπειδὴ οἱ Ἀθηναῖοι τῶν ναυτικῶν ἐπιστήμονες ἦσαν serve para trazer uma informação suplementar. Conforme destaca Decker (2014), o imperfeito “é usado em afirmações mais remotas do que afirmações usando o presente” (DECKER, 2014, p.263)³⁴. Dito de outra forma, essa +remoticidade³⁵ pode servir para causar o efeito de maior distanciamento. Assim, sugere-se, quando o escoliasta usa o imperfeito neste trecho, ele está expressando sua perspectiva em relação às de suas fontes.

Ao que parece, portanto, as escolhas aspectuais servem para marcar perspectivas ou vozes diferentes, as quais se associam com as fontes. Uma primeira

³⁴ The imperfect is used in statements that are more remote than statements using the present.

³⁵ Na LSF +remoticidade é uma terminologia para opor-se à -remocidade servindo para a semântica do aspecto imperfectivo nas relações sistêmicas binárias (PORTER, 1993). A remoticidade é uma categoria espacial contrastada com a proximidade conforme afirma Lyons (1977).

fonte marcada por λέγεται. Uma segunda fonte por ἐπήγαγεν, e claro, pelo marcador adverbial Ἄλλως, e por fim, a voz do escoliasta com o imperfeito ἦσαν e possivelmente com o marcador de alternativa ἢ.

547 **ληναίτην**: Ἐορτὴ παρὰ τοῖς Ἀθηναίοις τὰ Λήναια, ἐν ἧ̃ μέχρι νῦν ἀγωνίζονται ποιηταὶ συγγράφοντές τινα ἄσματα τοῦ γελασθῆναι χάριν. ὅπερ ὁ Δημοσθένης p. 268, 13 εἶπεν ἐξ ἀμάξης. ἐπὶ ἀμάξων γὰρ οἱ ἄδοντες καθήμενοι λέγουσί τε καὶ ἄδουσι ποιήματα.

547 **Das Leneias**: Festa dos atenienses, a Leneia, na qual até então os poetas disputam compondo alguma canção cômica para fazer rir. Como Demóstenes, p.268, 13, disse da carroça. Porque os cantores sentados nas carroças falam também e recitam obras poéticas.

Comentário:

Como afirma Pompeu (2019), a peça *Cavaleiros* foi encenada por volta de 424 a.C na festa das Leneias no contexto da batalha de Pilos. Participaram desta batalha Cléon e o general Demóstenes. Talvez por isso é que, conforme Sommerstein (2019), um dos personagens escravos represente aquele general³⁶. Demóstenes também pode ser referência ao grande orador grego (SOMMERSTEIN, 2019), o que possivelmente seja a referência na peça.

A menção a Demóstenes é a sua fala no verso treze em que este dialoga com outro escravo, Nícias (*Cav v. 13*). O que o escoliasta está afirmando é que na encenação da peça os atores representam as personagens na cena como sentados em carroças.

550. **φαιδρὸς λάμποντι μετώπῳ**: Ἰλαρὸς, φαιδρὸς τὸ μέτωπον. ἢ διὰ τὸ φαλακρὸν εἶναι τὸν Ἀριστοφάνην.

550 **radiante, com a testa brilhando**: Feliz, φαιδρὸς [έ] a testa. Ou por Aristófanes ser careca.

Comentário:

O escoliasta levanta uma outra possibilidade de interpretação do verso sendo uma referência ao próprio Aristófanes. Talvez poderia ser uma referência à testa como recurso metonímico para falar do poeta indiretamente. Todavia, para

³⁶ Para mais detalhes sobre o festival das Lenais, ver CAMBRIDGE-PICKARD, Arthur. The dramatic festivals of Athens. 2 ed. Oxford: Clarendon Press, 1968.

Biles (2011, p.100), φαίδρòς λάμποντι μετώπφ diz respeito “a uma visão que traz à mente a cor de uma nova coroa de vitória”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se nesta dissertação realizar uma tradução comentada-annotada dos escólios da parábase de *Cavaleiros* (versos 498-550) levando em conta a tradução como (1) comentada-annotada; (2) intertextualidade; (3) retextualização; (4) epistemologia; (5) tarefas exegética e linguística.

Procurou-se abordar essas considerações sobre a tradução por meio da Linguística Sistêmico-Funcional como viés de interpretação de texto, posto que uma outra forma de usá-la é como reflexão sobre a gramática em uso. A pesquisa valeu-se de conceitos fundamentais dessa vertente linguística: significado entendido em termos de metafunção ideacional, destinada a expressar as experiências, relativa ao conteúdo informacional; metafunção interpessoal, que expressa as relações entre os participantes e metafunção textual, que organiza em termo de coesão e coerências as metafunções anteriores. As partículas gregas e o aspecto verbal foram explicados por esse modelo funcionalista assim como o conteúdo dos escólios. Por esse referencial teórico que se refletiu a respeito da tradução.

Tradução como comentada-annotada significa a realização de análises sobre as particularidades relacionadas à tradução dos textos dando ênfase no aspecto verbal e em partículas orientadores do texto. Quer dizer também a realização de explicações sobre o conteúdo informacional dos escólios em si.

Como intertextualidade, notou-se a necessidade de um conhecimento mais amplo das obras que são aludidas pelos escoliastas para a realização da tradução. O fenômeno da intertextualidade está inserido nos conceitos contexto de situação e de cultura da LSF.

Como retextualização, a tradução precisou recontextualizar o conteúdo informacional por causa das características da língua grega; em particular, dos escólios. Nestes, há uma predominância de frases nominais e síntese de linguagem, o que é explicado pelo pouco espaço de que dispunham os escoliastas e porque eles não explicitam alguns elementos que lhes são óbvios. Quanto à retextualização ainda, foi preciso em alguns casos explicitar verbos de ligação; em outros, não seguir a ordem das palavras do texto-fonte.

Relacionado à retextualização, encontra-se a tradução entendida como exegese no sentido de buscar ter caráter didático, por isso que foi cunhado o termo tradução anotada, para designar as explicações sobre os próprios escólios. Neste tipo de texto foi possível perceber alguns termos técnicos: uns deles usados para explicar a métrica grega; outros, como orientadores textuais de caráter epexegetico como Ἄλλως (“em outra fonte”), sinalizador de outra fonte citada; Ἀντί τοῦ (“igual a”; “sinônimo de”; “similar a”).

A tradução como epistemologia considerou a relação sujeito-objeto na tradução como produto e processo, o que significa dizer a necessidade de se levar em conta o conjunto de conhecimentos do tradutor (*frame*) e as informações dadas pelo próprio texto de partida para os Estudos da Tradução.

A tradução como escolha significa dizer, por um lado, as limitações epistemológicas tanto do sujeito quanto do objeto; por outro, a responsabilidade diante das escolhas, posto que elas implicam significado.

Por conseguinte, a Tese do doutor Moura Filho nos escólios de *Acarneuses*, sob a orientação da doutora Ana Maria César Pompeu, foi de grande relevância para esta dissertação. A partir do pioneirismo desta Tese e da sua modesta continuidade no estudo dos escólios, que é a presente dissertação, espera-se ampliar os estudos nos escólios tanto no que concerne à sua relevância intrínseca como objeto de pesquisa científica. Uma área que ainda tem muito a ser explorada é a dos usos do aspecto verbal na construção do sentido do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J; HEIDMAN, U. **O texto literário**: por uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE, Roque. **No mundo das Nuvens**: uma tradução de Νέφελαι (Nuvens) com referência a acionalidade, referência temporal e aspecto verbal grego. Minnesota: Hamline University, 2018 (no prelo).

ARIEL, M. **Defining Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ARISTÓFANES. **Cavaleiros**. Tradução: Ana Maria César Pompeu e GEA. Edição bilíngue. Fortaleza: Substância, 2017.

- ARISTÓFANES. **Os Cavaleiros**. Tradução, notas e introdução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: edições 70, 2004.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas: Paulo Pinheiro. Edição bilíngue. Ed. 2. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ARROJO, Rosemary (Org). **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. 2 ed. Campinas – SP: Pontes, 2003.
- BAKKER, Egbert. **Verbal aspect and Mimetic Description in Thucydides**. In: BAKKER, Egbert (Org). *Grammar as Interpretation: Greek literature in its linguistic context*. Leiden: BRILL, 1997.
- BAKOLA, Emmanuela. **Cratinus and the Art of Comedy**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BARROS, Diana Luz Passos. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. In: BRAIT, Beth (Org.) **BAKHTIN: Dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.
- BILES, Zachary. **Aristophanes and the poetics of Competition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- BOAS, E; RIJKSBARON, A; HUITINK, L; BAKKER, M. **Cambridge Grammar of Classical Greek**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPBELL, C. **Verbal aspect, the Indicative Mood and narrative: Soundings in the Greek of the New Testament**. New York: Peter Lang, 2007.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. (Coleção de Teses, 6). Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.
- CAVALCANTE, M; LIMA, S. **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.
- CAVALCANTE, M; FILHO, V; BRITO, M. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B; CIULLA, A. **Referenciação**. Clássicos da Linguística. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português: semântica do verbo, aspecto e tempo, perífrases verbais**. São Paulo: Contexto, 1997.

- CONRAD, S; BIBER, D. **Adverbial Marking of Stance in Speech and Writing**. In: HUNSTON, S; THOMPSON, G. *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Constructions of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DECKER, R. **Temporal deixis of the Greek verb in the gospel of Mark with reference to verbal aspect**. New York: Peter Lang, 2001.
- DECKER, R. **Reading Koine Greek: An introduction and integrated workbook**. Grand Rapids: Baker Academic, 2014.
- DICKEY, E. **Ancient Greek Scholarship: A Guide to Finding, Reading, and Understanding Scholia, Commentaries, Lexica, and Grammatical Treatises, from Their Beginnings to the Byzantine Period**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Part 1: The Structure of the Clause. 2 ed. revisada. Berlin: De Gruyter, 1997.
- DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Brasília: Monergismo, 2018.
- _____ **A New Critique of Theoretical Thought**. (Collected works a series A). Volume 2. The General theory of the modal spheres. Ontário: Paideia Press, 1984.
- DUARTE, A. **O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes**. Apresentada originalmente como Tese (Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2000.
- DÜBNER, F. (1082-1867). **Scholia Graeca in Aristophanem cum prolegomenis grammaticorum, varietate lectionis optimorum codicum integra, ceterorum selecta, annotatione criticorum item selecta, c (...)**. University of California Libraries.
- DRUMMEN, A. **Discourse Cohesion in Dialogue**. Turn-initial *ἀλλὰ* in Greek Drama. In: BAKKER, S; GERRY, W (Orgs). *Discourse Cohesion in Ancient Greek*.
- FANNING, Buist. **Verbal aspect in New Testament Greek**. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- FLEISCHMAN, S. **Temporal distance: A basic linguistic metaphor**. *Studies in Language* 13: 1, 1-50. pp. John Benjamins Publishing Company, 1989.
- FRYE, N. **A imaginação educada**. Tradução: Adriel Teixeira, Bruno Gardine e Cristiano Gomes. Campinas: Vide Editorial, 2017.
- GEORGE, Coulter. **Expressions of time in Ancient Greek**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

GIGLIO, Stefania Sansone. *Cavaleiros, de Aristófanes*: estudo de uma proposta de tradução. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, 2017.

GILDERSLEEVE, Basil Lanneau. **Syntax of Classical Greek from Homer to Demosthenes**: First part - the Syntax of the simple Sentence embracing the doctrine of the Moods and Tenses. New York: Americam Book Company, 1900.

GIVÓN, T. **Mind, Code and Context**: essays in pragmatics. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1989.

GOODWIN, William Watson. **Syntax of the Moods and Tenses of the Greek Verb**. **Boston**: Ginn and Company, 1889.

GROTON, Anne. From Alpha to Omega: A beginning course in Classical Greek. 4 ed. Newburyport: Focus Publishing, 2013.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, Michael. **On Grammar**. (Vol 1. in the Collected Works of M. A. K. Halliday). Londres: Continuum, 2002.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. Londres: Arnold, 2004.

HOPPER, P. **Aspect and Foreground** in: (Org) GIVÓN, T. Syntax and Semantics 12: Discourse and syntax. New York: Academic, 1979.

HUANG, Y. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HUNSTON, S; THOMPSON, G. **Evaluation in Text**: Authorial Stance and the Constructions of Discourse. Oxford: Oxford University Press, 2001.

JONES, M. **The Manuscripts of Aristophanes, Knights (I)**. *The Classical Quarterly*. New Series. Vol 2. N. 3/4. Cambridge University Press: 1952.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2015.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous things**: what categories reveal about the mind. Londres: University of Chicago Press, 1986.

LAKOFF, George; JONSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago, 2003.

LECKIE-TARRY, H. **Language & Context**: a functional linguistic theory of register. Londres: Pinter, 1995.

LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LYONS, John. **Semantics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

- MCKAY, K. **A New Syntax of the Verb in the New Testament Greek: an aspectual approach.** New York: Peter Lang, 1994.
- MONTANA, Fausto. **Hellenistic Scholarship.** In: MONTANARY, Franco; MATTHAIOS, Stephanos; RENGAKOS, Antonios. *Brill's Companion to Ancient Greek Scholarship.* Vol 1. (History Disciplinary Profiles). Leiden: BRILL, 2015.
- MONTANARI, Franco. **The BRILL Dictionary of Ancient Greek.** Leiden: BRILL, 2015.
- MOURA FILHO, Lauro Inácio. **A importância intrínseca e a confiabilidade dos escólios de *Acarnenses*.** Fortaleza. Tese de doutorado - UFC, 2018.
- NOVOKHATKO, A. **Greek Scholarship from its Beginnings to Alexandria** In: MONTANARY, F; MATTHAIOS, S; RENGAKOS, A. *BRILL'S COMPANION TO ANCIENT GREEK SCHOLARSHIP.* History Disciplinary Profiles. Vol. 1. Boston: BRILL, 2015.
- NÜNLIST, R. **The Ancient Critic at Work: terms and concepts of literary criticism in Greek scholia.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.
- ONODERA, N. **The Grammaticalization of Discourse Particles.** In: NARROG, H; *Oxford Handbook of Grammaticalization.* Oxford: Oxford University Press, 2011.
- PICKARD-CAMBRIDGE, Arthur. **The dramatic Festivals of Athens.** 2 ed. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- POMPEU, A. **Aristófanes e Platão: a justiça na pólis.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássica, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutor em Letras. São Paulo, 2004.
- POMPEU, Ana Maria César. **Aristófanes: o dramaturgo da cidade justa.** (Dramaturgos: Vida & Obra). São Paulo: Giostri, 2019.
- PONTANI, F. **Scholarship in the Byzantine Empire (529-1453).** In: MONTANARY, F; MATTHAIOS, S; RENGAKOS, A. *BRILL'S COMPANION TO ANCIENT GREEK SCHOLARSHIP.* History Disciplinary Profiles. Vol. 1. Boston: BRILL, 2015.
- PORTER, S. **Verbal Aspect in the Greek of the New Testament, with reference to Tense and Mood.** New York: Peter Lang, 1993.
- PORTER, Stanley. **Aspect Theory and Lexicography.** In: TAYLOR, Bernard ET AL (Orgs). *Grand Rapids: Biblical Greek Language and Lexicography,* 2004.

- RAMAT, Anna; MAURI, Caterina; MOLINELLI, Piera (orgs.). **Synchronic and Diachrony: a dynamic interface**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2013.
- REALE, Miguel. **Introdução à Filosofia**. 4 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.
- RIJKSBARON, Albert. **The Syntax and Semantics of the Verb in Classical Greek: An Introduction**. 3. ed. Edição. Chicago: University Of Chicago Press, 2007.
- ROOKMAAKER, Hans. **Filosofia e estética**. Brasília: Monergismo, 2018.
- RUIZ, J. **Teoría y crítica literarias en los esoclios de Aristófanes**. Gasteiz: Universidade del País Vasco, 2017.
- RUNGE, Steven. **Discourse Features of the Greek New Testament: a practical introduction to teaching and exegesis**. Massachusetts: Hendrickson, 2010.
- SARDIN, Pascale. **De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et prétexte**. Revista de tradução *Palimpsestes*. Volume 20, 2017, pp.121-136.
- SCHRIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi (orgs.) **The Handbook of Discourse Analysis**. Blackwell: Massachussetts, 2001.
- SICKING, C; STORK, P. **Two studies in the semantics of the verbs in Classical Greek**. Mnemosyne (Bibliotheca Classica Batava). Leiden: BRILL, 1996.
- SOMMERSTEIN, Alan. **The Encyclopedia of Greek Comedy**. Vol.1. Blackwell: John Wiley & Sons Inc, 2019.
- STUBBS, M. “A matter of prolonged fieldwork: towards a modal grammar of English”. *Applied Linguistics*, 7.1:1-25.
- SWEETSER, E. **Mental spaces and the Grammar of conditional constructions**. In: FAUCONNIER, G; SWEETSER, E (orgs). *Space worlds and Grammar*. Chicago: University of Chicago, 1996.
- THOMPSON, Geoff; ALBA-JUEZ, Laura. **Evaluation in Context**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2014.
- TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. **Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual**. 2 ed. Uberlândia, EDUFU, 2013.
- THOMPSON, Geoff. **Introducing Functional Grammar**. 3 ed. Londres: Routledge, 2014.
- XENIS, G. **Scholia vetera in Sophoclis Electram**. Berlin: De Gruyter, 2010.
- WEBSTER, J; **Introduction**. In: HALLIDAY, M. A. K; WEBSTER, Jonatham. *Continuum Companion to Systemic functional*. Nova York: Continuum, 2009.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map: A Beginner's guide to Doing research in Translation studies**. St. Jerome Publishing: Manchester, 2002.

WHITMAN, C. **Aristophanes and the comic hero**. Cambridge: Harvard University, 1964.

WAKKER, Gerry. **Modal Particles and Different Points of View in Herodotus and Thucydides**. In: BAKKER, Egbert (Org). *Grammar as Interpretation: Greek Literature in its Linguistic Contexts*. Leiden: BRILL, 1997.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplo de um gênero textual em construção**. Aletria, Belo Horizonte. Vol. 25, pp.331-352, 2015.

ΑΡΕΝΔΙΧΕ Α – ΤΕΧΤΟ ΔΑ ΠΑΡΆΒΑΙΕ ΕΜ ΓΡΕΓΟ Ε ΤΡΑΔΥΖΙΔΟ

ΧΟΡΟΙ

ἄλλ' ἴθι χαίρων, καὶ πράξειαι
κατὰ νοῦν τὸν ἐμόν, καὶ σε φυλάττοι
Ζεὺς ἀγοραῖος: καὶ νικήσας 500
αὐθις ἐκεῖθεν πάλιν ὡς ἡμᾶς
ἔλθοις στεφάνοις κατὰπαστος.
ὕμεῖς δ' ἡμῖν προσέχετε τὸν νοῦν
τοῖς ἀναπαίστοις,
ὧ παντοίας ἤδη Μούσης 505
πειραθέντες καθ' ἑαυτοῦς.

ΧΟΡΟΙ

εἰ μὲν τις ἀνὴρ τῶν ἀρχαίων κωμωδοδιδάσκαλος ἡμᾶς
ἠνάγκαζεν λέξοντας ἔπη πρὸς τὸ θέατρον παραβῆναι,
οὐκ ἂν φαύλως ἔτυχεν τούτου: νῦν δ' ἄξιός ἐσθ' ὁ ποιητής, 510
ὅτι τοὺς αὐτοὺς ἡμῖν μισεῖ τολμᾶ τε λέγειν τὰ δίκαια,
καὶ γενναίως πρὸς τὸν τυφῶ χωρεῖ καὶ τὴν ἐριώλην.
ἂ δὲ θαυμάζειν ὑμῶν φησιν πολλοὺς αὐτῷ προσιόντας
καὶ βασανίζειν ὡς οὐχὶ πάλαι χορὸν αἰτοίη καθ' ἑαυτόν,
ἡμᾶς ὑμῖν ἐκέλευε φράσαι περὶ τούτου. φησὶ γὰρ ἀνὴρ
οὐχ ὑπ' ἀνοίας τοῦτο πεπονθῶς διατρίβειν, ἀλλὰ νομίζων 515
κωμωδοδιδασκαλίαν εἶναι χαλεπώτατον ἔργον ἀπάντων:
πολλῶν γὰρ δὴ πειρασάντων αὐτὴν ὀλίγοις χαρίσασθαι:
ὕμας τε πάλαι διαγιγνώσκων ἐπετείους τὴν φύσιν ὄντας
καὶ τοὺς προτέρους τῶν ποιητῶν ἅμα τῷ γήρᾳ προδιδόντας:
τοῦτο μὲν εἰδὼς ἄπαθε Μάγνης ἅμα ταῖς πολιαῖς κατιούσαις, 520
ὃς πλεῖστα χορῶν τῶν ἀντιπάλων νίκης ἔστησε τροπαῖα:
πάσας δ' ὑμῖν φωνὰς ἰεῖς καὶ ψάλλων καὶ πτερυγίζων
καὶ λυδίζων καὶ ψηνίζων καὶ βαπτόμενος βατραχείοις
οὐκ ἐξήρκεσεν, ἀλλὰ τελευτῶν ἐπὶ γήρῳ, οὐ γὰρ ἐφ' ἥβης,
ἐξεβλήθη πρεσβύτης ὢν, ὅτι τοῦ σκώπτειν ἀπελείφθη: 525
εἶτα Κρατίνου μεμνημένος, ὃς πολλῶν ῥεύσας ποτ' ἐπαίνῳ
διὰ τῶν ἀφελῶν πεδίων ἔρρει, καὶ τῆς στάσεως παρασύρων
ἐφόρει τὰς δρυὲς καὶ τὰς πλατάνους καὶ τοὺς ἐχθροὺς προθελύμνος
ἄσαι δ' οὐκ ἦν ἐν ξυμποσίῳ πλήν 'Δωροῖ συκοπέδιλε,'
καὶ 'τέκτονες εὐπαλάμων ὕμνων:' οὕτως ἦνθησεν ἐκεῖνος. 530
νυνὶ δ' ὕμεῖς αὐτὸν ὀρῶντες παραληροῦντ' οὐκ ἐλεεῖτε,
ἐκπιπτουσῶν τῶν ἠλέκτρων καὶ τοῦ τόνου οὐκέτ' ἐνότος
τῶν θ' ἀρμονιῶν διαχασκουσῶν: ἀλλὰ γέρων ὢν περιέρρει,
ὥσπερ Κοννάς, στέφανον μὲν ἔχων αὐτὸν δίψη δ' ἀπολωλώς,
ὄν χρῆν διὰ τὰς προτέρας νίκας πίνειν ἐν τῷ πρυτανείῳ, 535
καὶ μὴ ληρεῖν ἀλλὰ θεᾶσθαι λιπαρὸν παρὰ τῷ Διονύσῳ.
οἴας δὲ Κράτης ὀργὰς ὑμῶν ἠνέσχετο καὶ στυφελιγμούς,
ὃς ἀπὸ συμκρᾶς δαπάνης ὑμᾶς ἀριστίζων ἀπέπεμπεν,
ἀπὸ κραμβοτάτου στόματος μάττων ἀστειοτάτας ἐπινοίας:
χοῦτος μέντοι μόνος ἀντήρκει, τοτὲ μὲν πίπτων τοτὲ δ' οὐχί. 540
ταῦτ' ὀρρωδῶν διέτριβεν ἀεὶ, καὶ πρὸς τούτοις ἐφασκεν

ἐρέτην χρῆναι πρῶτα γενέσθαι πρὶν πηδαλίοις ἐπιχειρεῖν,
 κᾶτ' ἐντεῦθεν πρῶρατεῦσαι καὶ τοὺς ἀνέμους διαθρῆσαι,
 κᾶτα κυβερνᾶν αὐτὸν ἑαυτῷ. τούτων οὖν οὐνεκα πάντων,
 ὅτι σωφρονικῶς κούκ ἀνοήτως ἐσπηδήσας ἐφλυάρει, 545
 αἴρεσθ' αὐτῷ πολὺ τὸ ῥόθιον, παραπέμψατ' ἐφ' ἑνδεκα κόπαις

ΧΟΡΟΣ

θόρυβον χρηστὸν ληναίτην,
 ἴν' ὁ ποιητὴς ἀπίη χαίρων
 κατὰ νοῦν πράξας,
 φαιδρὸς λάμποντι μετώπῳ 550

ΧΟΡΟΣ

ἵππι' ἄναξ Πόσειδον, ᾧ
 χαλκοκρότων ἵππων κτύπος
 καὶ χρεμετισμὸς ἀνδάνει
 καὶ κυανέμβολοι θοαὶ
 μισθοφόροι τριήρεις, 555
 μεираκίων θ' ἄμιλλα λαμπρνομένων ἐν ἄρμασιν
 καὶ βαρυδαιμονούντων,
 δεῦρ' ἔλθ' ἐς χορὸν ᾧ χρυσοτρίαιν' ᾧ
 δελφίνων μεδέων Σουνιάρατε, 560
 ᾧ Γεραίστιε παῖ Κρόνου,
 Φαρμίωνί τε φίλτατ' ἐκ
 τῶν ἄλλων τε θεῶν Ἀθηναίοις
 πρὸς τὸ παρεστός.

ΧΟΡΟΣ

εὐλογῆσαι βουλόμεσθα τοὺς πατέρας ἡμῶν, ὅτι 564
 ἄνδρες ἦσαν τῆσδε τῆς γῆς ἄξιοι καὶ τοῦ πέπλου,
 οἵτινες πεζαῖς μάχαισιν ἐν τε ναυφάρκτῳ στρατῷ
 πανταχοῦ νικῶντες ἀεὶ τήνδ' ἐκόσμησαν πόλιν:
 οὐ γὰρ οὐδεὶς πώποτ' αὐτῶν τοὺς ἐναντίους ἰδὼν
 ἠρίθμησεν, ἀλλ' ὁ θυμὸς εὐθύς ἦν Ἀμυνίας: 570
 εἰ δέ που πέσοιεν ἐς τὸν ὤμον ἐν μάχῃ τινί,
 τοῦτ' ἀπεψήσαντ' ἄν, εἴτ' ἠρνοῦντο μὴ πεπτωκέναι,
 ἀλλὰ διεπάλαιον αὖθις. καὶ στρατηγὸς οὐδ' ἄν εἷς
 τῶν πρὸ τοῦ σίτησιν ἦτησ' ἐρόμενος Κλεαίνετον:
 νῦν δ' ἐὰν μὴ προεδρίαν φέρωσι καὶ τὰ σιτία, 575
 οὐ μαχεῖσθαί φασιν. ἡμεῖς δ' ἀξιοῦμεν τῇ πόλει
 προῖκα γενναίως ἀμύνειν καὶ θεοῖς ἐγχωρίοις.
 καὶ πρὸς οὐκ αἰτοῦμεν οὐδὲν πλὴν τοσουτονὶ μόνν:
 ἦν ποτ' εἰρήνη γένηται καὶ πόνων παυσώμεθα,
 μὴ φθονεῖθ' ἡμῖν κομῶσι μηδ' ἀπεστλεγγισμένοις. 580

ΧΟΡΟΣ

ᾧ πολιοῦχε Παλλάς, ᾧ
 τῆς ἱερωτάτης ἀπασῶν
 πολέμῳ τε καὶ ποιηταῖς

δυνάμει θ' ὑπερφερούσης
 μεδέουσα χώρας, 585
 δεῦρ' ἀφικοῦ λαβοῦσα τὴν
 ἐν στρατιαῖς τε καὶ μάχαις
 ἡμετέραν ζυνεργὸν
 Νίκην, ἣ χορικῶν ἐστὶν ἐταίρα
 τοῖς τ' ἐχθροῖσι μεθ' ἡμῶν στασιάζει. 590
 νῦν οὖν δεῦρο φάνηθι: δεῖ
 γὰρ τοῖς ἀνδράσι τοῖσδε πάση
 τέχνη πορίσαι σε νίκην
 εἶπερ ποτὲ καὶ νῦν.

ΧΟΡΟΣ

ἂ ξύνισμεν τοῖσιν ἵπποις, βουλόμεσθ' ἐπαινέσαι. 590
 ἄξιοι δ' εἶσ' εὐλογεῖσθαι: πολλὰ γὰρ δὴ πάγματα
 ζυνδιήνεγκαν μεθ' ἡμῶν, ἐσβολάς τε καὶ μάχας.
 ἀλλὰ τὰν τῇ μὲν αὐτῶν οὐκ ἄγαν θαυμάζομεν,
 ὡς ὅτ' ἐς τὰς ἵππαγωγούς εἰσεπήδων ἀνδρικῶς,
 πριάμενοι κώθωνας, οἱ δὲ καὶ σκόροδα καὶ κρόμμυα: 600
 εἶτα τὰς κώπας λαβόντες ὥσπερ ἡμεῖς οἱ βροτοὶ
 ἐμβalόντες ἀνεβρύξαν, ἵππαπαῖ, τίς ἐμβαλεῖ;
 ληπτέον μᾶλλον. τί δρῶμεν; οὐκ ἔλας ὧ σαμφόρα;"
 ἐξεπήδων τ' ἐς Κόρινθον: εἶτα δ' οἱ νεώτεροι
 ταῖς ὀπλαῖς ὄρυττον εὐνὰς καὶ μετῆσαν στρώματα: 605
 ἦσθιον δὲ τοὺς παγούρους ἀντὶ ποίας Μηδικῆς,
 εἴ τις ἐξέρποι θύραζε κάκ βυθοῦ θηρώμενοι:
 ὥστ' ἔφη Θέωρος εἰπεῖν καρκίνον Κορίνθιον,
 "δεινά γ' ὧ Πόσειδον εἰ μήτ' ἐν βυθῷ δυνήσομαι
 μήτε γῆ μήτ' ἐν θαλάττῃ διαφυγεῖν τοὺς ἵππέας."610

Tradução (POMPEU, 2017)

CORO

Mas vai feliz, e sucesso
 como tenho em mente, e que te guarde
 Zeus feirante; e vencendo 500
 de novo para cá junto a nós
 possas voltar de coroas coberto.
 E vocês prestem atenção aos nosso
 Anapestos,
 ó vocês a tudo que é poesia já 505
 acostumados por si mesmos.

CORO

Se um entre os antigos diretores de comédias a nós
 forçasse a recitar versos e avançar aos espectadores
 não teria conseguido facilmente, mas agora digno é o poeta,
 porque os mesmos que nós ele odeia e ousa dizer o justo, 510
 e numa valentia avança contra o Tifão e o ciclone.

Pelo espanto de muitos de vocês, ele diz, quando vem até ele e perguntam por não ter há tempo pedido um coro pra si, nos mandou para explicar sobre isso. Diz, pois, o homem que não por tolice perdeu esse tempo, mas considerando a direção de uma comédia ser a mais difícil obra de todas, pois muitos já tentaram, a uns poucos ela deu sua graça, e vocês, há muito ele percebe que são instáveis por natureza que os poetas anteriores traíam quando na velhice estavam; isto, ele sabe, sofreu Magnes quando os cabelos branqueavam, 520 este mais sobre os coros rivais de vitória levantou troféus; todos os sons vos lançando tocando lira e batendo asas falando lídio, mas por fim na velhice, pois não na juventude, foi expulso sendo senil, porque de zombar fez fluir privado; 525 então de Cratino lembrado, e do solo arrastando consigo carregava os carvalhos, os plátanos e os rivais arrancando pela raiz; cantar não era no simpósio se não “Dom de sandália delatar”, e “artesãos de hinos bem moldados”; assim floresceu ele. 530 Mas agora vendo-o tresloucando vocês não têm piedade, soltando-se as cavilhas e a distensão não mais havendo e as juntas entreabrindo-se; mas sendo velho perambula, como Conas, portando uma coroa seca e pela sede destruído, quem devia pelas vitórias anteriores beber no Pritaneu, 535 e não tagarelar mas brilhante assistir ao teatro com Dioniso. Quais iras de vocês Crates suportava e maus tratos, ele que de pequeno gasto almoçando vos despedia, de mais delicada boca espremendo as mais civilizadas ideias; e ele de fato sozinho resistia, às vezes caindo às vezes não. 540 Isso temendo demorava sempre, e para estes declarava remador dever primeiro tornar-se antes de pôr a mão nos lemes, a seguir a partir daí ser segundo piloto e os ventos examinar, a seguir pilotar por si mesmo. Por causa de tudo isso então, que sabiamente e não totalmente entrando em cena dizia tolices, 545 levantai a ele um grande urra, acompanhando com onze remos.

CORO

Barulho bom das Leneias
Para o poeta partir alegre
seu intento tendo feito
radiante e a testa brilhando. 550

CORO

Hípico senhor Poseidon, a quem
Os brônzeos trotes dos cavalos
e o relincho agradam
e de negras esporas ágeis
salaríferas trirremes 555
e de rapazes brilhantes
a luta nos seus carros
até quando são pesarosos,

aqui vem ao coro ó do áureo tridente ó
de delfins reis, deus do Súnion, 560
ó Geresteu filho de Crono,
por Fórmio o mais amado
dos outros deuses e por atenienses no momento presente.

CORO

Elogiar aos nosso pais desejamos, porque 565
homens são desta terra dignos também do peplo,
os que em combates por terra e na tropa náutica
em todo lugar vencendo sempre exaltaram a cidade;
pois nenhum deles jamais vendo os adversários
contou-os, mas o ânimo logo estava de guarda; 570
e se uma vez tombassem de ombro em um combate,
esse limpariam novamente. E general nenhum
dos de antes alimentos pediria perguntando a Cleeneto;
agora se não levarem a proedria e os alimentos,
não lutar afirmam. Mas nós julgamentos digno à cidade
o dom de com nobreza guardar e aos deuses regionais.
E em troca não pedimos nada exceto esta única coisa:
Se uma vez a paz surgir e das penas nos livrarmos,
não invejem nossas cabeleiras nem os corpos esfoliados. 580

CORO

Ó protetora Palas, ó
da mais sagrada terra de todas
pela guerra e pelos poetas
e pelo poder sobressaindo
guardiã da região, 585
aqui vem tendo tomado a que
nos exércitos e nas batalhas é
nossa aliada
Vitória, que dos coros é camarada
e contra os inimigos conosco revolta-se. 590
Agora então aqui aparece: debes
pois a estes homens com todo
engenho passar vitória
seja uma vez e agora.

CORO

O que sabemos dos cavalos elogiar queremos elogiar. 595
Dignos são de serem elogiados; pois muitos problemas
suportaram conosco, ataques e combates.
Mas as ações deles em terra não tanto admiramos,
como quando para navios saltavam como homens,
tendo comprado taças, os outros também alhos e cebolas; 600
então os remos tendo tomado como nós os mortais
lançando-se gritaram, “hippapaî, quem remarará?
peguemos mais. O que faremos? Não puxarás, ó Sânfora?”

Pulavam fora em Corinto então os mais novos
 com armas cavavam leitos e passavam entre as mantas; 605
 comiam os caranguejos em vez de tipos de alfafa,
 se um saísse da toa e do fundo do mar caçando;
 que disse Teoro um caranguejo coríntios falar:
 “Terrível, ó Poseidon se não puder no fundo,
 nem em terra nem no mar escapar dos cavaleiros”. 610

APÊNDICA B – TRADUÇÃO COMENTADA: A VOZ DO POETA NA PARÁBASE

Resumo: O objetivo é fazer uma tradução comentada da parábise da peça *Cavaleiros* no que concerne aos versos 507-545 como estudo de caso. É reconhecido que na parábise, o poeta se revela ao seu público interagindo com ele (DUARTE, 2000; RUIZ, 2017). Com base nisso, tenciona-se descrever os elementos textuais usados pelo poeta na sua interação com o público. Para isto, valer-se-á da Teoria da Avaliação (HUNSTON E THOMPSON, 2001; THOMPSON E ALBA-JUEZ, 2014), de base Sistêmico-Funcional, cuja finalidade é descrever os componentes semânticos ideacional, interpessoal e textual, respectivamente, em termos de expressão da opinião, manutenção das relações entre os participantes e organização do texto. Partindo de uma visão que o posicionamento do falante/escritor é uma característica fundamental da linguagem, a avaliação é entendida como a atitude do falante/escritor, seu posicionamento, ponto de vista ou seus sentimentos a respeito de entidades ou proposições das quais ele está falando (HUNSTON E THOMPSON, 2001; THOMPSON E ALBA-JUEZ, 2014.). Há duas maneiras de reconhecer a avaliação. A primeira é conceitualmente, em que a avaliação pode ser notada por comparação, subjetividade e valor agregado. A segunda forma é por meios linguísticos: léxis, gramática e texto como (a) remotividade indicando pretérito; (b) escolhas de aspecto progressivo; (c) modalidade etc. (STUBBS, 1986). Assim pretende-se descrever as partículas μέν...δέ, ἀλλά, δὴ, νῦν δέ, os usos lexicais (ἄξιός, δίκαια e γενναίως) e a condicional contrafactual bem como do aspecto verbal imperfeito como recursos da língua para fazer avaliação. Com isso, tais itens linguísticos servem também como elementos de coesão textual ligando enunciados entre si e orientando o texto argumentativamente para determinadas conclusões. Portanto, os elementos linguísticos analisados contribuem para perceber os efeitos de sentido como ironia.

Introdução

O texto, objeto de estudo tanto da Literatura quanto da Linguística, parece ser um objeto que, ao invés de unir, separa ambas as disciplinas. Adam e Heidmann (2011) salientam ainda mais o abismo que há entre a ciência da linguagem e a ciência literária. De acordo com Adam e Heidmann (2011), por um lado, os estudos linguísticos, sendo cada vez mais especializados, dão ênfase a *corpora* orais no lugar de escritos; por outro lado, da parte dos professores de literatura, a língua e a linguagem são desconsideradas dando privilégios a estudos culturais.

Partindo dessa problemática, nosso alvo geral é tentar aproximar Literatura de Linguística tendo o estudo do texto como objeto comum, levando em conta os alvos

distintos de cada disciplina, mas também considerando, particularmente, como a segunda pode contribuir para a primeira.

Para isso toma-se como aporte teórico Bakker (1997), cuja obra tem como finalidade usar a Linguística como suporte teórico-metodológico para a descrição de textos clássicos considerando seu potencial para os estudos literários. A obra organizada por Bakker (1997) tem como base a análise do discurso³⁷ procurando perceber como a gramática contribui para o entendimento do texto. Logo, uma das pressuposições básicas é o estudo do texto como um todo e não da gramática de modo isolado. Assim a gramática é vista como um instrumento de interação verbal partindo do pressuposto da linguagem como ferramenta de comunicação. Por conseguinte, o alvo de um escritor não é apenas informar (significado representacional); é também influenciar de alguma forma seus leitores (significado interpessoal) por meio da forma com que o texto é organizado. Desta feita, o sentido do texto não é somente o que (conteúdo) mas também o como (a forma) para atingir determinada finalidade interacional.

Um outro elemento de análise do discurso é que nem tudo no texto tem sua relevância. Dizendo de outra forma, tudo no texto tem sua importância, mas não pelos mesmos motivos, de sorte que as escolhas gramaticais são motivadas. O princípio que trata disso é o de que escolha implica significado, consoante assinala Runge (2010). As escolhas linguísticas expressam a orientação argumentativa do texto, ou seja, a que conclusões quer chegar o autor ao conduzir seu leitor por meio de suas escolhas textuais.

Além dos elementos já mencionados, o estudo do texto leva em conta o princípio pragmático da proeminência (RUNGE, 2010). Este conceito também é conhecido como saliência do ponto de vista cognitivo. Consoante Givón (1989), a percepção humana tende a destacar certos elementos (figura) em relação a outros (plano).

Tomamos também a Teoria da Avaliação utilizada aqui como aporte teórico-metodológico que compartilha dos pressupostos acima descritos, que podem ser encapsulados, para os nossos fins, pela ideia de que um dos componentes da linguagem é a expressão da opinião do escritor/falante (HUNSTON E THOMPSON, 2001). Na próxima seção apresentaremos outros componentes desta teoria.

Teoria da Avaliação

³⁷ O que os autores da obra chamam de análise do discurso significa análise textual considerando a gramática como instrumento de interação dentro de um contexto social em que os gêneros são expressões disso. O que seria uma linguística de texto.

A língua para a Linguística Sistêmico-Funcional é um sistema sociosemiótico, conforme Halliday e Hasan (1989). Semiótico não tem a ver com a noção saussuriana de signo, composto de significado e significante. Para Halliday, semiótico diz respeito a significado propriamente dito. A LSF é uma teoria que lida com o significado que se encontra no texto. Por social, ele indica que o significado está relacionado ao aspecto sociológico ou cultural. Neste sentido, a língua serve a funções sociais. Além disso, “usamos a língua para construir a realidade e realizar ações sociais” (WEBSTER, 2009, p.1). Ou língua como forma de organizar e estocar a experiência (HALLIDAY, 2002).

A língua é usada para representar as experiências, o que se manifesta na ideia de oração como representação dentro da léxico-gramática pelo sistema de TRANSITIVIDADE. No que concerne à semântica ainda, o significado experiencial é aquele que expressa algum tipo de processo, algum evento, ação, estado ou outro aspecto fenomenal do mundo real com o qual sustenta algum tipo de relação simbólica. Significado interpessoal, que expressa a interação entre falante e ouvinte pelo sistema de MODO. Por fim, significado textual é o que faz um texto ser um texto, no qual estão envolvidas relações semânticas, gramaticais, estrutura temática e informacional pelo sistema TEMA-REMA (HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004).

Com os estudos funcionalistas, influenciados pela antropologia, como é o caso da LSF, o significado de um texto é entendido não somente nos termos do conteúdo informacional, mas também na interação entre escritor e leitor dentro de um contexto de situação. O que significa dizer que, por implicação, ao escrever, apresentar conteúdo, o escritor não é neutro: suas escolhas implicam significado. O escritor revela suas impressões, atitudes, vontades, sentimentos etc.

Visto sob essa perspectiva, o entendimento da linguagem perpassa por compreender que o posicionamento do escritor/falante constitui uma das características da linguagem, que precisa ser levado em conta na tentativa de descrever os significados textuais, como salientam Hunston e Thompson (2001). Portanto, a linguagem como avaliação quer dizer como um escritor/falante se posiciona, o que, em termos sistêmico-funcionais, é representada da seguinte forma: (1) expressão da opinião – o que o escritor pensa ou sente; (2) manutenção de relações – a avaliação é usada para manipular o leitor, persuadi-lo ou ver as coisas de um modo particular, um ponto de vista e (3) organização do texto (HUNSTON E THOMPSON, 2001).

A respeito da expressão do posicionamento, a avaliação é “o termo geral de encapsulamento da expressão da atitude, do posicionamento, do ponto de vista ou dos sentimentos sobre entidades ou proposições do falante/escritor em relação” (HUNSTON E THOMPSON, 2011, p. 5)³⁸.

Por seu turno, Thompson e Alba-Juez (2014) revisam o conceito de avaliação quando da consideração de três elementos. O primeiro é a relação entre posicionamento/atitude com avaliação. Como destacam Hunston e Thompson (2001), existem vários conceitos usados para falar do mesmo fenômeno: (a) conotação; (b) attitude; (c) avaliatividade; (d) posicionamento epistêmico e (f) posicionamento. O segundo é a observação de que a avaliação permeia vários níveis de descrição linguística: (a) fonológico; (b) morfológico (uso de prefixos ou sufixos); (c) sintático; (d) semântico e (e) lexical, com palavras axiológicas (THOMPSON E ALBA-JUEZ, 2014).

O terceiro elemento é que a avaliação é um sistema dinâmico em que fatores de ordem pragmática e contextual precisam ser levados em conta. Segundo os próprios teóricos afirmam, “the stance being shown or expressed is normally the result of a very complex interaction between the speaker’s internal set of values, her considerations about politeness, and her anticipation of what her interlocutor(s) might think or say with respect to her expressed evaluation, among other things” (THOMPSON E ALBA-JUEZ, 2014). Dadas as considerações supramencionadas, o conceito de avaliação é articulado nos seguintes termos:

Um subsistema dinâmico de linguagem, permeando todos os níveis linguísticos e envolvendo a expressão da atitude ou postura do falante ou do escritor em relação às entidades ou propostas de que fala, que implica um trabalho relacional, incluindo a resposta (possível e prototipicamente esperada e subsequente) do ouvinte ou (potencial) público. Este trabalho relacional está geralmente relacionado com o conjunto de valores pessoais, de grupo ou culturais do orador e/ou ouvinte (THOMPSON E ALBA-JUEZ, 2014, p.13)³⁹.

Essa definição procura esquematizar todos os elementos já descritos que compõem direta ou indiretamente o estudo da avaliação. Essa síntese teórica procura, portanto, articular fatores linguísticos, quando dos elementos puramente constitutivos da língua; sociológicos, quando dos valores culturais expressos por determinada comunidade

³⁸ Minha tradução de: the broad cover term for the expression of speaker or writer’s attitude or stance towards, viewpoint on, feelings about entites or propositions that he or she is talking about”

³⁹ Minha tradução de: A dynamical subsystem of language, permeating all linguistic levels and involving the expression of the speaker’s or writer’s attitude or stance towards, viewpoint on, or feelings about the entities or propositions that s/he is talking about, which entails relational work including the (possible and prototypically expected and subsequent) response of the hearer or (potential) audience. This relational work is generally related to the speaker’s and/or the hearer’s personal, group, or cultural set of values.

e cognitivos, quando da experiência do escritor/falante bem como das expectativas que se procura criar no leitor.

No que concerne à manutenção de relações, o texto é escrito de determinada forma para influenciar o leitor. Aqui importa não somente o que, mas também o como se apresenta o texto. O motivo de tal estratégia é que “quanto menos obstrutivamente a avaliação for colocada na cláusula, mais provável é que ela manipule com sucesso o leitor” (HUNSTON E THOMPSON, 2001, p.9)⁴⁰.

No que diz respeito à organização textual, ao escrever um texto, o escritor diz sobre o que, mas também sobre o como. O texto é orientado para determinada conclusão e não para outras (KOCH, 2011). Logo, a organização do texto é importante porque pode revelar o(s) ponto(s) de proeminência e assim, a avaliação. No dizer de Hunston e Thompson (2001, p.12), “a avaliação que tanto organiza o discurso como indica o seu significado pode ser dita para dizer ao leitor o ‘ponto’ do discurso”⁴¹.

Pretendemos analisar os usos dos elementos gramaticais da perspectiva da teoria da avaliação. Uma das formas de avaliação é pelos usos das formas verbais. Outra é por partículas que expressam ponto de vista como é o caso de ἄλλὰ, μέν, νῦν δ’, δέ, por exemplo.

Sintetizando o que foi dito sobre os pressupostos relativos ao texto, tem-se que: (1) a gramática é um instrumento de interação entre participantes com fins comunicativos, comunicação sendo entendida não somente como informar mas também saber como fazê-lo bem como influenciar o leitor; (2) escolha implica significado: havendo um conjunto de opções no sistema verbal grego, como aoristo, presente, imperfeito etc, a escolha de um em relação aos demais implica produção de significado e (3) estas escolhas podem expressar a saliência de certos elementos que o escritor quer destacar.

Na parábase, dos versos 509-545, pretende-se analisar os elementos textuais que contribuem para os propósitos desta parábase. Assim, os estudos linguísticos revelam como podem contribuir para os literários na busca de aproximação de tais disciplinas tendo o texto como objeto de pesquisa.

⁴⁰ Minha tradução de: the less obstrusively the evaluation is placed in the clause, the more likely it is to successfully manipulate the reader.

⁴¹ Minha tradução de: evaluation which both organizes the discourse and indicates its significance might be said to tell the reader the ‘point’ of the discourse

Tradução comentada

Nesta seção apresentamos o texto selecionado seguido de uma tradução nossa. Em seguida são feitas as análises considerando o texto grego e a tradução realizada. Partindo da Teoria da avaliação, propomos descrever aspecto verbal e conjunções e partículas a partir dos conceitos de ponto de vista e distanciamento, os quais, tomados da Poética Cognitiva, orientam-nos na análise da avaliação. A nossa tradução tomará como base a de Pompeu (2017).

O texto para estudo de caso é a parábase (vv. 507-545) da peça *Cavaleiros*. Consoante destaca Pompeu (2017), comentando a respeito dos versos 507-511 na sua tradução, na parábase, o coro da peça, composto da aristocracia da Cavalaria, elogia o poeta que entra em confronto com Tifão. É na parábase que o poeta se revela ao público mostrando suas críticas.

εἰ μὲν τις ἀνὴρ τῶν ἀρχαίων κωμωδοδιδάσκαλος ἡμᾶς
 ἠνάγκαζεν λέξοντας ἔπη πρὸς τὸ θέατρον παραβῆναι,
 οὐκ ἂν φαύλως ἔτυχεν τούτου: νῦν δ' ἄξιός ἐσθ' ὁ ποιητής, 510
 ὅτι τοὺς αὐτοὺς ἡμῖν μισεῖ τολμᾷ τε λέγειν τὰ δίκαια,
 καὶ γενναίως πρὸς τὸν τυφῶ χωρεῖ καὶ τὴν ἐριώλην.
 ἃ δὲ θαυμάζειν ὑμῶν φησιν πολλοὺς αὐτῷ προσιόντας
 καὶ βασανίζειν ὡς οὐχὶ πάλαι χορὸν αἰτοίη καθ' ἑαυτόν,
 ἡμᾶς ὑμῖν ἐκέλευε φράσαι περὶ τούτου. φησὶ γὰρ ἀνὴρ 515
 οὐχ ὑπ' ἀνοίας τοῦτο πεπονθῶς διατρίβειν, ἀλλὰ νομίζων
 κωμωδοδιδασκαλίαν εἶναι χαλεπώτατον ἔργον ἀπάντων:
 πολλῶν γὰρ δὴ πειρασάντων αὐτὴν ὀλίγοις χαρίσασθαι:
 ὑμᾶς τε πάλαι διαγιγνώσκων ἐπετείους τὴν φύσιν ὄντας
 καὶ τοὺς προτέρους τῶν ποιητῶν ἅμα τῷ γήρῳ προδιδόντας: 520
 τοῦτο μὲν εἰδὼς ἄπαθε Μάγνης ἅμα ταῖς πολιαῖς κατιούσας,
 ὃς πλείστα χορῶν τῶν ἀντιπάλων νίκης ἔστησε τροπαῖα:
 πάσας δ' ὑμῖν φωνὰς ἰεῖς καὶ ψάλλων καὶ πτερυγίζων
 καὶ λυδίζων καὶ ψηνίζων καὶ βαπτόμενος βατραχείοις
 οὐκ ἐξήρκεσεν, ἀλλὰ τελευτῶν ἐπὶ γήρῳ, οὐ γὰρ ἐφ' ἥβης, 525
 ἐξεβλήθη πρεσβύτης ὢν, ὅτι τοῦ σκώπτειν ἀπελείφθη:
 εἶτα Κρατίνου μεμνημένος, ὃς πολλῶν ῥεύσας ποτ' ἐπαίνῳ
 διὰ τῶν ἀφελῶν πεδίων ἔρρει, καὶ τῆς στάσεως παρασύρων
 ἐφόρει τὰς δρυὲς καὶ τὰς πλατάνους καὶ τοὺς ἐχθροὺς προθελύμνους:
 ἄσαι δ' οὐκ ἦν ἐν ξυμποσίῳ πλὴν 'Δωροῖ συκοπέδιλε,' 530
 καὶ 'τέκτονες εὐπαλάμων ὕμνων:' οὕτως ἦνθησεν ἐκεῖνος.
 νυνὶ δ' ὑμεῖς αὐτὸν ὀρῶντες παραληροῦντ' οὐκ ἐλεεῖτε,
 ἐκπιπτουσῶν τῶν ἠλέκτρων καὶ τοῦ τόνου οὐκέτ' ἐνότος
 τῶν θ' ἀρμονιῶν διαχασκουσῶν: ἀλλὰ γέρων ὢν περιέρρει,
 ὥσπερ Κοννάς, στέφανον μὲν ἔχων αὔρον δίψη δ' ἀπολωλώς, 535
 ὃν χρῆν διὰ τὰς προτέρας νίκας πίνειν ἐν τῷ πρυτανείῳ,
 καὶ μὴ ληρεῖν ἀλλὰ θεᾶσθαι λιπαρὸν παρὰ τῷ Διονύσῳ.
 οἴας δὲ Κράτης ὀργὰς ὑμῶν ἠνέσχετο καὶ στυφελιγμούς,

ὄς ἀπὸ σμικρᾶς δαπάνης ὑμᾶς ἀριστίζων ἀπέπεμπεν,
 ἀπὸ κραμβοτάτου στόματος μάττων ἀστειοτάτας ἐπινοίας: 540
 χούτος μέντοι μόνος ἀντήρκει, τοτὲ μὲν πίπτων τοτὲ δ' οὐχί.
 ταῦτ' ὄρρωδῶν διέτριβεν ἀεὶ, καὶ πρὸς τούτοισιν ἔφασκεν
 ἐρέτην χρῆναι πρῶτα γενέσθαι πρὶν πηδαλίοις ἐπιχειρεῖν,
 κᾶτ' ἐντεῦθεν πρῶρατεῦσαι καὶ τοὺς ἀνέμους διαθρῆσαι,
 κᾶτα κυβερνᾶν αὐτὸν ἑαυτῷ. τούτων οὖν οὐνεκα πάντων, 545
 ὅτι σωφρονικῶς κοῦκ ἀνοήτως ἐσπηδήσας ἐφλυᾶρει,
 αἴρεσθ' αὐτῷ πολὺ τὸ ρόθιον, παραπέμψατ' ἐφ' ἔνδεκα κόπαις⁴²

Se, por um lado, algum dentre os antigos mestres de comédia a nós viesse forçar para recitarmos e avançar ante os espectadores, não teria conseguido facilmente. Por outro lado, digno é o poeta. porque os mesmos que nós ele odeia, ademais, ousa dizer o que é justo, 510 E, de modo nobre, contra Tifão ciclone avança. Pelo maravilhar-se de muitos de vocês, ele diz, chegando até ele Ao perguntar como ainda não teria pedido [optativo] coro para si, mandar-nos-ia [imperfeito] urgentemente explicar sobre isso. Assim diz o homem que sem tolices perdeu este tempo; antes, considerando 515 a direção de uma comédia ser a tarefa mais difícil de todas por isso evidentemente muitos tentando, a poucos ela faz agradecer e vocês, há muito se percebendo que são inconstantes por natureza e os poetas anteriores traíam chegando à velhice isto, por um lado, é conhecido: sofreu Magnes chegando os cabelos brancos, 520 que sobre os coros rivais de vitória levantou troféus; por outro lado, todos os sons tocando lira e batendo asas falando lídio, zumbindo como moscas, tingindo rãs não foi suficiente. Antes, na velhice, e porque não na juventude, foi expulso sendo senil, pois de zombar foi impedido; 525 então de Cratino lembrado, o qual fez fluir aplausos pelas lisas planícies escorria [imperfeito], e do solo arrastando carregava [imperfeito] os carvalhos, os plátanos e os rivais arrancando pela raiz; Cantar não era no simpósio, salvo, “Dom de sandália delatar”, e “artesãos de hinos bem formados”; desta forma, aquele floresceu. 530 por ora, vendo-o, falava coisas sem sentido [imperfeito], vocês não se apiedam, soltando as cavilhas e a distensão não mais existindo e as juntas entreabrindo-se; antes, sendo velho, perambulava [imperfeito] como Conas, de um lado, tendo coroa seca; de outro, pela sede, destruído. que devia beber as vitórias anteriores no Pritaneu, 535 e não tagarelar; antes, observar mais brilhante o teatro de Dioniso. Quais iras de vocês Crates suportou e maus tratos, ele que de pequeno gasto almoçando vos mandava embora [imperfeito] de mais delicada boca espremendo as mais civilizadas ideias; este, certamente, resistia por si mesmo [imperfeito], ora caindo, ora não. 540 Isto temendo demorava [imperfeito] sempre, e para este declarava [imperfeito] remador primeiro deveria ser antes de colocar as mãos nos lemes

⁴² Texto extraído do site Perseus:

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0033%3Acard%3D507>, em 27/07/19 às 20.19.

e então ser segundo piloto e os ventos examinar,
e depois pilotar por si mesmo; por causa de todas essas coisas,
que sabiamente, não tolamente, dizia [imperfeito] tolices 545
levantai a ele grande urra, acompanhai onze remos.

Itens lexicais

A teoria da avaliação, de base fundamentalmente lexical, observa que a avaliação ocorre pelos usos de palavras; consoante notam Hunston e Thompson (2001), alguns itens lexicais são claramente avaliativos como adjetivos, advérbios, nomes. No texto grego é possível observar alguns termos avaliativos: (1) quando usados para fazer referência ao poeta:

(1) νῦν δ' ἄξιός ἐσθ' ὁ ποιητής;
ὅτι τοὺς αὐτοὺς ἡμῖν μισεῖ τολμᾷ τε λέγειν τὰ δίκαια
καὶ γενναίως πρὸς τὸν τυφῶ χωρεῖ καὶ τὴν ἐριώλην

Por outro lado, digno é o poeta.

porque os mesmos que nós ele odeia; ademais: ousa dizer o que é justo,
E, de modo nobre, contra Tifão ciclone avança.

Hunston e Thompson (2001) declaram que é possível refletir sobre o conceito de avaliação por uma perspectiva conceptual e outra linguística. Conceitualmente, pode-se identificar a avaliação por comparação, subjetividade e valor agregado. Assim existe um elemento de comparação no ato de avaliar. Por seu turno, os elementos linguísticos são léxis, gramática e texto: adjetivos, advérbios, nomes e verbos. Nos versos acima temos os elementos (a) ἄξιός – adjetivo; (b) τὰ δίκαια – adjetivo em relação à fala do poeta, o que, por extensão, significa dizer que ele é alguém que busca o certo e (c) γενναίως – adjetivo.

Um valor agregado na comunidade grega era o da justiça, da qual o poeta se revela como um defensor. Ademais, o elemento avaliativo de comparação também é observado no momento em que o poeta é colocado como uma antítese na disputa pelo poder da cidade.

Perspectiva e distanciamento: o efeito de ironia e polidez

(2) εἰ μὲν τις ἀνὴρ τῶν ἀρχαίων κωμωδοδιδάσκαλος ἡμᾶς
ἠνάγκαζεν λέξοντας ἔπη πρὸς τὸ θέατρον παραβῆναι,
οὐκ ἂν φαύλως ἔτυχεν τούτου:

Se, por um lado, algum dentre os antigos mestres de comédia a nós viesse forçar para recitarmos e avançar ante os espectadores, não teria conseguido facilmente.

As condicionais no grego clássico se apresentam pelos seguintes motivos. Primeiro, há mais de uma partícula condicional. Em segundo lugar, há diferenças entre condicionais por causa dos modos. Em algumas, a estrutura tem o indicativo como base; em outras, o subjuntivo. Para complicar ainda mais a situação, o grego tem aspecto verbal. Esta conjunção entre partícula condicional, modo e aspecto é o que torna o estudo de orações condicionais difícil.

Conforme Whitman (1964), um entendimento errôneo é entender que o poeta faz uma aliança com os jovens aristocratas que formam o coro com base nas orações iniciais da parábase. Entretanto, segundo Whitman (1964, p.82), “o que dizem [o coro] é mais ironia aristofânica do que política”⁴³.

As escolhas aspectuais têm função de marcar o grau de comprometimento da parte de quem enuncia. Dito de outra forma, sinalizam o distanciamento ou proximidade e assim marcam o comprometimento ou não. De conformidade com Sweetser (1996)⁴⁴, Fillmore propõe que o elemento básico do significado da condicional é o posicionamento epistêmico, isto é, a associação ou não com o mundo da prótase.

Tal distanciamento acontece não somente pelo uso da partícula condicional mas pelo uso aspectual. É possível observar que a ironia é marcada textualmente pelo uso da condicional com função contrafactual. Na oração condicional, o uso do imperfeito sinaliza função modal indicando contrafactualidade (BOAS ET AL, 2019).

As palavras de Pompeu (2004, p.39) são relevantes aqui: “o poeta, na parábase, diz, através do coro, que compor uma comédia é a mais árdua tarefa, especialmente, por causa do humor dos atenienses, que muda com os anos, e eles não valorizam mais os poetas de antes”.

Por meio das escolhas verbais, o poeta ecoa a voz do povo por meio do coro a fim de expressar a rejeição do povo aos poetas antigos, o que é feito pelo imperfeito contrafactual. A condicional com imperfeito, este tendo uso modal, serve para marcar grau de distanciamento do coro em relação aos poetas antigos. Assim, Aristófanes coloca

⁴³ Minha tradução de: What they say smacks more of Aristophanean irony than of politics.

⁴⁴ Ainda de acordo com Sweetser (1996), materiais lexicais adicionados dentro da prótase podem vir a encorajar uma interpretação que envolva algum comprometimento de posicionamento epistêmico como é o caso em Heródoto 1.115.3:

εἰ ὅν δὴ τοῦδε εἵνεκα ἄξιός τευκακοῦ εἰμί, ὅδε τοὶ πάρεμι.

Se, então, realmente sou digno de qualquer mal por isso, eis-me aqui. Em que a partícula δὴ, conforme Wakker (1997), é usada para chamar atenção para algo importante. Em outras palavras, é um recurso para indicar proeminência.

a voz do povo por meio do coro mediante o uso da condicional. Ao usar a condicional com imperfeito, a voz do povo é ecoada. O efeito irônico se dá por causa do contraste pelo uso de $\nu\tilde{\nu}\nu$ δ' ἄξιός ἐσθ' ὁ ποιητής, que indica uma mudança de perspectiva sendo contrastada com a anterior. A ideia básica de $\nu\tilde{\nu}\nu$ é marcar transição (BOAS ET AL, 2009), ao passo que δέ sinaliza mudança para um segmento nodo e distinto (BOAS ET AL, 2009). Dessarte, há mudança de uma perspectiva para outra. A primeira é a negação ao ato forçoso hipotético dos antigos poetas para terem seus versos recitados. A segunda é a recitação dos versos de Aristófanes da parte do coro. Tal mudança de perspectiva é que causa o efeito irônico. O contraste é um efeito pragmático entre os poetas antigos e Aristófanes: sendo os poetas antigos rejeitados e Aristófanes um poeta, esperar-se-ia que ele também o fosse.

Fleischman (1989) observa que a distância temporal é usada, metaforicamente, para expressar distância modal como é o caso dos usos das condicionais, de sorte que quanto maior a distância da realidade tanto mais remoto o tempo pretérito utilizado para representar distância epistêmica. Além disso, ela nota que em muitas línguas o passado é usado para suavizar ou atenuar declarações diretas ou pedidos. A esse fenômeno ela chama de distância social comumente conhecido como polidez.

Nesta seção escolhida da parábase é possível notar que o poeta, por meio do coro, começa a fazer críticas ao povo destacando que este não se importa mais com a comédia, o que se expressa mediante o desprezo em relação aos comediantes antigos. De acordo com Pompeu (2004), era comum oradores, políticos e comediógrafos criticarem o povo. A crítica na comédia, situada no contexto das disputas pelos prêmios, se dava com a finalidade de levar o povo a refletir sobre si de modo criterioso. Cabe salientar que nessa seção ocorre uma predominância de verbos no imperfeito ($\eta\tilde{\nu}\acute{\alpha}\gamma\kappa\alpha\zeta\epsilon\nu$, $\acute{\epsilon}\kappa\acute{\epsilon}\lambda\epsilon\nu\epsilon$, $\pi\epsilon\rho\iota\acute{\epsilon}\rho\rho\epsilon\iota$, $\delta\iota\acute{\epsilon}\tau\rho\iota\beta\epsilon\nu$, $\acute{\alpha}\pi\acute{\epsilon}\pi\epsilon\mu\pi\epsilon\nu$, $\acute{\alpha}\nu\tau\eta\acute{\rho}\kappa\epsilon\iota$, $\acute{\epsilon}\rho\rho\epsilon\iota$, $\acute{\epsilon}\phi\acute{o}\rho\epsilon\iota$, $\acute{\epsilon}\phi\alpha\sigma\kappa\epsilon\nu$, $\acute{\epsilon}\phi\lambda\upsilon\acute{\alpha}\rho\epsilon\iota$, $\delta\iota\acute{\epsilon}\tau\rho\iota\beta\epsilon\nu$, $\eta\tilde{\nu}$).

As escolhas dos imperfeitos não parecem ser de modo descuidado, uma vez que, na perspectiva da LSF, escolha implica significado, de tal maneira que é plausível, considerando o uso modal do imperfeito tendo como efeito de sentido a polidez, o imperfeito estar sendo usado aqui predominantemente para tecer críticas ao povo ainda que de modo tênue.

O presente se encontra também nesta parte selecionada ($\mu\iota\sigma\epsilon\tilde{\iota}$, $\tau\omicron\lambda\mu\tilde{\alpha}$, $\phi\eta\sigma\iota\nu$ [2x], $\acute{\epsilon}\lambda\epsilon\epsilon\tilde{\iota}\tau\epsilon$). O aspecto presente geralmente é entendido como presente histórico em narrativas. Como afirma Rijksbaron (2006), o presente significa que um estado de coisas

está localizado no momento da fala. Não parece que tal vivacidade seja somente em usos em narrativas, mas o seja por causa da semântica aspectual, o que traz a ideia de proximidade. Essa parece ser a base cognitiva dos efeitos semântico-pragmáticos de vivacidade.

Nos dois primeiros usos, os presentes salientam o louvor ao poeta (ὄτι τοὺς αὐτοὺς ἡμῖν μισεῖ τολμᾷ τε λέγειν τὰ δίκαια) em relação, ao passo que em outro uso (νυνὶ δ' ὑμεῖς αὐτὸν ὀρῶντες παραληροῦντ' οὐκ ἔλεεῖτε), o comediante, pela voz do coro, enfatiza sua crítica ao público que despreza os antigos comediógrafos.

No texto há uso de optativo, que, como um dos modos, serve para expressar diferentes atitudes (BOAS ET AL, 2019). Com o aspecto presente, o optativo parece indicar certo distanciamento com polidez indicando certo respeito para com o poeta como é o caso em καὶ βασανίζεῖν ὡς οὐχὶ πάλαι χορὸν αἰτοίη καθ' ἑαυτὸν (Ao perguntar como ainda não teria pedido coro para si).

Os aspectos aoristo, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito são usados para expressar distanciamento. É por essa razão que todos estes têm ideia de passado (RIJKSBARON, 2006). Fleischman (1989), fundamentada em visão cognitiva-funcional, destaca que formas pretéritas têm função de distanciamento epistêmico.

Geralmente os estudos aspectuais são analisados pelas relações binárias de oposição: perfectivo versus imperfectivo. Entretanto, essa explanação não descreve as nuances de usos nas situações concretas, por isso talvez uma visão pragmático-cognitiva seja mais interessante.

Desta feita nossa sugestão é que as relações aspectuais possam ser vistas em termos cognitivos-pragmáticos de gradiência com base na estrutura especial pela dicotomia distância e proximidade. De acordo com Givón (1989), a pragmática tem como característica fundamental que as categorias não são completamente discretas, mas que se mostram em matizes e gradações, havendo também elementos salientes da percepção humana, o que se expressa pelas noções de figura e fundo. Assim teríamos:

Mais-que-perfeito > perfeito > aoristo > imperfeito > presente.

Da esquerda para direita o mais prototípico – o que exemplifica mais determinada categoria – em termos de distanciamento seria o mais-que-perfeito ao passo que o mais prototípico no que concerne à proximidade seria o presente, havendo gradiência entre os demais aspectos.

Enquanto o aoristo traria uma noção de neutralidade colocando os eventos descritos como realizados, o presente indicaria comprometimento, mais engajamento da parte do escritor. Já as formas mais-que-perfeito, perfeito e imperfeito indicariam graus maiores de distanciamento, sendo percebidas suas nuances nos textos em contato com os demais elementos linguísticos, fatores sociais e cognitivos.

Esta proposta ajuda a compreender os usos aspectuais, pelo menos, no texto escolhido como estudo de caso. Claro que essa hipótese precisará ser avaliada a partir de *corpora* maior, o que não é o alvo aqui uma defesa dessa hipótese.

Nos versos escolhidos para esta análise há verbos no aoristo, que sinalizam certa apresentação de neutralidade quanto às proposições; por sua vez o perfeito indica maior grau de distanciamento sinalizando que a informação é vista como pressuposta para os fins avaliativos do poeta (τοῦτο μὲν εἰδὼς ἄπαθε Μάγνης ἅμα ταῖς πολιαῖς κατιούσαις), tencionando levar o público à aceitação da informação. Como afirma Givón (1989), a pressuposição é um conhecimento compartilhado que as partes tomam como inquestionável, o que não quer dizer necessariamente que seja verdade correspondente à realidade. Os presentes destacam maior proximidade.

Nos primeiros usos (ὅτι τοὺς αὐτοὺς ἡμῖν μισεῖ τολμᾷ τε λέγειν τὰ δίκαια), o coro se alinha com o poeta, por este se voltar contra Tifão, de sorte que os usos do presente servem para acentuar o comprometimento dos Cavaleiros em relação ao poeta. Mais adiante o presente é usado para fazer uma crítica acentuada ao povo que rejeita Cratino (νυνὶ δ' ὑμεῖς αὐτὸν ὀρῶντες παραληροῦντ' οὐκ ἐλεεῖτε), de maneira que o uso aspectual presente serve para orientar argumentativamente o texto no que diz respeito a salientar como a comédia não estava sendo mais valorizada. Tanto presente quanto imperfeito são aspecto imperfectivo em que a distinção entre ambos seria de gradiência em que presente mostra crítica mais acentuada ao passo que os imperfeitos, críticas mais suaves, polidas.

Outros marcadores de perspectiva

Conrad e Biber (2001), tratando de marcadores adverbiais de posicionamento na fala e na escrita, classificam expressões adverbiais em três categorias: (1) posicionamento epistêmico – que indica a certeza que tem um falante ou escritor ou de onde vem a informação dada; (b) posicionamento atitudinal – que indica sentimentos ou julgamentos sobre o que é dito ou escrito e (c) posicionamento estilístico – indica como algo é dito ou escrito.

Para Wakker (1997), δὴ serve para chamar atenção para a importância da proposição apresentada. Consoante Boas et. al (2019), δὴ pode dar uma nuance de certeza ou evidência à explicação/motivação dada pela conjunção γὰρ. O que pela ótica da Teoria da Avaliação e da Poética Cognitiva significa dizer que é recurso cuja função é expressar atitude e avaliação da parte do escritor como visto no excerto abaixo.

(3) ἀλλὰ νομίζων
 κωμωδοδιδασκαλίαν εἶναι χαλεπώτατον ἔργον ἀπάντων:
 πολλῶν γὰρ δὴ πειρασάντων αὐτὴν ὀλίγοις χαρίσασθαι:

antes, considerando
 a direção de uma comédia ser a tarefa mais difícil de todas
 por isso evidentemente muitos tentando, a poucos ela faz agraciar.

Tendo em vista o caráter modal-avaliativo da conjunção entre γὰρ δὴ, optou-se por traduzi-los, respectivamente por “por isso” e “evidentemente”. Desta maneira, é como recurso de manipulação do leitor procurando conduzir este a determinada orientação argumentativa que as duas partículas servem na organização textual, o que confere o estatuto de textualidade ao texto.

Optou-se por traduzir a conjunção explicativa por “por isso” a fim de ligar cataforicamente o que se segue tendo como base o que foi escrito. Já o uso de δὴ serve como introdução de uma declaração que confirma a dificuldade da comédia, havendo, portanto, um comprometimento da parte do escritor.

Por sua vez, o uso de ἀλλὰ serve para contrapor ao que foi escrito antes fazendo uma retificação. Partindo disso, é desenvolvida a ideia de a comédia ser uma realização árdua para desta forma ressaltar a pessoa do poeta. Desta feita, tem-se um uso metonímico de relação obra-autor: se a obra é difícil, logo, requer alguém com imensa habilidade para tal concretização. É neste contexto que as partículas γὰρ δὴ são usadas.

(4) στέφανον μὲν ἔχων αὔρον δίψη δ’ ἀπολωλώς,
 Por um lado, tendo coroa seca; por outro, pela sede, destruído.

Como afirmam Boas et. al (2019), δέ é usado frequentemente em combinação com μὲν. Para Runge (2011), a relação μὲν... δέ expressa mais continuidade; de modo mais preciso, sinaliza uma correlação ponto catafórico com um elemento que é introduzido por δέ. Além disso a partícula μὲν “indica incompletude ou indefinição – indica que seu segmento em si não fornece todas as informações necessárias; ele levanta a expectativa de que outro segmento de texto será seguido para fornecer uma adição ou contraste” (BOAS ET AL, 2019, p.676).

Runge (2011) também afirma que μὲν é prospectivo trazendo a noção de expectativa, ainda que não apareça mais adiante δέ, de sorte que é um recurso usado para que o leitor não perca os pontos que o escritor deseja salientar. Desta feita, essa partícula apresenta tanto expectativa quanto relevância, o que a configura como elemento sinalizador de avaliação. Dito de outra maneira, é um recurso usado para orientar argumentativamente no destaque da figura do poeta.

Agora, trataremos particularmente do ἀλλὰ como turno de fala. Como afirma Drummen (2009), um marcador discursivo é usado para marcar uma relação particular entre o discurso precedente e a mudança pelo seguinte, constituindo, portanto, coesão. Para nossos fins, é preciso, pois, delimitar o conceito de marcador discursivo: “um marcador discursivo sinaliza a visão/atitude/julgamento do falante no que concerne à relação entre os maços de discurso que o precedem e seguem-no, tipicamente nas posições iniciais da frase (enunciação)” (ONODERA, 2011, p.615)⁴⁵.

(5) οὐκ ἐξήρκεσεν, ἀλλὰ τελευτῶν ἐπὶ γήρως, οὐ γὰρ ἐφ’ ἥβης,
Não foi suficiente. Antes, na velhice, e posto que não na juventude...[foi expulso].

(6) φησὶ γὰρ ἀνὴρ οὐχ ὑπ’ ἀνοίας τοῦτο πεπονθὼς διατρίβειν, ἀλλὰ νομίζων
Assim diz o homem que sem tolices perdeu este tempo; antes, considerando

(7) καὶ τοῦ τόνου οὐκέτ’ ἐνόντος
τῶν θ’ ἀρμονιῶν διαχασκουσῶν: ἀλλὰ γέρων ὄν περιέρρει
e a distensão não mais existindo,
as juntas entreabrindo-se; antes, sendo velho, perambulava.

(8) καὶ μὴ ληρεῖν ἀλλὰ θεᾶσθαι λιπαρὸν παρὰ τῷ Διονύσῳ.
e não tagarelar; antes, observar mais brilhante o teatro de Dioniso.

Como destaca Drummen (2009), ἀλλὰ é um marcador discursivo usado em Aristófanes para indicar mudança de fala de sorte a marcar uma correção em relação ao que é dito anteriormente. Por sua vez, Runge (2011) entende que ἀλλὰ não marca desenvolvimento em relação ao que é dito anteriormente sendo um caso de descontinuidade e sua característica principal é criar uma correção do que foi dito anteriormente. Quando ἀλλὰ vem precedido de uma partícula negativa, a relação entre ambos é de ponto/contraponto, por esse motivo que ἀλλὰ costuma ser entendido como

⁴⁵ Minha tradução de: a discourse Marker signals the speaker’s view/attitude/judgement with respect to the relationship between the chunks of discourse that precede and follow it, typically in the sentence (utterance)-initial positions.

contraste. Esse efeito de contraste é em si uma maneira de marcar algo como relevante (saliente) bem como apresentar perspectivas diferentes. Portanto, considerando seu valor como marcador discursivo, expressando ponto de vista e saliência, pode-se inferir que ἄλλὰ pode ser um recurso de avaliação para expressar o posicionamento do escritor. Nos versos apresentados ἄλλὰ posposto à negativa funciona para orientar o leitor no que concerne à perspectiva que o texto quer que seja visto. Logo, a função avaliativa orienta na organização textual em relação à maneira da sua organização lógica.

Considerações finais

Pela análise do excerto da parábase, pode-se notar que análise do texto literário grego mediante a Teoria da Avaliação, com base em pressupostos pragmático-cognitivos e discursivos, pode dar luz a certos elementos textuais levando em conta os alvos comunicativos do escritor.

O estudo da avaliação coloca como destaque a marca do autor no texto em consideração com seu público alvo. Neste sentido, o estudo da parábase fornece uma amostra de como o significado interpessoal é apresentado. Por outro lado, para o estudo da parábase. No excerto selecionado, procurou-se argumentar que pelos recursos textuais, o autor faz críticas ao povo ateniense por este não mais valorizar a comédia.

Diante do exposto, consideramos que o estudo do texto literário sob a perspectiva da avaliação tem muito a desenvolver. Um deles, a descrição das partículas e conjunções. Outro, a pesquisa em aspecto verbal, que no geral, detém-se aos aspectos relativos à semântica ou ao texto como coesão, deixando de lado fatores de interação.